



# ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

## SUMÁRIO

### I. Carta do Reitor-Mor

A nossa separação de Turim — Motivos da transferência para Roma — Audiência do Papa — Com Dom Bosco, e, por isso, com o Papa — Duas alegres notícias — AS MISSÕES, CAMINHO PARA A RENOVAÇÃO — A vocação missionária de Dom Bosco — A atividade apostólica como mandato de Cristo — As Missões, lugar privilegiado da ação missionária — O espírito missionário é essencial à renovação — O apelo do Concílio — Apelo à toda a Congregação — Sugestões para o novo impulso missionário — Uma objeção: falta de pessoal — Outras formas de trabalho missionário — Os tempos exigem uma "nova história".

### II. Disposições e normas

Duração do período dos Votos Temporários, e o Superior competente para admitir a esses votos — Compilação dos formulários "g" e "h".

### III. Comunicações

1. Introdução do Diaconado Permanente — 2. Modificação de Inspetorias — 3. A nova Casa Generalícia em Roma — 4. O Centro Espiritual e Histórico de Turim-Valdocco — 5. Um "Órgão de Coordenação" para o PAS — 6. Nomeações — 7. Causas de Beatificação e Canonização — 8. Solidariedade fraterna.

### IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral

#### V. Documentos

1. Instituição do Diaconado Permanente na Congregação Salesiana — 2. Beatificação do Pe. Rua — 3. Decreto sobre a heroicidade das virtudes de Zeferino Namuncurá — 4. Transferência da Casa Generalícia de Turim para Roma — 5. Nomeação de um Delegado do Reitor Mor para a Polónia — 6. A reorganização do PAS — 7. Novos textos litúrgicos para a festa de Santa Maria Domingas Mazzarello.

#### VI. Magistério Pontifício

1. Perante as sombras humanas da Igreja peregrina — 2. Todos unidos no trabalho na Igreja — 3. A ação pastoral na Igreja de hoje — 4. "Foi como hoje, há nove anos" — 5. A missão cultural e pedagógica das Universidades Eclesiásticas.

#### VII. Necrológico (2.º elenco de 1972).



# I. CARTA DO REITOR-MOR

---

*Roma, Julho de 1972*

*Irmãos e filhos caríssimos,*

Tenho que vos confessar que assinando esta minha carta, datando-a de Roma, invade-me viva e profunda comoção. Compreendereis sem mais o motivo.

Com a transferência da Direção Geral, de Turim, para Roma, encerrou-se um período — e que período! — da nossa história.

Turim viu os primeiros e arrojados empreendimentos de Dom Bosco, em prol dos meninos pobres e necessitados. Em Turim nasceu e cresceu, vencendo obstáculos e dificuldades de toda espécie a Congregação. Desde Turim Dom Bosco e a Congregação tomaram o caminho da admirável expansão através dos vários continentes, que só pode explicar a santidade e os carismas do nosso Pai.

Valdocco, com a Basílica de Maria Auxiliadora, e com tudo o que recolhe e guarda das lembranças do Pai e de seus melhores filhos, há já mais de um século, Valdocco, digo, se tornara centro de atração e meta ideal de milhares e milhares de corações, que encontravam na “Terra dos sonhos e feitos paternos” motivo de grande conforto para a própria vocação.

Quantos ao depois, por várias gerações, desde a Basílica de Valdocco, iniciaram sua grande aventura missionária, irradiando mundo afora o entusiasmo dinâmico e o otimismo construtor de nosso Pai, conservando sempre viva e terna lembrança desses lugares abençoados, lembrança que se traduzia em amorosa fidelidade que a distância, por grande que fosse, longe de amortecer, tornava ainda mais forte e generosa.

Valdocco é para cada um de nós a Casa Paterna e Mater-na ao mesmo tempo, a terra em que nascemos, a terra dos

nossos Pais, a casa que, depois de ter sido por decênios teatro e testemunho das admiráveis empresas que Dom Bosco levou a cabo, recolheu no dia longínquo de 31 de janeiro de 1888 a última palpitação do seu grande coração e se tornou em seguida testemunho de toda a série que foi sempre crescendo, das obras estupendas que se iniciaram no mesmo dia dos seus funerais.

### **A nossa separação de Turim**

Todos os imensos e preciosísimos tesouros acumulados no decorrer de mais de século, em Turim e em Valdocco, não os podíamos deixar sem que sentíssemos todo o peso da separação. Conosco sofreram os Co-irmãos de Turim, especialmente os da Casa Geral e devo acrescentar que também sofreram os Turinenses que juntamente com as Autoridades nos deram a entender, com vivacidade às vezes, que a transferência do Conselho Superior de Turim para Roma, era segundo diziam, uma perda dolorosa e um grande vácuo para a cidade, pois esta sempre teve a sensação de que Dom Bosco e a Congregação eram uma de suas riquezas espirituais, de que se ufanava diante do mundo todo. Isso tudo, caríssimos, vos diz que a separação não foi (e como poderia ser?) indolor.

Mas, como repetidamente disse e escrevi ultimamente, se o Conselho Superior veio para Roma, se as nossas cartas e comunicações são datadas de Roma, o nosso coração está sempre voltado para Turim, onde está Dom Bosco; o nosso espírito nunca como desde quando partimos de lá, quer ser o autêntico espírito que o Pai nos transmitiu.

Antes de nos pormos em viagem, todos os membros do Conselho quisemos proclamar na Basílica diante da urna que conserva os despojos venerados de nosso Pai, na presença dos co-irmãos das diversas Comunidades como testemunhas: “Queremos ser filhos fiéis; por isso, é nossa intenção prometer não só a nossa fidelidade pessoal, mas empenharmos-nos em manter e alimentar na Congregação renovado sentido da fidelidade ao espírito, ao verdadeiro espírito do Pai”.

Sentimos que esse é o preciso dever que temos e é ao mesmo tempo elemento imprescindível para a vitalidade e fecundidade da Missão que a Providência confiou à Congregação, principalmente neste momento em que todos os Sale-

sianos estão empenhados na ação de renascimento espiritual que se chama Renovação.

E que será de Valdocco? Valdocco consagrado e valorizado como “Centro Histórico e Espiritual da Congregação” com todos os tesouros salesianos que encerra naquela pequena área de terra, será tratado com amor, para que seja mais do que antes o polo de atração a que virão de todas as partes do mundo os membros da família salesiana para ali encontrarem o clima e ambiente que fará reviver a idade de ouro da Congregação, restaurando beneficentemente as energias do espírito que anos e fadigas possam ter desgastado.

### **Motivos da transferência para Roma**

Como haveis de saber, desde o dia 1.º de junho p. p., o Conselho Superior trabalha e exerce suas funções de governo em Roma, com todos os escritórios que dele dependem.

Não me parece fora de propósito recordar aqui o sentido e as motivações profundas da nossa presença na Capital do mundo Católico. Antes de tudo apraz-me lembrar que em 1965 o XIX Capítulo Geral formulara o voto de transferência. O Conselho evidentemente não podia eximir-se de realizar o voto da Assembléia Capitular.

Mas ocorre também acrescentar que esse voto, aliás não de todo novo, à luz do desenvolvimento que a Congregação foi tomando e de situações anteriormente inexistentes, apoiava-se em motivações e exigências que não se podiam subestimar.

Interessante é notar que Dom Bosco mesmo, como consta das Memórias Biográficas, antes ainda da aprovação das Regras, acariciava a idéia de uma presença viva e não só simbólica da Congregação no Centro da Igreja Católica e perto do Papa — “Centro da Unidade, do Magistério, da Autoridade”. (M.B., XIV, 570).

Roma, de fato, exerceu sobre Dom Bosco um encantamento tão forte que dela fez o segundo centro da sua vida e da mesma Congregação. Nada desejou tanto como ter, depois do sinal de aprovação por parte de Deus, a chancela da Santa Sé sobre a Obra que estava fundando.

Ao Pe. Rua, de quem entrevia claramente a Missão que ia ter na Congregação, ao seu lado, durante a vida e ao depois, como lembrança da primeira Missa escreverá de próprio punho: “Esto Romanus”.

Com razão João XXIII, sintetizando numa visão retrospectiva a vida e o coração de Dom Bosco podia defini-lo solenemente: “Sacerdote Romano”.

Mas se a nossa presença junto de Pedro, na cidade universal por excelência, está na linha espiritual do nosso Pai, claro é que hoje a exige de modo preciso a mesma universalidade que a Congregação já alcançou. Foi o que oportunamente nos lembrou Paulo VI, na recente audiência geral em que tomou parte o Conselho Superior apenas chegou de Turim.

A Congregação, sobretudo no momento atual, sente a necessidade e o dever de se inserir profundamente na vida da Igreja e tomar contato com todos os movimentos apostólicos e espirituais que partem deste Centro para se irradiarem pelo mundo. Não se pode ficar à margem e receber só indiretamente alguns desses estímulos. Tem consciência de que deve empenhar-se diretamente em fecundo contato e confronto com tão numerosas forças que vão fermentando no Centro da Igreja e de aí se vão espalhando.

A importância da Missão que a Congregação tem na Igreja de hoje, leva-a a Roma não tanto por causa de um serviço mais adequado aos fins apostólicos e espirituais que lhe são peculiares, como por causa da consciência de uma responsabilidade e serviço eclesiais, provenientes precisamente da dimensão que ela hoje tem no mundo.

Não é preciso, pois, nos detenhamos a pôr em evidência todas as vantagens dos frequentes e fáceis contatos com os vários Dicasterios eclesiásticos, junto dos quais temos sempre numerosos e importantes problemas que tratar.

### **Audiência do Papa**

Estas notas de nossa presença em Roma parece-me tenham tido marca cheia de autoridade e significação no que sucedeu na audiência geral a que acima me referi.

Falo-vos com simplicidade familiar.

Apenas chegados a Roma, apressei-me a enviar um telegrama de respeitosa saudação ao Santo Padre e a pedir para o Conselho Superior participação na audiência geral de quarta-feira, dia 7 de junho. Foi-nos concedida imediatamente.

Estavamos na nova e imensa sala de audiências, na primeira fileira com milhares de fiéis de todas as línguas e nações. Foi surpresa quando o Santo Padre, ao tomar a palavra, quis apresentar à imensa assembléa o Conselho Superior dos Salesianos, dizendo que teria preferido o encontro numa audiência especial, mas que estava contente por “nos ver no meio do povo”, porque “os Salesianos, por vocação, preferem estar com o povo e para o povo, pelo qual trabalham”. Porém há mais ainda. A certa altura, apresentando-o à assembléa convida o Reitor-Mor a pôr-se de pé para que todos pudessem ver quem era o sucessor de Dom Bosco. Podeis calcular a confusão e a comoção de quem vos escreve.

Refletindo não só nas palavras, mas também no gesto do Santo Padre, pareceu-me entrever nisso um sinal e advertência evidente e de muita atualidade. A Congregação representada pelo Conselho Superior com o Reitor-Mor teve primeiramente a sanção diria oficial do mesmo Santo Padre ao gesto “romano” que fez, com a transferência de Turim para Roma. E não só isso, foi apresentada ao Povo de Deus como Congregação que se dedica ao Povo.

O Reitor-Mor, e com ele a Congregação, estão assim comprometidos pela palavra do Papa, perante a imensa multidão que representava de maneira visível toda a Igreja, comprometidos, repito, na dupla fidelidade ao Papa e à missão popular, antes de tudo em prol dos jovens.

Caríssimos, os momentos da audiência gravaram-se-me na lembrança, porém mais ainda no coração. Os sentimentos experimentados nesse memorando encontro devem transformar-se em patrimônio ideal de todos os salesianos.

Ao Sumo Pontífice, que não se cansa de demonstrar à nossa humilde Congregação estima, confiança e grande benevolência, toda a nossa afetuosa gratidão, mas especialmente a nossa indefectível fidelidade, com o coração de Dom Bosco.

### **Com Dom Bosco, e, por isso, com o Papa**

Não é raro hoje ouvir críticas e contestações, mesmo graves e irreverentes, por parte de sacerdotes e religiosos,

não só com relação a pessoa de Paulo VI, mas do Papa, do Vigário de Cristo, ao seu magistério e nem sempre sobre questões marginais ou disciplinares. Eu digo aos membros da nossa Família uma palavra que, independentemente de outros argumentos também válidos, quero se apoie em valores escolhidos com cuidado e que são próprios da nossa tradição espiritual.

Quem se dissesse e quisesse ser filho de Dom Bosco, mas por outro lado não amasse sinceramente ao Papa e se pusesse habitualmente ao lado dos que criticam e contestam e lhe faltasse com o devido respeito, sem se preocupar com o magistério que lhe é próprio, esse se excluiria por si mesmo da nossa autêntica tradição. Dom Bosco não o pode reconhecer como a verdadeiro filho.

Basta para tanto conhecer superficialmente tão só a ação, o pensamento e os sentimentos de Dom Bosco em todos os instantes da sua vida, até ao último suspiro para o perceber. São muito numerosas as páginas das Memórias Biográficas que referem a constante e claríssima prova da atitude de Dom Bosco com relação ao Papa, de Dom Bosco não só como sacerdote, mas também como Fundador. Algumas citações entre centenaes espalhadas nos dezenove volumes: — “A fé para ser viva e frutuosa deve ser sempre iluminada pelo Vigário de Cristo”. (M. B., IX, 228-1). “Quem não edifica com o Papa, estraga e destrói até ao abismo” (MB, XII, 171). “Estou com o Papa e disso me ufano” (MB, XII, 423). Falando aos Salesianos, eis seus sentimentos e preocupações: “Recordai-vos de que devemos unir-vos em derredor do Papa e de que a nossa salvação está só com o Papa e no Papa” (MB, V, 577). “A palavra do Papa deve ser a nossa regra em tudo e para tudo (MB, VI, 494). “Finalidade principal da Sociedade Salesiana é sustentar a autoridade do Papa” (MB, VII, 562; X, 762, 496). Para isso, no leito de morte, confiava ao Cardeal Alimonda o seu testamento papal: “Sempre amei, obedeci como filho ao Sumo Pontífice. A Congregação está toda às ordens da Santa Sé” (MB, XIX, 15).

Não foi por acaso, pois, que o Papa João, em 1959, escrevia em autógrafa ao nosso venerado Padre Ziggotti: “Não se pode compreender completamente o espírito que sempre animou a São João Bosco, se se esquece a especialíssima devoção que nutria para com a Cátedra Romana”. Esse era Dom Bos-

co, isso nos deixou ele em herança, esse é o caminho que nos traçou com clareza que não admite dúvidas a quem quizer sentir-se verdadeiramente filho seu.

Mas, filhos caríssimos, estais e quereis estar, estou certo disso, com Dom Bosco e por isso com o Papa: nas aulas, no confessionário, na imprensa, no púlpito, na doutrina e na prática pastoral, sacramental e litúrgica, com os jovens e com os adultos, com os incultos e com os intelectuais. Todos nós queremos oferecer-lhe não só a nossa consciente adesão como a Mestre, mas ao mesmo tempo queremos dar-lhe o conforto de nosso afeto, como filhos, precisamente como Dom Bosco nos ensinou com palavras e exemplos.

Fidelidade e amor ao Papa, eis o convite que o nosso Pai nos faz no momento em que a Congregação vem para Roma, para junto do Vigário de Cristo: É o convite que ele fez aos Salesianos no leito de morte, como sigilo da sua vida e missão, que entregava naquele instante aos seus filhos de todos os tempos.

Confortados pelo encontro e paternal bênção do Santo Padre pusemo-nos como disse antes, ao trabalho em a nova sede Romana.

Os co-irmãos chamados a colaborar com os Superiores nos vários escritórios, já chegaram em bom número; outros virão logo. Entretanto há por parte de todos evidente e efetiva vontade de dar a própria contribuição para construir a nova Comunidade, de modo a corresponder o mais possível ao perfil ideal que dela nos delineou o Capítulo Geral Especial e nos é indicado pelas renovadas Constituições.

A Comunidade, cujos componentes vêm de várias Inspeorias às quais quero aqui agradecer, tem a consciência de estar a serviço e por isso à disposição de toda o Congregação. E acrescento de minha parte: Caríssimos, em Roma como em Turim, a Casa Geral é a Casa de todos os Salesianos. Sereis sempre bem-vindos!

### **Duas alegres notícias**

Os inícios da nossa atividade romana foram também confortados por duas notícias tanto mais alegres quanto mais esperadas, notícias que se se seguiram uma à outra com breve intervalo.

No dia dia 22 de junho o Santo Padre declarou, como podeis ler no Decreto citado neste número dos “Atos”, a *heroicidade* das virtudes do Servo de Deus Zeferino Namuncurá. É o reconhecimento oficial do grau heróico com que praticou as virtudes do cristão. A sua “santidade pessoal” fica assim ratificada pela Igreja. O próximo passo é a Beatificação. Queira Deus Nosso Senhor apressá-la. Compreendeis facilmente os motivos da alegria que experimentamos diante desse fato. Podemos falar de uma graça particular para nossa humilde Congregação. Basta refletirmos um pouco na hora em que nos chega essa declaração. Estamos em clima de pós-Capítulo, faz-se em toda a nossa família um esforço comum para realizarmos corajosa e autêntica renovação, enquanto ao nosso derredor se respiram ares de crise. . . Estamos a dois anos apenas do Centenário das nossas Missões da América. Parece-me queira Nosso Senhor marcar e confirmar com esta “flor de santidade” a eficácia do nosso método de educação, a fecundidade da nossa ação missionária, numa palavra a bondade do caminho que por Dom Bosco nos foi sugerido e indicado para realizarmos a Missão que a Providência confiou — na Igreja — à nossa Congregação.

Mas há circunstâncias no acontecimento que aumentam os motivos da nossa alegria e gratidão para com o bom Deus.

Trata-se da primeira flor de santidade, oficialmente reconhecida, que desabrochou mediante a ação missionária salesiana e a prática do sistema preventivo. (Zeferino entrou no Colégio de São Carlos, em Buenos Aires, com nove anos de idade).

— É um modelo autêntico para os jovens, morreu com dezenove anos — e autêntico aspirante à vida sacerdotal: sonhava, com efeito, cheio de entusiasmo missionário, fazer-se sacerdote, para levar Cristo à gente da sua raça.

— É também autêntico filho do Continente e do terceiro mundo, que hoje está no centro dos esforços e esperanças da Igreja. Mas sobretudo é filho da *Patagônia*, que foi chamada a segunda pátria de Dom Bosco, para onde ele com a antecedência que o caracterizava, enviou os seus melhores filhos.

Qual será a nossa resposta a essa graça tão assinalada?

Colocar-nos na linha de maior coerência de vida, de renovado entusiasmo apostólico, de efetivo e concreto desejo

de santidade, de compromisso de fidelidade na prática do Sistema Preventivo à luz das Orientações que o Capítulo Geral Especial nos deu (n.º 118).

No campo prático convido a todas as Inspetorias dêem grande e sistemático relevo a este acontecimento, difundindo a vida de Zeferino, rica de interesse, se se souber apresentá-la, também para a juventude de hoje; suscitando iniciativas capazes de promover nos jovens a imitação das virtudes de Zeferino.

Tenho viva confiança de que nos lugares onde a figura da “Flor do Pampa” é popularíssima e rodeada em grande e amorosa simpatia, os Salesianos encarregados, que com tanto zelo trabalham pela Causa, saberão promover todas as iniciativas capazes de alcançar os milagres requeridos para a Beatificação. E todos rezemos e façamos rezar a Nosso Senhor a fim de que para o bem da Igreja, e particularmente da juventude latino-americana, se digne de glorificar logo o novo Venerável.

A segunda notícia, de verdade esperada com certa impaciência um pouco em todo o nosso mundo, chegou-nos de maneira oficial, nos primeiros dias de julho, da Secretaria de Estado: *por disposição do Santo Padre a Beatificação do Padre Rua se dará no domingo, dia 29 do próximo mês de outubro.* Já falei precedentemente desse acontecimento, tão rico para nós de particular significação. Terei ocasião de voltar de vários modos sobre esse argumento durante este ano. Entretanto, enquanto os responsáveis não de ver como participar na Beatificação e como celebrar digna e proveitosamente o feliz evento, preocupamo-nos todos concretamente em “tomar contato” com o novo Bem-Aventurado, procurando conhecer de perto a sua vida, as suas idéias, o seu espírito, que é precisamente o que ele assimilou do Pai, na diuturna convivência e na colaboração cada vez mais íntima.

E demos a conhecer, em nosso meio, especialmente às nossas novas gerações, essa figura salesiana de primeira grandeza não só pela santidade, mas também pelo trabalho inestimável que realizou para a consolidação e desenvolvimento da Congregação em momentos particularmente delicados da vida da mesma.

Esse conjunto de fatos que acabo de descrever levam-me, diria a um natural corolário, a entreter-me agora convos-

co sobre um tema que no momento atual assume para nós particular interesse e excepcional importância.

### **As Missões, caminho para a renovação**

Estão-se, em quase todas as partes, realizando ou estão em fase de adiantada preparação os Capítulos Inspetoriais, aplicados todos eles na reflexão comunitária em acomodar as próprias Inspetorias às grandes linhas programáticas do Capítulo Geral Especial.

Espero não esteja fora da agenda de nenhum Capítulo Inspetorial o argumento sobre o qual pretendo falar-vos, precisamente por causa da importância que tem.

Refiro-me às Misseões.

Apresentando-vos os Atos do Capítulo Geral Especial falei-vos do “Caminho das Missões” como um dos três grandes caminhos que devemos percorrer para renovar a nossa Missão em prol dos jovens e do povo e, renovar assim a nossa Congregação.

Não se trata de afirmação retórica, de palavra de conforto para os nossos Missionários ou de interpretação superficial e unilateral. Mas trata-se do que resulta de modo objetivo das deliberações do Capítulo Geral Especial e de toda nossa longa e ininterrupta tradição.

Nesta minha carta, entretendo-me sobre esse argumento, desejo convidar-vos a refletir comigo sobre o alcance e ilações da afirmação que acabei de fazer:

— Que quer dizer que as Misseões são estrada real e obrigatória para renovar a nossa Missão?

— Por que e em que medida o renovado impulso da ação missionária impregna e envolve toda a Congregação, a sua própria vida?

Começemos refletindo sobre esta última pergunta. A natureza “Missionária” é característica da Congregação Salesiana... No art. 15 das Constituições renovadas encontramos esta solene afirmação: — “Nossa Sociedade reconhece no trabalho missionário um traço essencial de sua fisionomia”. O sentido evidente de tal afirmação é que o fato e a ação missionária não são para a Congregação elemento, atividade à

margem, algo de acrescentado, de epidérmico, que poderia ou não existir, sem que se lhe variasse a natureza, mas é elemento indispensável, caracterizante, que toca a essência e a própria vida da nossa Congregação, a qual, como disse em outra ocasião, “nasceu, cresceu, progrediu sempre como Congregação missionária”. (Discurso aos Voluntários para a América Latina — Ponte Mammolo — 24 de setembro de 1969).

### **A vocação missionária de Dom Bosco**

Procuraremos aprofundar as bases históricas e carismáticas da relação de essencialidade entre a Congregação e as Missões.

O fundamento deve ser — é obvio — procurado na intencionalidade e naquilo que Dom Bosco realizou como Fundador. É isso que nos garante que não se trata somente de um carisma pessoal, mas de um “charisma foundationis”: o desenvolvimento desse fato histórico nos dará a medida de sua essencialidade para a Congregação.

Recordemos alguns dados fundamentais: “O pensamento de ser missionário não o abandonava jamais” escreve de Dom Bosco o Pe. Lemoyne (MB, II, 203). Com a vocação fundamental de trabalhar para os jovens pobres, coexistia nele, desde menino, uma segunda vocação não menos forte, a de se fazer missionário.

Tinham a mesma raiz e tomavam impulso e alimento na mesma fonte: o amor de Deus e o zelo para difundir o seu Reino, zelo alimentado pelas necessidades dos jovens abandonados que encontrava nas prisões de Turim e nas praças da cidade, ou alimentado também pela triste situação dos povos não ainda iluminados pela luz do Evangelho, como constava nos Anais da Propagação da Fé, de que era apaixonado leitor.

Num momento de sua vida, convém lembrar, a vocação missionária pareceu prevalecer sobre a outra. Porém, depois do Conselho decisivo do Pe. Cafasso e guiado sempre pela Divina Providência, conseguiu achar a síntese feliz. A síntese não era a justaposição das duas vocações, uma ao lado da outra, mas uma espécie de simbiose. Ele, como veremos mais adiante, fez das Missões o campo privilegiado onde

poder exercer a sua vocação peculiar de apóstolo dos jovens e, ao mesmo tempo, a tonalidade de especial ardor apostólico, com que chegar a essas almas. E vice-versa, em força dessa sua peculiar missão, fez dos jovens os destinatários preferidos, onde quer que fosse, mesmo em terras de Missão e se serviu do seu sistema de educação como “método” também de evangelização.

No sonho dos nove anos, em que recebeu do alto a indicação da sua “Missão”, as pegadas do seu destino, a sua Vocação, acha-se já delineada bem claramente a dupla perspectiva que se vai explicitando com os anos e ao depois com ulteriores indicações que teve de Nosso Senhor.

— É esse o pensamento do Pe. Álbera e do Pe. Rinaldi, que vêem contida como que em embrião, no primeiro sonho, a vocação missionária de Dom Bosco.

“As missões entre os povos selvagens foram sempre a aspiração mais ardente do coração de Dom Bosco. Não tenho medo de errar afirmando que Nossa Senhora Auxiliadora desde suas primeiras manifestações maternais lhe havia concedido, a ele ainda menino, clara intuição dessa vocação”. (Pe. Álbera, Circulares, pág. 132).

E o Pe. Rinaldi: “Comemorando o *primeiro sonho* do Venerável Pai, celebramos implicitamente o centenário de toda a Obra Salesiana. Foi *naquela primeira ocasião*, que ele, pode-se dizer, *ficou consagrado apóstolo da juventude*, pai de nova Família religiosa, *missionário dos povos selvagens*; pois ela *despertou-lhe no coração* também um *vivíssimo desejo de VIDA RELIGIOSA* e de *evangelização dos infiéis*” (ACS, 6 — 1925 — 364).

E mais explicitamente: “Na medida em que avançava nos anos e estudos, *chegou a compreender cada vez melhor que a ordem que recebera do alto*, de trabalhar em prol da juventude, *devia referir-se também aos jovens selvagens*” (Ibid., pág. 366).

Por isso Dom Bosco pode afirmar decididamente numa relação a Leão XIII, em 1880: “As Missões estrangeiras sempre foram o sonho da Congregação Salesiana” (MB, XIV, 624).

E quando chega o momento marcado pela Providência, com audácia extraordinária, quase desconcertante, sem pou-

par sacrifícios, com uma coragem que vai muito além de qualquer prudência humana, lança-se ao que ele mesmo definiu como o “maior empreendimento da Congregação: as Missões da América.

A nascente profunda de onde brotava a sua atividade missionária era, além das indicações do Alto, o seu *ardente zelo apostólico*, o desejo inflamado de salvar almas, que o fazia sofrer realmente diante da situação de povos que ainda não conheciam a Jesus Cristo: “Eu escuto o grito que vem de longe e brada:... Vinde salvar-nos! São os gritos de tantas almas que esperam mão benfazeja que vá tirá-las da beira da perdição e as coloque no caminho da salvação”, escrevia aos alunos do Colégio de Lanzo. (Ep., II, 438).

E numa circular aos Salesianos: “Meus caros, sinto-me profundamente aflito pensando na messe abundantíssima que a todo instante e em tantas partes se nos depara e que somos obrigados deixar inculca por falta de obreiros”. (Ep., II, 7).

Por isso o seu biógrafo anota: “Se ouvidos desse ao zelo que o inflamava, teria com a sua caridade abraçado o mundo inteiro” (MB, XI, 409).

O que é que representavam as iniciadas Missões da América, no coração e no interesse, nos anseios e nas preocupações de Dom Bosco, e quão intenso fosse o seu ardor apostólico, nô-lo dizem os seus primeiros sucessores.

“Desde então — depois da partida dos primeiros missionários — as Missões foram o *coração do seu coração* — escreve o Pe. Álbera — e parece que vivia somente para elas. Não que descuidasse as suas outras numerosas obras, mas a preferência era para os pobres Patagônios e Fueguinos. Falava deles com tamanho entusiasmo que ficavamos maravilhados e grandemente edificados com o seu *inflamado ardor pelas almas*. “Parecia-nos que cada batida do seu coração repetia: “Da mihi animas!”. Ao encantamento da sua voz, quando falava das missões, despertavam-se no coração dos filhos súbitas e prodigiosas vocações para o apostolado, e os benfeitores não podiam deixar de cooperar eficazmente com generosas ofertas para essa obra que é a salvação das almas” (Circolari, pg. 134).

E o Pe. Rinaldi evocando suas distantes mas vivíssimas recordações: ... “No seu grande coração *se haviam acumula-*

do desde muitos e muitos anos os ardores apostólicos de um Francisco Xavier, alimentados por uma chama do alto que ia iluminando o futuro através dos sonhos;... para mim, penso que talvez nenhum missionário tenha sido propagador mais zeloso do que ele. Revejo-o, ao Pai amantíssimo, nas distantes recordações da minha vocação salesiana, justamente nos anos do seu maior ardor missionário e a impressão que se me gravou ficou indelével: *era um verdadeiro missionário, um apóstolo consumido pela paixão das almas*". (ACS, n.º 6, pg. 367).

O Pe. Ricaldone, ativo propagador também ele de novo impulso missionário na década de 1930, depois de lembrar o ardor missionário que *consumia* Dom Bosco e que o levou a fazer tamanhos sacrifícios nos primórdios da Congregação para lançar seus filhos à conversão dos infiéis, afirma que "as missões eram como bem sabeis, o *ponto alto dos seus ideais*". (ACS, n.º 67, pg. 193).

### **A atividade Missionária como mandato de Cristo**

Além desse incontido "zelo apostólico" queria relevar outro elemento teológico e eclesial que, a meu ver, influiu não pouco no ânimo de Dom Bosco para a orientação missionária da Congregação. Refiro-me à profunda convicção que Dom Bosco tinha de que o "mandato" de Nosso Senhor aos apóstolos de pregarem o Evangelho era todo o mundo (o "euntes in mundum universum") era um compromisso concreto para todos os cristãos e muito mais para os grupos organizados que se votavam à milícia de Cristo, sob a guia do Papa e dos Bispos. A consciência da "missão" e do apostolado como *imperativo* de *evangelização* que de Cristo Nosso Senhor, através dos sucessores dos apóstolos, chegava aos soldados de Cristo era muito viva em Dom Bosco.

No sermão de despedida dos primeiros missionários aparece bem clara esta perspectiva e este motivo. Dom Bosco une a ação missionária que seus filhos iam em empreender, com a *missão* dos apóstolos e com o *mandato* de Cristo. Depois de ter lembrado a palavra de Cristo: "Ite in mundum universum"... indica com precisão: "Com estas palavras o Salvador dava não um conselho, mas um *mandato* aos seus Apóstolos, para que fossem levar a luz do Evange-

lho a todas as partes da terra. . .” e faz ver como os apóstolos “executaram com fidelidade o preceito do Mestre”.

E prevenindo a objeção de quem quisesse considerar as missões como trabalho supererrogatório na Igreja, i. é, que se devesse fazer quando as cristandades estivessem já consolidadas, pergunta: “Não seria melhor que os Apóstolos tivessem ficado a converter os habitantes de Jerusalém e de toda a Palestina, especialmente para terem a comodidade de se reunirem e tratarem juntos os pontos mais fundamentais da Religião Católica e o modo de a propagarem, de maneira que ninguém ficasse naquelas terras que não cresse em Jesus Cristo?”

Responde fazendo ver como os Apóstolos se conformaram fielmente ao mandato de Cristo e como não podendo fazer sozinhos, associaram outros e depois outros obreiros evangélicos, como fizeram também ao depois os sucessores de São Pedro. E acrescenta: “Ora, empenhamo-nos *nós, em nossa pequenez em realizar*, com as nossas forças, o preceito de Jesus Cristo, apenas se começou a falar da presente Missão, pedimos logo o pensamento do Chefe da Igreja. . .” (MB, XI, 383). Com esse Espírito enviou a Roma os Missionários para receberem o “mandato” da parte do Santo Padre (MB, XI, 376). Eis porque Dom Bosco, no Sermão que estamos citando, afirma: “Goza o meu coração de grande consolação *ao ver consolidada a nossa congregação. . .*” (MB, XI, 386). Para Dom Bosco, a ação missionária era como que o coroamento, o remate da sua Congregação que se tornava *adulta* e católica com este empreendimento.

Não pode, pois, causar admiração se o Pe. Álbera às missões chama “*a segunda finalidade* da Congregação (Circolari, 31 de maio de 1913, pg. 133) e o Pe. Rinaldi, na mesma linha põe em estreita relação a instituição dos Filhos de Maria e dos Cooperadores com as Missões, pois foram instituídos “para garantirem (às missões) vida florescente também para o futuro” (ACS., n.º 6, pg. 368).

De conformidade com esta clara e constante vontade de Dom Bosco, a Congregação não cessou de considerar as Missões com um dos seus interesses principais, como o demonstram as numerosas inspetorias missionárias, que já ultrapassam a centena.

Na mesma linha o XIX Capítulo Geral, à luz do Decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II pôde afirmar: “A Congregação Salesiana... participa das aspirações da Igreja de hoje e revive o ideal de Dom Bosco, que desejou fôsse *a obra das Missões a ânsia permanente da Congregação*, de tal modo que formasse parte da sua natureza e do seu fim”. (ACG, XIX, pg. 178).

### **As Missões, lugar privilegiado da ação Missionária**

O que acima dissemos do pensamento de Dom Bosco e dos seus sucessores sobre a importância essencial das Missões para a nossa Congregação ajuda-nos a refletir sobre a primeira pergunta que fizemos no princípio, i.é, em que sentido as Missões podem ser *um caminho* para a renovação da Congregação.

Encontramos a propósito a afirmação muito explícita e solene do Concílio Vaticano II: “*Não pode a graça da renovação, de modo algum, desenvolver-se nas comunidades, se cada uma delas não estender a vasta rede de sua caridade até os confins da terra, demonstrando por aqueles que estão longe a mesma solicitude que tem pelos que são os seus próprios membros* (AG, n.º 37).

Isso é o que se diz das comunidades cristãs, mas com muito maior razão se deve afirmar das comunidades religiosas que estão sujeitas à mesma dinâmica espiritual e nas quais se assume por vocação o compromisso de viverem mais intensamente a vida cristã. O C.G.E. não hesita então em aplicá-lo à nossa Congregação (n.º 463) e proclama com incisiva afirmação: “O renovado impulso missionário será, pois, *um termômetro da vitalidade pastoral da Congregação e um antibiótico contra o vírus de aburguesamento* (ib.). Para compreender melhor, em toda a extensão e incidência, a afirmação conciliar e capitular, convém apelar para um aprofundamento do conceito a que já me referi: *as Missões estão no centro da vocação salesiana*.

É um pensamento carregado de ilações, sobre o qual convém nos detenharmos um pouco. As Missões *não são uma “obra”*, importante também, que se possa pôr ao lado de outras na mesma linha, como colégios, escolas, oratórios, pensionatos etc. Não são sequer um “setor de atividade”

que abranja certo número de obras. Penso que na tradição salesiana as Missões se devam considerar duma perspectiva diferente: mais do que obras ou atividades, são um *lugar privilegiado onde exercer a Missão salesiana* e um espírito com que realizá-la. É primeiro que tudo uma espécie de “atividade de síntese” que engloba toda a nossa Missão.

À primeira vista poderia parecer uma espécie de contradição que uma Congregação claramente *educadora* como a nossa, deva empenhar-se tão a fundo, por vocação e carisma, na ação missionária. Não seria uma perda da sua “especificação” e por isso de sua “caracterização”? Seria talvez assim, se nós a consideramos como uma das Obras de que se ocupa a Congregação. Não o é, porém, se a considerarmos como o “lugar privilegiado” da Missão Salesiana.

Além da óbvia consideração de que nas Missões se encontram — em medida e modo mais do que abundante, os destinatários da nossa Missão: jovens... pobres... abandonados, há o fato histórico da explícita vontade de Dom Bosco no orientar a atividade dos seus primeiros missionários, para que se dedicassem a atividades de preferência educativas, também como meios de evangelização e promoção humana.

A esse respeito poderíamos apresentar abundantíssima documentação da atividade salesiana nas Missões, que alcançou sempre, mediante a ação educativa, os seus melhores êxitos. Baste esta citação: “... O projeto que pareceu se devia preferir — escreve Dom Bosco numa declaração ao Cardeal Franchi, Prefeito da Propaganda Fide, 10 de maio de 1876 — consistia em fundar asilos, colégios, internatos e casas de educação nas proximidades dos selvagens. Iniciados os contatos com os filhos, fácil seria comunicar com os pais e assim ir aos poucos abrindo caminho” (Ep., III, 59).

Pensem no desenvolvimento histórico das nossas missões. Por exemplo, a missão entre os Jívaros, no Equador, onde, como afirmou Dom Comin, o único meio eficaz, para conseguir resultados positivos e duradouros na conversão e civilização, foi a obra dos internatos para os filhos dos índios.

Apraz-me citar por fim quanto escreve o Pe. Rinaldi ao referir um colóquio com Pio XI: “Impressionou-me sobremaneira a *insistência* com que ele *me recomendou se applicasse em toda a sua extensão o nosso sistema educativo nas Missões*... Repetiu-me por bem duas vezes com palavras

diferentes que se levasse às missões *a nossa educação*, a de Dom Bosco, i.é, *os seus sistemas, os seus meios, o seu espírito*, que haveriam de dar em toda a parte resultados consoladores (ACS, n.º 3, pg. 77).

Parece-me enfim que as novas Constituições insinuem claramente o conceito das Missões como lugar privilegiado para a nossa Missão, no art. 24: “ A ação missionária é obra de paciente evangelização e fundação da Igreja num grupo humano, e *inclui todas as atividades educativas e pastorais dos Salesianos*”.

### O espírito Missionário é essencial à renovação

Além disso as missões estão no centro da vocação salesiana, porque a ação missionária autêntica deveria distinguir-se por *um espírito* especial, o “espírito missionário” que coincide — parece-me — com o núcleo central do espírito salesiano.

No art. 40 das Constituições se afirma que “o centro do espírito salesiano é a *caridade pastoral*, caracterizada pelo dinamismo juvenil que se revelava tão forte em nosso fundador e nas origens da nossa sociedade. É um *ardor apostólico* que nos faz buscar as almas e servir tão somente a Deus”.

Pois bem, de tudo o que dissemos sobre o zelo apostólico de Dom Bosco, que foi para ele e deve ser para todo salesiano o móvel principal de qualquer iniciativa missionária, podemos concluir que o espírito missionário deve estar presente como atitude fundamental, em todas as nossas atividades pastorais e que se pode traçar linha de identidade entre “caridade apostólica” e “espírito missionário”.

Serem as Missões o ponto central da vocação salesiana leva-nos por consequência lógica, a um conceito amplo de ação missionária, que foi e é característico da nossa tradição e da nossa história. Não quero com isso desconhecer ou de qualquer modo deslustrar o conceito de Missão no sentido estrito, que consiste “no munus de pregar o Evangelho e estabelecer a Igreja em meio aos povos e grupos que ainda não crêem no Cristo” (AG, 6).

Em nossa Congregação, porém, usou-se sempre, desde a expedição de 1875, conceito mais largo e familiar, que tem

sua justificação, porque acentua, devido à sua caracterização, em dois elementos fundamentais e indispensáveis em toda atividade missionária, entendida embora em sentido estrito: *a disponibilidade e o zelo.*

Sob esse ponto de vista foram sempre considerados como missionários os que generosamente deixaram a própria pátria (*Ite in mundum...*) movidos por zelo apostólico, para ajudarem cristandades novas ou particularmente necessitadas, como é o caso, p. ex., dos numerosos salesianos enviados à América Latina.

O nosso modo tradicional de conceber com certa amplitude as Missões, é um dos elementos que concorrem para pôr em relêvo o que acima dissemos das Missões como “lugar privilegiado”, para desenvolver a nossa Missão entre os jovens e a classe popular. Ulterior relevo se deve fazer e é que as Missões, naturalmente, interessam a *toda* a Congregação, são — se assim se pode falar — de toda a Congregação e não de uma determinada inspetoria, nem mesmo da Direção geral.

Essa constatação se manifesta claríssima no Decreto Ad Gentes com relação à Igreja Universal e às Igrejas particulares e é também claramente afirmada para a Congregação pelo CGE: “As missões interessam a toda a Congregação; estão, pois, todos os Co-irmãos empenhados nelas de um modo ou de outro” (Atos CGE, n.º 480).

Estas considerações servem para esclarecer a estreita relação entre Missões e Congregação e servem ainda para explicar como não se pode falar de renovação verdadeira, autêntica e profunda da Congregação sem que ao mesmo tempo seja acompanhada, ou melhor, precedida de uma floração efetiva da atividade e do trabalho missionário, em toda a sua extensão.

Com efeito, um aumento de trabalho missionário, em quantidade, mas principalmente em qualidade, supõe e exige na Congregação um espírito missionário, que significa visão de fé, ardente desejo da vinda do Reino, consciência da urgência da evangelização, coerência de vida, disponibilidade e generosidade pessoal, espírito de sacrifício, desapego, solidariedade, amor real ao trabalho e toda uma sequência de virtudes ou ao menos disposições de espírito que equivalem a uma primavera renovadora na Congregação.

## O apelo do Concílio

As considerações que acabamos de expor devemos acrescentar o apelo feito a seu tempo pelo Concílio Vaticano II e que convém relembrar. Quase como conclusão, no Decreto Ad Gentes, o Concílio se volta a todas as categorias na Igreja: ao povo de Deus, às comunidades cristãs, aos Bispos, aos Sacerdotes, aos Institutos Religiosos para lhes recordar o seu “dever missionário”.

Aos Institutos Religiosos de vida ativa fez uma série de perguntas que convidam a um sério exame de consciência (e nós estamos neste número). São convidados a se perguntarem a si mesmos com toda a sinceridade diante de Deus: “se estão em condições de estender sua atividade para a expansão do Reino de Deus entre as Nações; se podem deixar alguns encargos do seu ministério a outros, para assim empenharem as forças pelas missões; se os seus membros conforme as próprias forças participam da atividade missionária; se o seu teor de vida dá testemunho do Evangelho, acomodado à índole e à situação do povo” (AG, 40).

Precedentemente o Concílio havia recordado a “*todos os fiéis como membros do Cristo vivo*” o estrito dever que têm de “*cooperar na expansão e dilatação do Seu Corpo, de modo a levá-lo o mais cedo possível à sua plenitude*”. Tendo pois, “*a viva consciência da própria responsabilidade, perante o mundo, devem cultivar em si mesmos uma espiritualidade verdadeiramente CATÓLICA, devem empregar as próprias forças na obra da evangelização*”. E como “*primeiro e principal dever, em ordem à difusão da fé*” indicava-lhes o de “*viverem uma vida profundamente cristã*”. Pois será precisamente o seu fervor no serviço de Deus, será o seu amor para com o próximo a trazer um como novo sopro de espiritualidade a toda a Igreja. . .”

Ele finalmente “será a *renovação espiritual* que oferecerá espontaneamente *orações e obras de penitência* a Deus, para que *fecunde com sua graça o trabalho dos missionários*; dela surgirão as vocações missionárias; dela aparecerão os recursos de que as missões têm necessidade” (AG, 36).

Dirigindo-se depois aos Sacerdotes, o Concílio recomenda-lhes estejam “profundamente persuadidos de que sua vida foi consagrada também para o serviço das Missões e por

isso organizem “a cura pastoral de modo que sirva à expansão do Evangelho entre os não-cristãos”.

Portanto, “excitarão e conservarão entre os fiéis o mais vivo interesse pela evangelização do mundo...” “instruindo-os “sobre o dever que a Igreja tem de anunciar Cristo aos povos”; “inculcando nas famílias cristãs a necessidade e a honra de cultivarem as vocações missionárias entre os filhos e filhas”; “fomentando entre os jovens... o fervor missionário, de tal maneira que deles venham a surgir os futuros arautos do Evangelho” (AG, 39).

### **Apelo a toda a Congregação**

(Ou seja a *Congregação em pé de mobilização missionária*).

Tendo presentes todas as motivações acima expostas, i.é, “a índole missionária da Congregação, a estreita relação entre a renovação e ação missionária e o apelo do Concílio Vaticano II, acolhendo sobretudo as deliberações do nosso C.G.E., *entendo com esta carta, num momento decisivo da história e da vida da Congregação, fazer um solene, encarecido e formal convite a toda a Congregação, a fim de que despertando as melhores energias e unindo com corresponsabilidade as forças de todos os salesianos que amam a Congregação, se dê novamente concreto, corajoso e entusiasmado impulso ao nosso espírito e à nossa ação missionária.*

Para isso peço a colaboração e ajuda eficaz de todos os salesianos, em qualquer posto se achem e qualquer responsabilidade tenham. Ninguém se considere dispensado de responder conforme possa, com um álbi de cómodo absentismo. Diriço-me a todos igualmente: Trata-se de nossa mãe.

Peço-vos encarecidamente deis vossa generosa contribuição para realizar o que vou indicar ou para outras iniciativas que surgirem, espero que numerosas, nas Inspetorias. Bem sei quanto seja difícil e cheio de problemas e preocupações angustiosas o momento atual.

Sabêmo-lo bem nós, que por vezes nos sentimos quase esmagados sob o peso de tantos problemas, que frequentemente nos parecem sem solução. Bem sei ainda quantas urgências imediatas tem já a vida normal de cada Inspetoria e como temos já muitas frentes de combate. Mas não quereria

que por isso se considerasse este apelo como ímpeto de poesia fácil ou momentâneo gesto de entusiasmo, como um dos muitos belos escritos, que servem para despertar um bom pensamento, mas acabam no vazio de tantas outras veleidades fantasiosas... Pensei e rezei muito antes de escrever estas linhas. Estou plenamente convencido de que Nosso Senhor quer mesmo isso de nós.

Poderá alguém salientar também que toda a Congregação já está empenhada na renovação proposta pelo CGE e que esse novo impulso missionário poderia talvez vir a se contrastar com as orientações pastorais ou linhas programáticas de renovação que cada Inspetoria vai traçando.

A esta objeção responderia em primeiro lugar que precisamente o que estou pedindo deve ser um caminho, como já disse, um meio para favorecer a renovação das Inspetorias na linha precisamente requerida pelo CGE, e, depois, trata-se de uma orientação geral para toda a Congregação, já manifestada ou contida nas deliberações do CGE.

Concretamente, peço-vos, em nome de Dom Bosco e para o bem de toda a Congregação:

Um esforço decidido e generoso para fazer reviver em nós e nas Comunidades da Congregação e *Espírito Missionário*. Isso requer e supõe uma série de atitudes espirituais para as quais quereria chamar brevemente a vossa atenção.

#### A) *Visão de fé*

O genuíno espírito missionário tem na sua raiz, como fundamento, fonte e movente, uma *clara visão de fé* que faz *apreender as urgências do Reino*, do seu advento, da evangelização, e faz *vibrar apostolicamente* diante das necessidades das almas, escassez de obreiros evangélicos, a necessidade de que Cristo seja anunciado etc.

Essa visão de fé é imprescindível para todo cristão, mais ainda para todo religioso ou sacerdote que quer seguir a Cristo, para partilhar da sua sorte e anunciar aos homens o seu amor. É exatamente a falta ou esmorecimento dessa "perspectiva de fé" que tantas vezes encontramos no fundo de muitas defecções, que explica a mediocridade de tantas vidas consagradas a Deus, que se arrastam tristemente, sem entusiasmo nem ardor, enleadas e como que prisioneiras

em tantas fugas e infidelidades, incapazes de um vôo de demanda de horizonte apostolicamente arejadas, puros e fecundos.

Com a sinceridade que o assunto exige, devo confessar-vos com dor e viva preocupação, que, por um conjunto de elementos, vou verificando que o nível da fé parece que abaixou perigosamente em algumas camadas da nossa Congregação... É verdade que é muito difícil pronunciar juízo sobre realidade tão pessoal e íntima como esta. Mas, infelizmente, me encontro por vezes diante de manifestações que não podem deixar de me causar receios... As defecções, a que me referi acima, mas também certo enfraquecimento de zelo apostólico, de ardor espiritual, e abandono de todas as formas e meios que alimentem a piedade e a fé: tudo isso é sinal de alarme e algo mais.

É verdade que a fé está hoje exposta mais do que nunca a tantos perigos, entre fogos que não dão tréguas. É uma mudança de cultura com tamanhas consequências para as nossas categorias mentais; é um esforço que vai aprofundando, repensando os dados da revelação que exige uma nova visão teológica e não é fácil alcançá-la; são inúmeras publicações pseudocientíficas ou unilaterais que desvirtuam o sentido de Deus na história; em alguns ambientes achamo-nos como que imersos num mar de opiniões audazes e pessoais, em contraste com os ensinamentos do magistério.

Não é difícil assim ver que se diminui e perde a segurança das próprias convicções religiosas até à explosão de crise de fé. Trata-se, porém, em muitos desses casos de uma fé que não foi defendida suficientemente, ou então não alimentada de modo especial com a verdadeira oração, quer pessoal, quer comunitária, e muitas vezes uma fé comprometida por comportamentos de todo incoerentes com a profissão que se fez ou como que se diz crer. Por isso é que a fé definha perigosamente e acaba por se reduzir a uma não fé.

Cartas muito tristes não raramente vêm dar à minha escrivadinha: denunciam incríveis falências de vocações verdadeiramente esplêndidas. Ora, cerca de 90%, estas cartas documentam que tudo começou e foi-se agravando aos poucos com a progressiva negligência e depois com o abandono total dos meios negativos e positivos que defendem e alimentam a fé.

Filhos e irmãos caríssimos, a fé, é preciso fazê-la reviver. A todo custo. Quem, refletindo sobre a própria vida e sobre a própria atividade na Congregação, começasse a não ver claros os horizontes da própria vocação, a sentir que se ofuscam as razões profundas de seu relacionamento com o Pai do Céu, da sua consagração; quem começasse sentir desamor pelos empreendimentos verdadeiramente apostólicos, deve correr logo ao remédio, procurar recuperar a própria fé.

Meios não faltam; é preciso pô-los em prática. A fé antes de tudo, é preciso educá-la, alimentá-la teologicamente, com o estudo, com a reflexão. Mas torno a dizer que é preciso defendê-la, sustentá-la e isso se alcança principalmente pedindo-a com humildade numa oração autêntica. O orgulho e a presunção são os inimigos mais funestos da fé.

Nessa linha parece-me que vai ainda o esforço do CGE, que intenta levar todo o salesiano a “redescobrir” também como fato pessoal o sentido profundo e as dimensões da nossa Missão, precisamente a fim de recuperar ou manter viva a consciência de “enviados” pelo Pai, intimamente unidos a Ele, no amor e na dependência filial.

### B) *Caridade Pastoral ou Apostólica*

A *visão da fé* em nossa vida de consagrados, em nossa Missão de apóstolos e enviados à juventude, nos deve levar à caridade pastoral, definida com razão pelo CGE como “Centro” do espírito salesiano. A caridade pastoral é o amor de Deus que se lança à ação. É fervor, ímpeto, paixão pelas almas. É escolher de novo hoje, com renovada consciência e entusiasmo sermos os “sinais” e os portadores do amor de Deus aos jovens” (C. 2). É descobrir com a exuberância do nosso primeiro “sim” ao chamamento de Deus, que somos nas mãos de Deus “instrumentos” eficazes para a salvação dos necessitados” e sentirmo-nos levados, pela “urgência” do Reino que chega a cada dia, a nos dedicarmos com ardor à sua salvação integral, aceitando sermos “consumidos” por este trabalho”. É descobrir, por meio do coração de Dom Bosco, imenso como as areias das praias do mar, o zelo ardente de Cristo. (CGE, n.º 91, ss.). É enfim escolher *definitivamente* a Cristo e deixar que domine absoluta e exclusivamente em nossa vida, dar-lhe realmente e não só com

palavras, todas as nossas forças, inteligência, afetos, saúde, tudo em suma, e sermos felizes por nos sacrificarmos e consumirmos para Ele.

### C) *Testemunho de Vida*

Mas há ainda outro elemento que é ao mesmo tempo consequência e sinal de uma fé autêntica, especialmente hoje. Pois a fé, que floresce em caridade apostólica, deve ser confirmada pelo “testemunho” da própria vida, para gritar com o exemplo a verdade e autenticidade do que nós cremos.

Como vimos, o mesmo Concílio nos convida a fazermos essa revisão, “Se o sistema de vida (dos religiosos) constitui testemunho do Evangelho” (AG, 40), e dirigindo-se indistintamente a todo o Povo de Deus afirma: Saibam todos que seu primeiro e principal dever pela difusão da fé, consiste em viver uma vida profundamente cristã” (AG, 36).

Sem ir a muitos particulares, que serão objeto de determinações que poderão ser estudadas e estabelecidas com pertinência e precisão em nível inspetorial ou local, chamo vossa atenção para três grandes setores nos quais há largo espaço para darmos testemunho, e infelizmente também onde há real perigo de contra-testemunhos. Por isso é urgente corajosa chamada à vigilância, ao exame e à conversão.

Refiro-me à *pobreza*, ao *trabalho* e à *temperança*. Três comportamentos estreitamente unidos entre si e que eram objeto de constantes preocupações e temores de Dom Bosco. Sobre isso, convido-vos a meditardes as belas e ricas páginas do CGE, no Documento 11, sobre a Pobreza salesiana hoje. Na minha carta sobre a Pobreza, de 1968, encontrareis também abundante matéria para estudo e reflexão. Esse setor da nossa vida é dos mais ameaçados pelo real perigo do aburguesamento. Penetra insensivelmente, sem que percebamos, como que introduzido pelo nível de vida e bem-estar dos que rodeiam, às vezes justificado por especiosas razões de progresso, comodidade de trabalho, vantagem para o apostolado etc. E quando paramos para refletir sobre a nossa vida, libertando-nos com sinceridade de padrão burguês de vida, libertando-nos com sinceridade de certos mecanismos de defesa, acontece que nos vemos mergulhados num padrão burguês de vida, tiranizados por mil exigências e comodidades, feitos

moles e frouxos, sem ardor espiritual, escravos de tantas tentações, sob a reprovação torturante que fazemos a nós mesmos da nossa incoerência, mas sem forças para nos libertarmos, numa insensível esterilidade apostólica.

No sonho de 1881, Dom Bosco resumiu em três palavras (mas que palavras cheias de significação!) os elementos do aburguesamento: “lectus, habitus, potus”.

Vice-versa, nas predições que faz sobre o futuro da Congregação, nada põe tanto e relêvo como o trabalho e a temperança. Faz praticamente depender deles o desenvolvimento, a vida e a sobrevivência da nossa Sociedade. Recordemo-nos das palavras do seu testamento espiritual: “Quando começarem entre nós comodidades ou fartura, nossa Pia Sociedade terá terminado sua carreira” (MB, XVII, 272). São palavras que devem fazer tremer todos os que na Congregação percebem que são portadores desses elementos necrosantes. Para Dom Bosco o perigo do aburguesamento não era só imaginário. Já em 1876 se lamentava: “Vejo uma tendência para o bem-estar tão acentuada que me enche de espanto...” (MB, XII, 383).

E conversando com o Pe. Barberis: “São três as causas que arruinam as Congregações: a primeira é a ociosidade, o trabalhar pouco. É deveras preciso que nos proponhamos trabalhos superiores às nossas forças, e oxalá assim não se chegue a fazer tudo o que se pode.” “A segunda causa é a procura ou o excesso nas comidas e nas bebidas. Ai de nós quando se introduzissem os costumes de termos nos quartos garrafas, licores, biscoitos e doces!... Ai de nós quando à mesa se comesse a querer isto e mais aquilo. Já corremos muito por este caminho e isso me enche de medo” (MB, XII, 384).

Bem sabem todos quão frugal era o teor de vida no Oratório em 1876. Tenhamos coragem de perguntar o que é que diria Dom Bosco do nível atual de trabalho e temperança de muitas comunidades nossas e tiremos as devidas e salutares conclusões.

O “Scrutinium paupertatis” é a propósito uma operação de “salvação pública” que se deve fazer, também periodicamente, com coragem cheia de vigor. A visão de fé, a caridade apostólica e o testemunho de vida pobre e laboriosas devem, salesianamente, florescer na “alegria”: manifestação da har-

monia interior, da realização e transparência do amor de Deus.

O missiólogo Pe. Masson falando da Igreja missionária diz que ela deve ser de modo especial “esperança”. E acrescenta: “o nosso mundo atual, malgrado as oficinas, arsenais, universidades, laboratórios, planejamentos aparece por vezes como um mundo triste, vive mas não se sabe quais sejam as razões da vida. . . Cabe às missões levar-lhe a alegria e a esperança de uma vida eterna, a promessa de uma ressurreição” (Conf. Stampa per la giornata missionaria, 1968).

O nosso CGE, na mesma linha, mas com acentuação salesiana, assim se exprime no documento 3 “Evangelização e Catequese”: “A fé é fonte de alegria, e esta, prova da fé. Deve ser característica da catequese a alegria testemunhada no trabalho, na liturgia, na dor, na Comunidade, na vida. Ela deve fazer sentir que o Evangelho é o sopro vital de esperança... É preciso redescobrir o genuíno espírito de Dom Bosco que fazia os Salesianos e os jovens sentir a fé como “felicidade” (Atos CGE, n.º 327 ss).

### **Sugestões para o novo impulso Missionário**

Peço-vos também um esforço generoso, enérgico para um novo e real impulso da nossa ação missionária. “O Capítulo Geral Especial lança um apelo a todas as Inspetoriais, mesmo às mais pobres de pessoal, para que, em obediência ao convite do Concílio e consoante o ousado exemplo do nosso Fundador, contribuam com pessoal próprio, definitiva ou temporariamente, para o anúncio do Reino de Deus.” (Atos do CGE, 477).

Repito hoje este apelo a toda a Congregação. Não deve ficar letra morta, ou ser um momento de entusiasmo capitular, que se esquece depois rapidamente perante o que se julga mais urgente, talvez só porque mais imediato ou porque nos interesse mais de perto. Não é necessário que vos recorde quão grande seja a necessidade de apóstolos em nossos postos avançados de missões. Todos vós bem o sabeis. Mas o que vos estou pedindo não deve só provir de um motivo técnico ou de organização, de uma pura estratégia: distribuição de forças. Deve ser mais profunda a razão que vos leve a vos mexer: o que estimulou Dom Bosco, em 1875, quando a Congre-

gação não contava senão com 171 salesianos, a enviar os primeiros dez missionários: o zelo autêntico pela salvação das almas. Diria que uma Comunidade Inspetorial e mesmo local não deve ficar tranquila se não colabora efetivamente, com real contribuição de pessoal e de vocações para a difusão do Reino de Deus em terras de Missão. É como se lhe faltasse alguma coisa... Ao mesmo tempo devo dizer-vos que é índice alarmante o número, cada ano menor, dos que possamos enviar às missões. Este ano serão apenas vinte.

### **Dom Bosco enviava os melhores**

Conheço a objeção — aceitável em plano puramente humano — que me podem fazer: Não temos pessoal suficiente para sustentar as obras da Inspetoria, como pensarmos em enviá-lo às Missões? Ou então: Se são os melhores que pedem para ir, como podemos empobrecer assim qualitativamente as nossas Comunidades? Ou ainda: Cada Inspetoria deve arranjar-se com meios de que dispõe, fazer fogo com a própria lenha; limitem-se então as atividades conforme as disponibilidades de pessoal nativo...

Em todas essas objeções e em outras semelhantes há elementos objetivamente verdadeiros e plausíveis sob certos aspectos, mas que nascem de uma perspectiva que evidentemente não é inspirada pela fé e pela caridade apostólica. Permiti-me, pois, que procure fazer-vos ver como esse problema era visto e julgado por Dom Bosco e pelos seus sucessores imediatos, com as palavras e com os fatos, a fim de que vós mesmos possais claramente conhecer a visão com a qual se deve olhar salesianamente esse ponto, que, aliás, é a mesma visão do Concílio Vaticano II e do nosso CGE.

Dom Bosco escolheu, como sabemos, os seus primeiros dez missionários entre os melhores. Particularmente significativos, a esse respeito, são os pormenores da escolha do Pe. Cagliari. Lemos nos Anais: “Muitos salesianos pediam para serem escolhidos... O Pe. Cagliari, laureado em teologia pela Real Universidade de Turim, era professor de moral dos clérigos do Oratório, Diretor Espiritual de vários institutos religiosos da Cidade, maestro insuperável e compositor fácil, tinha em mãos negócios delicados da Casa. Assim, ninguém e ele menos que qualquer outro pensaria pudesse afastar-se por pouco que fosse. Entretanto Dom Bosco pôs os

olhos precisamente nele. . . ” (Annali, I, 252-53). E nas expedições que se seguiram continuou enviando salesianos de grande envergadura: Fagnano, Costamagna, Lasagna, Vespignani etc. Escutemos o Pe. Rinaldi: “Eram os melhores sustentáculos dos seus florescentes oratórios e Colégios de então, de modo que privar-se deles para enviá-los às Missões, era-lhe grande sacrifício, pois dispunha de pouquíssimo pessoal. Mas fê-lo serenamente e sem nenhuma hesitação”. (ACS, 6, pg. 368).

Poderia parecer temeridade despovoar assim casas incipientes. Alguém lhe fez reparo neste sentido. Dom Bosco, na noite de 10 de dezembro de 1875, assim manifestou o seu pensamento ao Capítulo Superior: “Quanto à Congregação, embora se vá repetindo que é necessário nos consolidemos, vejo que se se trabalha muito, as coisas andam melhores. A consolidação se pode fazer mais lentamente, mas será talvez mais duradoura. E nós estamos vendo de olhos fechados: enquanto há este grande movimento, navegamos a velas pândas e vê-se mesmo nos membros da Congregação grande desejo de trabalhar”. (MB, XI, 409).

### **Primeiro resultado: Aumentavam as vocações**

O primeiro grande resultado das Missões da América reverteu precisamente em vantagem de toda a Congregação: começou a ser conhecida também no estrangeiro, aumentavam as vocações em proporção extraordinária e com ritmo quase vertiginoso se iniciaram novas fundações. É interessante seguir esta maravilhosa explosão, pelas cartas de Dom Bosco ao Pe. Cagliari e aos seus filhos da América. São notícias breves e nervosas em que quase se sente o pasmo de D. Bosco diante de tão maciças intervenções da Providência.

Dou-vos alguns exemplos. É sempre lindo ouvir a nossa história dos mesmos lábios do Pai. Carta ao Pe. Cagliari de 18 de setembro de 1876: “. . . Grande fervor para irem às Missões: advogados, escritvães, párcos, professores pedindo para se fazerem salesianos ad hoc” (Ep. III, 95). A 30 de novembro de 1876, ainda ao Pe. Cagliari: “Escuta a bela história. Seis sacerdotes partem para a América, outros seis sacerdotes entraram na Congregação. Sete clérigos os acompanhavam e sete clérigos pedem para entrar e entram real-

mente. Doze coadjutores devem ir para a América, para Albano, para Trinitá. Doze novos coadjutores mui zelosos fizeram o pedido e foram aceitos. Vês como Nosso Senhor guia as nossas empresas?” (Ep. III, 121).

Noutra carta acrescenta: “Se visses com teus olhos o que faz a nossa Congregação, dirias que são estórias. Que Deus nos ajude a corresponder” (Ep. III, 102; 13 de outubro de 1876).

Verdade é que Dom Bosco se aproveitava de qualquer circunstância para “inflamar o zelo e entusiasmo dos seus filhos, para reforçar a união dos jovens salesianos, mas nessa expansão extraordinária e nessa virada quase repentina da Congregação havia sem dúvida algo de maravilhoso. No sermão de despedida que Dom Bosco fez aos missionários encontramos palavras que têm o tom de profecia: “... Damos assim princípio a grande empreendimento, não porque tenhamos pretensões ou creiamos converter o mundo inteiro em poucos dias, não; mas quem sabe não seja esta expedição e esse pouco uma como semente de que venham a nascer grandes árvores? Quem sabe não seja como o grão de milho ou de mostarda, que se vai estendendo pouco a pouco, para fazermos grande bem? Quem sabe essa expedição não tenha despertado no coração de muitos o desejo de se consagrarem a Deus nas Missões, unindo-se a nós e reforçando as nossas fileiras? (MB., XI, 383).

O efeito a que antes nos referimos ficou indelevelmente gravado no ânimo de seus filhos e sucessores, que tratando-se de Missões, seguiram a mesma linha de audácia, generosidade, confiança total em Nosso Senhor, que saberá suscitar — Ele que é dono da Messe — substitutos em abundância em lugar dos missionários que partem. Para confirmá-lo bastaria recordar as mais de cem expedições de Missionários, algumas das quais superaram o número de duzentos.

### **Uma objeção: falta de pessoal**

Mas ouçamos a palavra do Pe. Albera, o qual, em 1920, nas dificuldades e falta de pessoal do penoso pós-guerra, exortava as Inspetorias a que fossem generosas — sem medidas — com as Missões. “Preparai muitos e bons missionários” era a sua palavra de ordem. Mas algum de vós dirá: Como

atender a este apelo, se não temos nem sequer pessoal suficiente para as nossas Inspetorias?” “Respondo: precisamente a fim de que possais ter pessoal abundante para as Inspetorias que vos foram confiadas, é que vos digo: preparai muitos e bons missionários! Quanto maior for o número dos Missionários que uma Inspetoria puder enviar às longínquas Américas, entre os infiéis da Terra do Fogo, Patagônia, Paraguai, Brasil, Equador, África, Índia, China e aonde quer que tenhamos missões, tanto mais numerosas e distintas serão as vocações que Nosso Senhor há de dar a essa Inspetoria.

“Não é simples afirmação retórica: é o pensamento genuíno do nosso Venerável Pai. Pois ele, a quem, em vê-lo tirar dos seus colégios os elementos melhores para preparar as primeiras expedições de Missionários, lhe observava que agindo desse modo seria obrigado a reduzir as casas por falta de pessoal adaptado, respondia com a mais profunda convicção: “Coragem! Nosso Senhor por cada um dos missionários nos mandará certamente duas boas vocações e mais ainda.”

E que assim fosse realmente nô-lo atestou o venerando Pe. Rua, que durante todo o seu longo reitorado não deixou nunca de excitar nos seus filhos, a exemplo do Pai, o amor pelas Missões preparando anualmente alguma expedição de Missionários” (Lettere Circolari, pg. 327 ss).

### **Outras formas de trabalho Missionário**

Caríssimos, o exemplo e a palavra do nosso Pai e o unânime e constante sentir da nossa tradição devem levar-nos a acolher com ânimo confiante e disponível o meu convite e olhar com olhos iluminados de fé e cheios de esperança para o futuro. De maneira mais concreta dirijo-me a cada um dos co-irmãos aos quais Nosso Senhor fizesse ouvir o seu chamamento para anunciar em postos avançados o Reino de Deus, para que se tornem no seu coração disponíveis e dóceis à voz de Deus. Espero que para o próximo ano possamos contar com belo número de generosos oferecimentos missionários provindos de diversas Inspetorias. É claro que esta vocação especial não pode ter outro móvel senão o da fé, do amor de Deus e do zelo apostólico. Não pode ser um motivo de evasão, uma curiosidade, uma viagem turística ou científica.

Qualquer motivação puramente humana tornaria falso pela raiz o que é e deve ser sempre uma altíssima opção de Deus, feita só para Ele.

Cada um deve, com auxílio do confessor e dos próprios superiores, fazer este trabalho de discernimento. Mas uma vez certo de que é Deus que chama, não se deve “fechar o coração” por causa de motivações ou interesses que estão fora do campo da fé.

Dirijo-me também a vós, caros Inspetores, para pedir-vos, no espírito de corresponsabilidade e comunhão que inspira as nossas estruturas de governo, que nos ajudeis a carregar a “solicitude”, o peso e a responsabilidade desse *mandato*, qual é o anunciar o Reino nas posições de fronteira. Peço-vos antes de tudo generosidade leal em favorecer, mesmo a custo de grandes sacrifícios, quem deseja seriamente ir para as Missões. Mas é evidente que o nosso trabalho não se pode reduzir somente a isso. Para isso quereria convidar, através dos Inspetores, todas as Comunidades a que demonstrem concreta e sistematicamente o sentido da solidariedade fraterna para com as Missões, para-missões e obras que necessitadas de ajuda econômica.

É verdade: Inspetorias há que demonstram sensibilidade e generosidade edificantes e admiráveis. Somos-lhes todos reconhecidos também pelo exemplo que dão. Parece-me, porém, que outras há que participam pouco dessa ação duplamente fecunda. Com efeito, a solidariedade concreta para com os irmãos que vivem, trabalham e sofrem fora dos limites do nosso pequeno mundo, é modo muito eficaz para interessar utilmente e alargar a visão dos co-irmãos aos problemas da Comunidade mundial que é a Congregação no seu conjunto.

Os tempos fortes do ano litúrgico, a Quaresma de modo particular, convém valorizá-los para esse fim mediante tempestiva e programada sensibilização. E os co-irmãos, como ensina a experiência, saberão responder mesmo com sacrifício, com a generosidade que é fonte de alegria para quem dá e não menos para quem recebe. Mas o que acima de tudo importa é suscitar na própria Inspetoria clima de alto fervor missionário, verdadeiro, entusiasmo pela ação missionária.

Esse é o fim de toda esta minha carta, e esse também o escopo que nosso CGE se prefixou, lançando este encare-

cido apelo à Congregação. Não se trata de resolver problemas de pessoal, mas de colocar toda a Congregação no clima espiritual de quem verdadeiramente vive para o Reino de Deus, sente profundamente as suas urgências e é capaz de empenhar a própria vida para que Cristo seja anunciado.

Que me seja ainda permitido citar o Pe. Álbera, o qual insistia com os Diretores e Inspetores a fim de que o ajudassem a partilhar tamanho peso, empenhando-se grandemente pelas nossas missões. Dizia-lhes: “O vosso trabalho se estenda aos outros, quer falando sempre com entusiasmo, das nossas Missões, evitando repetir “pode-se ser missionário em toda a parte” (porque isso é de todo errado para quem for chamado ao Apostolado); quer com economias reservadas em favor das Missões ou recolhendo a pequena esmola dos nossos jovens ou a oferta generosa dos Cooperadores.

“Muitas casas se lamentam de que não recebem mais ofertas. A verdadeira causa talvez não esteja na falta de benfeitores, mas em ter querido encaminhar todas as ofertas e esmolas para as necessidades locais, sem se preocupar com as Missões...” (Lettere Circolari, pg. 136).

O CGE apresenta pistas preciosas, que deveriam ser objeto de estudo aprofundado e reflexão e programação por parte das comunidades locais e Inspetoriais. Releiamos junto algumas delas.

“A fim de favorecer a graça da renovação em toda a Congregação, vivam os salesianos o espírito missionário em seu trabalho cotidiano e estejam em generosa disponibilidade ao eventual chamamento de Deus para trabalhar nas Missões.” “Cumpra alimentar em nossas obras o fervor missionário. Desde a primeira formação, dê-se aos salesianos jovens (acrescento, não só aos salesianos, mas ainda aos nossos melhores alunos, aos jovens dirigentes das nossas associações, ect), dê-se de forma objetiva mas atraente a perspectiva do ideal missionário, esclarecendo-lhe o conteúdo. Difunda-se o conhecimento das obras missionárias da Congregação, promovendo a admiração por elas. (O Boletim Salesiano, infelizmente posto de lado em muitos lugares, é meio efficacíssimo para essa finalidade. Procure-se tornar fácil sua leitura não só entre os co-irmãos, mas também entre os jovens, os benfeitores, etc.).

Estude-se a história e a figura dos grandes missionários. Mas acima de tudo se cultive o zelo missionário e o espírito sobrenatural de generosidade, base de qualquer vocação missionária” (Atos CGE, 476). E entre as diretrizes para a ação se diz:

— “Sejam os Inspetores generosos em conceder permissão aos que a pedem e têm os requisitos necessários para o trabalho nas Missões; — as Inspetorias cultivem as vocações missionárias, apresentando a Congregação como Congregação missionária e garantindo aos jovens de boa vontade a oportunidade de realizarem o seu ideal missionário; — as comunidades se empenhem em conhecer os problemas missionários da Igreja e da Congregação; cultivem em casa um verdadeiro espírito missionário; preocupem-se em criar um clima favorável às vocações e em programar iniciativas em favor das Missões” (Atos CGE, 480).

### **Os tempos exigem uma “nova história”**

Deveria agora dirigir-me diretamente aos nossos carísimos e destemidos missionários que trabalham com humildade que iguala a sua dedicação em tantos territórios, em meio a dificuldades, privações e sacrifícios às vezes verdadeiramente heróicos, enfrentados com a serenidade que deriva de confiança em Deus e da fidelidade à própria vocação.

Mas estou vendo que esta minha já longa carta se prolongaria demais. Por outra parte com a criação de um Órgão inteiramente dedicado às missões, esperamos ocupar-nos com método e constância dos problemas missionários, que não são só problemas de pessoal e recursos materiais, mas que se referem também e antes de tudo à vida dos missionários, especialmente a espiritual, à preparação cultural e eclesial e ao específico ajornamento pastoral deles.

São todos empenhos que vemos serem urgentes e que, com a graça de Deus, serão enfrentados na medida em que o Órgão das Missões se fôr organizando. O Superior responsável, Pe. Tohill, que por muitos anos foi missionário na China, que bem conhece muitos lugares de missão com os respectivos problemas, já está trabalhando e esperamos que logo nossos missionários comecem a perceber os frutos

da sua ação dirigida mais que tudo, como é óbvio, aos interesses da pastoral missionária.

Entretanto os responsáveis pelos lugares de Missões, especialmente através de Capítulos Inspetoriais, têm modo de realizar *in loco* tantas valiosas diretrizes para a ação, indicadas no Documento do CGE sobre as Missões.

O Pe. Céria, referindo-se ao efeito produzido pelo anúncio da primeira expedição missionária, no Oratório, anota: "... " Multiplicaram-se à vista-d'olhos as vocações ao estado eclesialístico, aumentaram também sensivelmente os pedidos para entrar na Congregação e novo ardor de apostolado empolgou a muitos que já estavam nela" (MB, XI, 148). E escreve nos anais: "Começava de verdade para o Oratório e para a Sociedade Salesiana uma nova história" (Anais, I, 249).

Caríssimos, vivemos em tempos que exigem de cada um de nós e da Congregação inteira uma *nova história*: de renovação espiritual, pessoal, de entusiasmo, de generosidade, de ação apostólica. É questão de fidelidade à nossa vocação!

Ao redescobrimento de tamanhos valores admiráveis que o CGE fez, deve seguir-se mediante nossa vida e ação o raiar dessa "nova história". Um caminho garantido para essa "nova história" como vimos, é o das Missões.

Unamo-nos todos, sob o nome de Dom Bosco e sob o impulso renovador e conquistador do Espírito Santo, para percorrê-lo juntos com o ardor e a coragem de nosso Pai.

E que Nossa Senhora Auxiliadora nos acompanhe sempre!

Afmo. em Dom Bosco,

PE. LUÍS RICCERI  
*Reitor-Mor.*

## II. DISPOSIÇÕES E NORMAS

---

### 1. Duração do período dos VOTOS TEMPORARIOS e o Superior competente para admitir a esses votos.

A Instructio da S. Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares "Renovationis Causam", de 6 de janeiro de 1969, n.º 37, deixa liberdade ao Capítulo Geral de cada Instituto Religioso para determinar a duração dos Votos ou Vínculos temporários de um mínimo de 3 a um máximo de 9 anos consecutivos.

Valendo-se de tal possibilidade, o nosso Capítulo Geral Especial estabeleceu, no art. 117 das Constituições, que a duração do período dos Votos temporários "não poderá ser inferior a 3 nem superior a 9 anos consecutivos". Ademais, o art. 115 das mesmas Constituições estabelece uma preferência para os Votos anuais durante o primeiro triênio e para os Votos trienais durante o segundo triênio. Para o período de votos sucessivo ao sexênio, como se pode arguir, também do contexto do art. 117, deixa-se ao critério dos Srs. Inspectores com o próprio Conselho a decisão de admitir aos Votos anuais, trienais ou perpétuos.

A respeito do Superior competente para admitir, uma vez que nem a Instructio, nem as nossas Constituições trazem disposições a respeito, deve-se concluir que o Superior competente é o mesmo que, segundo as Constituições, admite às Profissões do primeiro e segundo triênio; em nosso caso o Inspetor, após haver obtido o parecer do Conselho da Casa e o consentimento do Conselho Inspectorial (Art. 115). Por isso, daqui em diante, não será mais necessário recorrer ao Reitor-Mor para a prorrogação dos Votos temporários após o segundo triênio.

Para evitar desgostos e contratempos, roga-se aos Secretários Inspectoriais enviem com solicitude os respectivos certificados.

### 2. Compilação dos formulários "g" e "h"

*Aos senhores Inspectores, para a compilação do formulário "g" (proposta para a nomeação do Vigário, Ecônomo, Conselheiro Inspectorial) e do formulário "h" (pedido de aprovação da nomeação de Diretor ou Mestre dos Noviços).*

1 — Usem exclusivamente os respectivos formulários, enviados recentemente pela Secretaria Geral.

2 — Atentem à diferença entre a “Proposta para a nomeação...” e “Pedido de aprovação da nomeação...”

3 — Quando se trata de confirmar um Diretor na mesma casa para um segundo triênio, não é necessário compilar o formulário “h”, pois, dispensa-se a aprovação do Reitor-Mor.

4 — Quanto ao parecer do Inspetor, de que se trata no n.º 7 do formulário “g”, não basta um juízo muito simples ou de poucos adjetivos qualificativos, mas deve exprimir em concreto a apreciação do Inspetor sobre o candidato proposto para a nomeação.

5 — Sobre o resultado da consulta (n.º 6 do formulário “h”):

a) ressalte-se bem a relação entre o número das preferências dadas ao candidato e o número dos co-irmãos que responderam às consultas;

b) por “síntese dos juízos” deve-se entender uma síntese das motivações e restrições que determinaram a designação do candidato e que reflita claramente a opinião dos co-irmãos.

6 — No parecer e votação do Conselho Inspeitoral (n.º 7 do formulário “h”), sejam explicitamente indicados: quantos são os eleitores (inclusive o Inspetor), quantos os votos positivos, quantos negativos e quantas abstenções; além do mais, seja dado a conhecer na íntegra o parecer do Conselho.

# III. COMUNICAÇÕES

---

## 1. Introdução do Diaconado Permanente

Em obediência ao Capítulo Geral Especial, o Conselho Superior pediu à S. Congregação para os Religiosos a devida autorização para que fosse introduzido na Congregação Salesiana, entre às outras categorias de sócios, o Diaconado Permanente. Aquele Dicastério deferiu nosso pedido. Os princípios que sugerem a introdução do Diaconado Permanente entre os Salesianos, encontram-se no texto do pedido e da concessão do mesmo, transcrito mais adiante, nos Documentos. Dentro em breve, o Conselho Superior dará disposições e orientações práticas para a atuação do que acima se disse.

## 2. Modificação de Inspetorias

### a) *Supressão da Inspetoria do PAS*

O Conselho Superior houve por bem suprimir a Inspetoria do PAS e estabelecer nítida distinção no interno do Ateneu entre o Centro de Estudos Universitários e a Comunidade Religiosa.

O complexo da Crocetta, em Turim, e as Comunidades de estudantes que a Inspetoria do PAS tinha em Roma ficam incorporados à Inspetoria Central. Na seção *Documentos* publica-se o texto da Comunicação feita aos Salesianos do PAS pelo Conselheiro para a Formação Salesiana.

### b) *Reunição das duas Inspetorias da Itália Central:*

O Conselho Superior a 8 de junho de 1972, decidiu unir de novo as Inspetorias de Nápoles e de Bari, dando-lhe o nome de Inspetoria Meridional. A decisão foi tomada em base os resultados obtidos através da consulta aos co-irmãos do Conselho das Casas Inspetoriais, e de uma Comissão, adrede constituída em nível nacional. Esta decisão interpreta o pensamento de grande parte dos co-irmãos interessados, que vêm melhor realizados na nova e mais ampla Inspetoria "as condições necessárias e suficientes — como é exigido pelo art.

162 das Constituições — para promover eficazmente numa determinada circunscrição jurídica a vida e a missão da Congregação.

### 3. A nova Casa Generalícia em Roma

Nos primeiros dias de junho, a Casa Generalícia começou a funcionar em sua nova séde. Eis alguns dados que devem ser conhecidos:

*Endereço:* Via della Pisana, 1111 — 00163 Roma,

*Caixa Postal:* 9.002 — 00100 Roma,

*Telefone:* (06)64.70.241.

*Conta Corrente Postal:* 1/5115, endereçado à DIREZIONE GENERALE OPERE DON BOSCO.

Para a nova séde, transferiram-se também os co-irmãos da Procuradoria Geral. Para dirigir a Casa Generalícia foi chamado o sr. Pe. Guilherme Bonacelli.

### 4. O Centro Espiritual e Histórico de Turim-Valdocco

A ex Casa Generalícia de Turim-Valdocco, torna-se em Centro Histórico e Espiritual. Seu escôpo será valorizar melhor os lugares santificados pela presença e pela atividade de Dom Bosco e dos seus primeiros filhos; os escritórios, os cômodos, a Capela Pinardi e sobretudo a Basílica de Maria Auxiliadora. Pertencem também ao *Centro* o Boletim Salesiano e a Repartição de Viagens e Expedições.

O Centro Histórico e Espiritual estará vinculado diretamente ao Reitor-Mor por meio de um Delegado Especial. Unidos a este Centro continuam em Valdocco as obras pré-existentes: Paróquia com Oratório e Centro Juvenil; Escolas Profissionais; Escolas Apostólicas com finalidades vocacionais eclesíásticas e religiosas. Estas últimas sob a dependência da Inspetoria Subalpina.

### 5. Um “Órgão de Coordenação” para o PAS:

O Reitor-Mor, que é também Grão-Chaceler do PAS, houve por bem criar um Órgão de Coordenação para descobrir em forma colegial os meios mais adequados para uma eficiente renovação do PAS. Esse órgão tem o encargo de preparar, na reflexão e no diálogo, elementos para auxiliar as Autoridades locais a julgar e decidir.

Ele será o principal instrumento de colaboração entre os Superiores da Comunidade Salesiana mundial e as Autoridades Acadêmicas do PAS. Para atingir o objetivo, manterá um diálogo institucional e sistemático, com especial intensidade durante o período inicial da renovação.

Em se tratando de um Órgão de ligação, o Reitor-Mor escolheu os seus componentes na base de “funções” particularmente representativas, do seguinte modo: serão sete, três dos quais pertencem ao Conselho Superior (os Srs. Conselheiros para a Formação, para a Pastoral Juvenil e para a Pastoral de Adultos) e quatro pertencentes às Autoridades Acadêmicas (o Reitor Magnífico, o Decano de Teologia, o da Filosofia e o Diretor da Pedagogia).

Antes de dar vida ao Órgão de Coordenação, o Reitor-Mor consultou a S. Congregação para a Educação Católica, a qual, com um rescrito assinado pelo Cardeal Garrone e Mons. Schöffner, deu resposta favorável.

## 6. Nomeações

### a) *Secretário do Conselho Superior:*

O sr. PE. DOMINGOS BRITSCHU foi chamado pelo Reitor-Mor para suceder ao SR. TIBURCIO LUPO, no cargo de Secretário Geral do Conselho Superior.

### b) *Delegado do Reitor-Mor para o Centro Histórico de Valdocco:*

O sr. PE. ARQUIMEDES PIANAZZI foi nomeado pelo Reitor-Mor seu Delegado Pessoal para o novo “Centro Histórico e Espiritual” de Turim-Valdocco.

### c) *Delegado do Reitor-Mor para a Polonia*

O sr. PE. ESTANISLAU ROKITA foi escolhido pelo Reitor Mor para seu Delegado Pessoal para as Inspetorias Polacas de Krakow e Lodz. A carta aos salesianos poloneses comunicando-lhes a nomeação encontra-se nos *documentos*.

### d) *Novos Inspetores*

Foram nomeados Inspetores os seguintes co-irmãos:

PE. PASCOAL LIBERATORE da Inspetoria Meridional;

PE. JOSÉ PITZL, da Inspetoria Austríaca;

PE. MAURÍCIO QUARTIER, da Inspeção Belga (norte);  
PE. PASCOAL POUMAY, da Inspeção Belga (sul);  
PE. ANTÔNIO CALERO, da Inspeção Espanhola de Córdoba;  
PE. MANOEL LOURENZO, para a Inspeção Espanhola de León;  
PE. ANTÔNIO RICO, da Inspeção Espanhola de Madrid;  
PE. HENRIQUE REUMERS, da Inspeção da África Central;  
PE. JOÃO ARTALE, da Inspeção das Antilhas;  
PE. GUERINO STRINGARI, da Inspeção Brasileira de Pôrto Alegre;  
PE. JOSÉ ANTÔNIO ROMANO, da Inspeção Brasileira de São Paulo.

## 7. Causas de Beatificação e Canonização

### a) *Beatificação do Padre Miguel Rua:*

Chegou-nos da Santa Sé a agradabilíssima notícia da próxima Beatificação do Venerável Miguel Rua, precisamente no dia 29 de outubro. O texto do Comunicado encontra-se entre os *Documentos*.

b) Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Zeferino Namuncurá.

A 22 de junho último, o Papa Paulo VI aprovou o “Decreto sobre a heroicidade das virtudes” do Servo de Deus Zeferino Namuncurá. Nos *Documentos*, podem-se ler o texto latino do Decreto e uma tradução não oficial.

## 8. Solidariedade fraterna

### a) *Inspetorias das quais recebemos ofertas:*

#### ITALIA:

Central .....	Liras	8.435.860
Subalpina .....		200.000
Adriática .....		1.350.000
Ligure Toscana .....		800.000
Romana .....		715.000
Sícula .....		1.228.000
Vêneta São Marcos .....		1.220.000

#### EUROPA

Alemanha (norte) .....		910.000
Grã-Bretanha .....		180.000
Portugal .....		27.083
Espanha (León) .....		452.500

AMÉRICA

Estados Unidos (Este) .....	1.171.480
Total das somas recebidas de 15 de março a 10 de julho de 1972 .....	16.689.923
Saldo anterior em Caixa .....	501.531
Soma disponível em 10 de julho de 1972 ....	<u>17.191.454</u>

b) *Distribuição do dinheiro recebido:*

ASIA

Coréia, para o Centro Juvenil .....	Liras	240.000
Coréia, para as Casas de Formação .....		1.000.000
Índia-Krishnagar, para a Diocese .....		49.300
Índia-Calcutá, aos Ex-Alunos para 5 casas para os pobres .....		600.000
Índia-Assam, a D. Marengo para a Missão dos Garos .....		1.000.000
Vietnam, a D. Seitz para os prófugos de Kontum .....		250.000
Vietnam, para as vocações e salesianos em formação .....		1.525.000

AFRICA

Madagascar, ao Pe. Sabbi, para um dispensário	100.000
Zaire, para a "Maison des Jeunes" de Lubumbashi para a aquisição de uma caminhoneta	2.000.000

AMÉRICA

Argentina, ao Pe. Melani (Terra do Fogo) ...	1.000.000
Brasil, Campo Grande, para o leprosário .....	500.000
Brasil, Campo Grande para a escola noturna ...	60.000

Chile, Santiago, para a Capela do Centro de Espiritualidade .....	700.000
Equador, para a Missão do Pe. Casiraghi .....	4.000.000
México, para o Pe. Enzo Canonici Camboniano, para seus pobres .....	200.000
Uruguai, duas bolsas de Estudo para sacerdotes que estudam em Roma .....	1.500.000
Total das somas recebidas de 15 de março a 10 de julho de 1972 .....	14.724.300
Em caixa .....	2.467.154
Total .....	<u>17.191.454</u>

c) *Movimento Geral da Solidariedade Fraternal a 10 de julho de 1972:*

Somas recebidas .....	Liras 154.717.999
Somas distribuídas .....	152.250.845
Saldo em caixa .....	<u>2.467.154</u>

## IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

---

Nos últimos meses a atividade do Conselho Superior, antes em Turim, depois em Roma, foi intensa e febril. Já em março, estavam organizadas junto ao Conselho várias comissões encarregadas de examinar alguns dos numerosos e urgentes problemas na pauta, tais como, a sistematização do complexo de obras de Valdocco, a reestruturação do PAS, o futuro da Inspetoria Central, a organização dos novos Dicastérios, o Diaconado Permanente, o estudo de um "Guia da oração individual e comunitária". Em alguns casos esses problemas exigiram a formação de Comissões integradas por co-irmãos de várias precedências. O trabalho dessas Comissões (cujo resultado em parte se nota neste número dos "Atos", sob os títulos "Comunicações" e "Domumentos") foi empenhativo e demorado.

Entretanto, o Conselho Superior, despedindo-se de Turim, fazia visitas significativas: uma ao Centro Catequético de Leumann, depois uma Peregrinação ao Colle Dom Bosco e a 10 de maio uma outra a Mornese, prestando homenagem ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que está festejando o Centenário de sua fundação. Nessa ocasião, o Conselho Superior visitou a Casa onde nasceu Santa Maria Mazzarello (que em sua pobreza lembra de perto a dos Becchi) e o novo templo dedicado à Santa, cuja inauguração constituirá sem dúvida um dos mais belos números comemorativos do Centenário.

O Conselheiro para a Pastoral dos Adultos, nos dias 14 e 15 de maio, reuniu-se em Caselette (Turim) com a Presidência Confederal dos Ex-Alunos. A ordem do dia foi densa: entre outras coisas foram discutidas a Renovação dos Estatutos e a preparação do Congresso Latino-Americano a realizar-se em outubro, no México.

O Reitor-Mor encontrou tempo para uma visita à Inspetoria de León, Espanha (18/23 de maio). A 15 de maio os Salesianos de Turim e do Piemonte homenagearam o Reitor-Mor e seu Conselho, com uma concelebração muito numerosa na Basílica repleta de jovens, seguida de uma sessão no Teatro e com um Ágape fraterno. A festa de Maria Auxiliadora foi também ocasião para um último encontro com as

autoridades civis e religiosas, e com tantos amigos com que a obra salesiana conta em Turim.

A transferência da Casa Generalícia para Roma, deu-se nos dias 28-30 de maio. E o trabalho do Conselho Superior retomou logo seu ritmo intenso. Em certos períodos havia duas reuniões ao dia.

No dia 21 de junho festejou-se muito na intimidade o primeiro onomástico do Sr. PE. LUÍS RICCERI, na nova Casa Generalícia, com a participação externa apenas dos Srs. Diretores salesianos de Roma.

Para fins de junho, os seis Conselheiros Regionais partiram para visitar as Inspetorias do mundo salesiano. A viagem, que vai durar quatro meses, lhes permitirá tomar um primeiro contato com os co-irmãos e inteirar-se dos problemas locais com os quais eles se debatem.

## V. DOCUMENTOS

---

### 1. Instituição do Diaconato Permanente na Congregação Salesiana

- a) *Carta do Reitor-Mor Pe. Luís Ricceri ao Card. Ildebrando Antonutti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, escrita de Turim, 17 de maio de 1972.*

Senhor Cardeal.

de acordo com as disposições emanadas pela Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares referentes à instituição do Diaconato permanente, apresento-lhe o parecer do XX Capítulo Geral Especial da Pia Sociedade Salesiana, respondendo também aos quesitos que essa mesma S. Congregação formulou através de apropriado documento no dia 23 de novembro sobre o assunto em pauta.

1. O Capítulo Geral Especial introduz o Diaconato Permanente entre os Salesianos por motivos de ordem pastoral e salesiana, como se afirma nos números 150 e 183 dos Atos (que por comodidade são aqui anexados).

A renovação da Igreja pós conciliar, que revelou a figura e as funções do Diácono encontra-nos segundo o ensinamento e o exemplo de nosso Fundador, sempre abertos ao enriquecimento de nossas possibilidades de colaboração na pastoral de conjunto assumindo as novas modalidades que nos são oferecidas pela Igreja.

Dentro da nossa Congregação, o desejo de introduzir o Diaconato Permanente é um fato já difundido em muitos ambientes, sobretudo paroquiais e de Missões.

2. O Capítulo Geral Especial estudou atentamente a compatibilidade da figura do "Diácono Permanente" com a natureza, o fim e o espírito do Instituto, e chegou à conclusão que o Diaconato Permanente pode ser considerado, hoje, como uma explicitação do carisma de fundação que inspirou São Bosco a dar vida à Congregação.

Com efeito, a Congregação na Igreja, oferece, para a juventude pobre e para os ambientes populares, também aqueles serviços que

se atribuem ao Diácono Permanente (evangelização, catequese, vida litúrgico-sacramental, associacionismo, etc.).

3. A condição de Diácono Permanente será na Congregação Salesiana aquela de irmãos entre irmãos, que realizam, com os dons do Espírito que lhes são próprios, a missão comum.

A Congregação, que consta de eclesiásticos e leigos, e que impregna sua vida comum com o espírito de família, possui uma faixa adequada para fazer desenvolver entre os membros que recebessem o dom do Espírito, a vocação Diaconal.

Parece-nos útil recordar aqui, como ilustração, a vastidão e variedade do empenho paroquial de nossa Congregação. Existem atualmente 665 paróquias confiadas ao nosso cuidado com um total de 7.440.000 habitantes.

Possuimos também um vasto empenho missionário: estamos presentes em 318 Centros de Missão com 2500 salesianos que operam em vários continentes entre 15.000.000 de pessoas.

4. Em princípio, a preparação dos Diaconos Permanentes é vista estreitamente ligada e articulada com a Igreja local onde estes diaconos exercitarão o próprio ministério. Quando a Igreja local (p.e. nos lugares de Missão) não pudesse fazer essa preparação diaconal, poder-se-ia suprir facilmente através de nossos Estudantados de teologia atualmente eficientes para os candidatos ao sacerdócio.

Para a preparação diaconal, debaixo de todos os aspetos, serão seguidas concretamente as diretivas gerais do Motu Próprio "Sacrum Diaconatus Ordinem" e as Normas de aplicação das respetivas Conferências Episcopais.

5. O papel dos Diaconos dentro do Instituto resumir-se-á neste termos: estreita colaboração com o ministério salvífico do sacerdote, sobretudo na pastoral missionária (em sentido estrito), na pastoral paroquial e na animação dos grupos apostólicos juvenis e de adultos da classe popular.

6. A situação de um Diacono Salesiano que fosse transferido para uma outra nação será semelhante àquela de um sacerdote que recebe uma análoga destinação: isto é, exercitará em outro lugar, sempre em harmonia com a missão geral da Congregação, o ministério específico do Diaconado Permanente. Isto torna-se particularmente fatível desde o momento em que a Congregação vive em uma dimensão mundial, e os pedidos de um válido serviço diaconal são sempre mais urgentes.

Está claro que sempre será respeitado quanto dispõe o n.º 34 do Motu Proprio.

7. As repercussões do Diaconato Permanente sobre a natureza do Instituto só podem ser positivas: trata-se de um enriquecimento interno da nossa Congregação, muito útil para a atuação da missão específica dos Salesianos de Dom Bosco.

Em base a tais posições do Capítulo Geral Especial e a norma do Motu Próprio “Sacrum Diaconatus Ordinem” (n.º 32), peço-lhe, Senhor Cardeal, enquanto Prefeito da S. Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, a autorização para instituir o Diaconato Permanente entre os Religiosos da Sociedade Salesiana, no espírito e com as finalidades correspondentes às diretivas da Igreja.

*Distintos cumprimentos*

Pe. LUÍS RICCERI

*Distintos cumprimentos*

b) *Resposta afirmativa do Card. Ildebrando Antoniutti ao Reitor Mor Pe. Luís Ricceri escrita de Roma, 02 de junho de 1972 (Prot. n.º 15810/72 Sp. R.40/70).*

Reverende Pater,

Capitulum Generale speciale Societatis Salesianae Diaconatus permanentis ordinis instaurationem opportunam duxit, ita ut sodales Instituti Diaconi ordinari possint secundum normas ab eodem Capitulo Generali statutas.

Haec Sacra Congregatio, ad normam n. 32 M.P. “Sanctum Diaconatus ordinem” omnibus quae ad rem pertinent rite servatis, eiusdem Capituli Generalis vota rata habet atque approbat.

Superiores quorum interest curam habeant ut deliberationes a competenti Auctoritate ecclesiastica prolatae circa candidatorum necessariam praeparationem et Diaconatus Ordinis exercitium admissim serventur.

Occasionem nactus meam in Te observantiam profiteor ac libenter permaneo addictissimus in Domino

I. Card. ANTONIUTTI *prae*f.

c) *Tradução da precedente carta do Card. Antoniutti.*

Reverendo Padre

o Capítulo Geral Especial da Sociedade Salesiana houve como oportuna a instauração da ordem do Diaconato Permanente, de forma que os inscritos no Instituto passam vir a ser ordenados Diáconos de acordo com as normas estabelecidas pelo mesmo Capítulo Geral.

Esta S. Congregação, de acordo com o n. 32 do M.P. "Sacrum Diaconatus Ordinem", tem com justo este pedido do Capítulo Geral Especial e a aprova, uma vez que sejam observadas todas as exigências requeridas pelo assunto.

Os superiores interessados cuidem para que sejam aplicadas com fidelidade as deliberações emanadas pela Autoridade competente no que diz respeito a necessária preparação dos candidatos e o exercício da ordem do Diaconado.

Nesta oportunidade apresento-lhe meus respeitos e de boa vontade sou-lhe obrigadíssimo no Senhor.

ass I. Card ANTONIUTTI *pref.*

## 2. **Beatificação do Pe. Rua**

*Carta do Card. J. Villot ao Reitor Mor com data do Vaticano, 3 de julho de 1972 (Secretaria de Estado, Prot. n. 214114).*

Reverendíssimo Senhor,

apresso-me a informar-lhe que por disposição do Santo Padre, a data para a beatificação do Servo de Deus Pe. Miguel Rua foi fixada para o domingo 29 de outubro p.f.

Ao fazer-lhe esta comunicação é me grato afirmar com religiosa estima de V. Rev.ma devotíssimo no Senhor.

ass J. Card VILLOT

## 3. **Decreto sobre a heroicidade das virtudes de Zeferino Namuncurá**

a) *Texto latino do "Decreto sobre a heroicidade das virtudes" do Servo de Deus Zeferino Namuncurá, emanado pela "Sagrada Con-*

gregação para as Causas dos Santos”, e aprovado por Paulo VI no dia 22 de junho de 1972.

Decretum super dubio: “An constet de virtutibus theologalibus Fide, Spe et Caritate cum in Deum tum in proximum, necnon de cardinalibus Prudentia, Iustitia, Fortitudine et Temperantia earumque adnexis, in gradu heroico, in casu et ad effectum de quo agitur”.

*Omnes christifideles ad sanctitatem propriique status perfectionem prosequendam invitantur et tenentur (Lumen gentium, 42).* Hoc Concilii Vaticani II pronuntiatum doctrinam Ecclesiae Catholicae translativam repetit, quae praeterea non adultos solos attingit eosve qui ad consilia Evangelica profitenda vocantur, verum etiam iuvenes, *qui spes sunt Ecclesiae (Gravissimum educationis, 2)* quosque ipsa nunc praesertim fidenter amanterque contuetur et cohortatur: *Magno estote animo, corde puri, reverentes, sinceri (Conc. Vat. II ad Iuvenes Nuntium).*

Quorum ad iuvenum agmen, qui in regno quoque caelorum “amicti stolis albis... sunt ante thronum Dei” (*Apoc. 7, 13-15*), merito pertinet Zephyrinus Namuncurà civis illius Araucanae gentis bellica virtute praestantis, quae in Christi ovili sub finem superioris saeculi est ingressa.

Natus est ipse die 26 mensis Augusti anno 1886 in oppido orae Fluminis Nigri cui nomen *Chimpay, in septentrionali Patagonia*, eo sci licet tempore cum inter Rei Publicae Argentinae magistratus et tribus indigenarum, qui multa saecula a vitae humanioris cultu christianaque fide arcebantur, pax conciliabatur et coagmentabatur optata. Pater eius Emmanuel nomine Pamparum ducum maximus simulque suae gentis caput supremum — vulgari sermone *cacico* — erat; mater autem naturalis Rosaria Burgos. Hi vero omnes, quamquam baptismate sancto abluti, ethnicorum plane ritu moreque vitam ducebant, cum in remotis iis ac longinquis locis Evangelii deessent praecones, qui Dei verbum praedicarent et instituta Christiana animis inculcarent. Araucana gente imperio demum subdita Rei Publicae, Dominicus Milaneseo, missionalis Salesianus atque Araucanorum apostolus, in pervigilio Nativitatis Domini anno 1888 Servum Dei sacro fonte lustravit, qui ad undecimum dein aetatis annum domi suae deversatus est patremque tum secutus ad occidentem solem commigrantem in Andium nempe iugum montium. Etsi infans et puer ad christianam doctrinam perducere haud potuerat, tamen ab ineunte aetate mitem et lenem, impigram et navam

ostendebat indolem, praesertim in paternis gregibus custodiendis et prascendis. Parentes summo amplectebatur amore itemque suam universam nationem, quae morum emendatione in luceque Evangelii tam indigebat.

Anno 1897 Zephyrinus, quippe quae unus esset in quo spem Araucana tribus poneret a senescente iam patre deductus est in urbem Bonaërensem, ubi pro aliquorum olim Rei Publicae magistrorum benevolentia, is veluti delibatus flos et autochtonum meridianorum legatus sodalibus Salesianae Societatis concreditur instituendus et perdocendus.

Ibi profecto divina eum expectabat gratia, quem quidem virtutibus, quae christianos iuvenes decerent, penitus informaret. Araucanus enim hic adolescens suorum aequalium longe dissimilis insolitam vim ingenii aciemque exhibebat, et promptum ad discendum atque oboediendum se ipse praebat. Sua fere sponte cor eius ad pietatem in Deum et ad superna trahebatur, dum librum christianae doctrinae praecepta continentem ceteris omnibus anteferebat. Caelestis insuper convivii diu particeps fieri sitienter concupiverat; cuius voti die 8 Septembris a. 1898 demum compos est factus. Postero anno, die 5 Novembris, sacro chrismate obsignatus est. Fervor antem quo haec Sacramenta recepit — ita testes fide digni confirmant — in eius animo ac vultu resedit, eique imaginem paene angelicam indidit, atque auxilio fuit ut aequalibus semper pietate et diligentia, seseque gerendi modo et grato erga superiores animo antecelleret. Tales praeterea ac tanti fuerunt per quinque annos in urbe Bonaërensis eius progressus, ut aemulus habitus sit optimorum Salesiani instituti adolescentium.

Anno 1903, iam valetudine minus commoda utens sed vehementi ardens studio Christi sacerdotii suscipiendi, ut propriae genti Evangelii lumen adferret, a Rev.mo Joanne Cagliero, Patagoniae Vicario Apostolico et patris Servi Dei amico, in urbem Viedman Vicarius principem sedem translatus est. Ibi una cum aliis sodalibus, quis Salesianorum Institutum intrare cogitabant, gymnasii, ut aiunt, studia iniiit et in eodem collegio virtutum exercitatione eminuit, praesertim caritate, oboedientia, mansuetudine et perfecta castitate, Araucanae genti propemodum ignota.

Quo autem suae valetudini aptius certiusque consuleret et studiis facilius operam daret, anno 1904 Rev.mus D. Cagliero Famulum Dei in Italiam duxit eumque Venerabili Michaëli Rua et S. Pio Decimo, capitibus nempe Societatis Salesianae et Ecclesiae, tamquam gemmam et proprii apostolatus inter autochtonas Patagoniae trophaeum, familiarem fecit.

Tum Servus Dei studia Augustae Taurinorum prosequabatur apud primariam Salesionorum domum, in qua memoria Dominici Savio, qui ibidem scholas obiverat, adhuc vigeat vehementerque adulescentes alumnos ad perfectionem christianam adipiscendam inflammabat. Inde autem paulo post transiit in Collegium, cui nomen "Vila Sora", in amoenis Tusculanis collibus situm. Utrisque tum moderatoribus tum aequalibus praeluxit suae probitatis virtutisque exemplo, praesertim vero eucharistico fervore et cotidiani officii perdiligenti functione et mirabili patientia in tuberculorum tabe, qua laborabat, toleranda. Quo quidem ingravescente morbo die 28 Martii a. 1905, studiis relictis, in Romanum Fratrum S. Ioannis a Deo valetudinarium delatus est, ubi dolores hilari vultu et animo pertulit, totum se Dei voluntati permit- tens. Mox morientium sacramentis pie munitus hic adolescens et sancti- tatis fama exornatus, die 11 mensis Maii, aetatis undevicesimo nondum expleto anno, obdormivit in Domino.

Religioso funere facto, corpus eius in Urbis sepulcreto ad agrum Veranum prius humatum est; deinde, anno 1924 in patriam transvec- tum, nunc apud *Fortin Mercedes*, in antiqua Salesiana Missione re- quiescit magnoque fidelium honoratur et celebratur frequentia.

Sanctitatis fama, qua Dei Famulus vivens honestabatur, post eius obitum late diffusa atque caelestibus signis confirmata est. Quapropter de beatorum caelitem honoribus eidem decernendis agi coeperunt. Instructis processibus ordinariis in Curia Vicariatus Urbis et per roga- torias, in Curiis ecclesiasticis Taurinensi, Viedmensi et Bonaërensi, atque edito super scriptis decreto, Pius Papa XII commissionem intro- ductionis causae die 3 Martii a 1957 adsignavit. Apostolici deinde processus instituti sunt in Curiis Viedmensi, Taurinem., Moronensi et apud Urbis Vicariatus super virtutibus in specie, atque de eorundem iuridica vi decretum prodiit die 29 Ianuarii a. 1962.

Servatis itaque omnibus de iure servandis, die 6 Aprilis a. 1971 Peculiaris Congressus S. Congregationis per Causis Sanctorum habitus est, in quo dubium discussum est: *An constet de virtutibus theologa- libus Fide, Spe et Caritate cum in Deum tum in proximum, necnon de cardinalibus Prudentia, Iustitia, Fortitudine et Temperantia, earum- que adnexis, in gradu heroico, in casu et ad effectum de quo agitur.* Quod dubium iterum, die 6 Iulii eodem anno, in Congregatione Ple- naria Patrum Cardinalium, Ponente seu Relatore Aloisio Cardinali Traglia, expensum fuit, iique cuncti unanimi consensu affirmando responderunt.

Facta de praemissis omnibus Summo Pontifici Paulo VI relatione per infrascriptum Cardinalem in Audientia eidem concessa die 7 Ianua-

rii anni huius 1972, Sanctitas Sua sententiam S. Congregationis pro Causis Sanctorum ratam habens iussit decretum super Servi Dei heroicis virtutibus apparari.

Hoc denique die idem Summus Pontifex, accitis subscripto Cardinali Praefecto necnon Rev.mo Cardinali Aloisio Traglia, Causae Ponente, meque a secretis ceterisque vocari solitis, iisque adstantibus praesens decretum promulgavit, edicens: *Constare de virtutibus theologalibus Fide, Spe et Caritate cum in Deum tum in proximum, necnon de cardinalibus Prudentia, Iustitia, Fortitudine et Temperantia, earumque adnexis, in gradu heroico, Servi Dei Zephyrini Namuncurà, in casu et ad effectum de quo agitur.*

Hoc autem decretum publici iuris fieri et in acta huius Congregationis referri mandavit.

Datum Romae, die 22 iunii 1972.

PAULUS Card. BERTOLLI, Praefectus

† Ferdinandus Antonelli, Archiep. tit. Indicren., a Secretis

b) *Tradução não oficial do mesmo Decreto*

Decreto sobre a dúvida: “Se está acertada a existência das virtudes teológicas Fé, Esperança e Caridade para com Deus e para com próximo, bem assim das virtudes cardeais Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança, e das virtudes que lhes são conexas, em grau heróico, para o caso e ao escopo de que se trata”.

“Todos os fiéis cristãos são convidados e com dever de alcançar a santidade e a perfeição no próprio estado” (*Lumen Gentium*, 42). Esta afirmação do Concílio Vaticano II repete a doutrina constante da Igreja Católica, que não se refere somente aos adultos ou àqueles que são chamados a professar os conselhos evangélicos, mas também aos jovens, que são “a esperança da Igreja” (*Gravissimum educationis*, 2), e pela Igreja sobretudo hoje são seguidos e exortados com confiança e amor: “Sede corajosos, puros de coração, respeitosos, sinceros” (*Conc. Vaticano II, Mensagem aos jovens*).

Bem merecidamente pertence à igreja daqueles jovens que no reino dos céus “estão, vestidos de branco, diante do trono de Deus” (*Apoc* 7,13-15), também Zeferino Namuncurà, descendente daqueles Araucanos, destemidos no combate, que pelos fins século passado entraram no redil de Cristo.

Ele nascera aos 26 de agosto de 1886 em Cimpay, uma cidadezinha às margens do Rio Negro na Patagônia setentrional, no tempo em que se estava conseguindo e reforçando a paz entre as autoridades argentinas e as tribos indígenas que por séculos ficaram impenetráveis à vida civil e à fé cristã.

Seu pai, chamado Emanuel, era um cacique, o chefe do seu povo, não só, mas também o mais poderoso de todo o Pampa; sua mãe chamava-se Rosária Burgos.

Essa gente, embora regenerada pelo batismo, vivia praticamente como pagã, porque naquelas regiões distantes e pouco acessíveis faltavam os pregadores do Evangelho que anunciassem a Palavra de Deus e inculcassem nas almas os costumes cristãos.

O povo araucano já se havia submetido à autoridade argentina quando o missionário salesiano e apóstolo dos Araucanos padre Domingos Milanésio na Vigília do Natal de 1888 batizou o Servo de Deus, que ficou na casa paterna até a idade de onze anos e depois seguiu o pai nas suas migrações pela vertente ocidental dos Andes.

Embora não tenha sido possível instruí-lo desde criança na doutrina cristã, todavia já demonstrava índole doce e mansa, ativa e diligente, sobretudo em tomar conta e pastorear o rebanho do pai. Tinha um grande amor para com os pais assim como para com todo o seu povo, que tinha grande necessidade de corrigir os seus costumes e receber a luz do Evangelho.

Desde então estava depositada somente nele a esperança do povo araucano, por isso em 1897 foi levado por seu pai já velho para a cidade de Buenos Aires, onde por cuidado de algumas autoridades de então, foi confiado aos salesianos como flor escolhida e como representante do seu povo, para que fosse educado e instruído.

Aí certamente o esperava a graça de Deus, a fim de enriquecê-lo de todas as virtudes que podem exornar um jovem cristão. De fato esse rapaz araucano, tão diferente de seus colegas, revelou cedo uma insólita agudeza de engenho e se demonstrou pronto para aprender e obedecer. Seu coração abria-se quase espontaneamente à piedade, para Deus e coisas espirituais, e a todos os demais livros preferia os que continham os preceitos da doutrina cristã.

Há muito desejava ser admitido ao banquete eucarístico, e seu anseio foi finalmente satisfeito a 8 de setembro de 1898. No dia 5 de novembro do ano seguinte foi crismado. O fervor com que recebeu estes sacramentos — e o confirmam testemunhas dignas de fé —

deixou um sinal em sua alma e em seu rosto, conferiu-lhe um aspecto quase angélico, e lhe foi de auxílio para tornar-se melhor dos seus companheiros em piedade e diligência, no seu comportamento e gratidão para com seus superiores. O seu progresso nos cinco anos em que permaneceu em Buenos Aires foi tal e tão grande que foi considerado êmulo dos melhores alunos das escolas salesianas.

Em 1903 a sua saúde já não era muito boa, mas ele desejava ardentemente ser sacerdote de Cristo para levar ao seu povo a luz do Evangelho. Naquele ano Dom João Cagliero, que era Vigário Apostólico da Patagônia e amigo do pai do Servo de Deus, transferiu-o para a cidade de Viedma, sede do seu Vicariato. Aí, junto com outros companheiros que tencionavam entrar na Congregação Salesiana, Zefirino começou os estudos ginasiais. Nesse colégio distinguiu-se na prática das virtudes, sobretudo da caridade, da obediência, da mansidão e da perfeita castidade, quase desconhecida entre os Araucanos.

Para que se restabelecesse e conseguisse melhores resultados nos estudos, em 1904 Dom Cagliero levou o servo de Deus à Itália e o fez conhecer ao ven. Miguel Rua e a Pio X, apresentando-o como gema e troféu do próprio apostolado entre os índios da Patagônia.

Então o Servo de Deus continuou os estudos em Turim no primeiro Oratório de Dom Bosco, onde a lembrança de Domingos Sávio, que tinha freqüentado as mesmas aulas, era ainda vivo e estimulava ardentemente os jovens alunos a conquistar a perfeição cristã.

Daí a não muito tempo foi enviado ao colégio de "Vila Sora", que surge numa localidade amena dos Coles Tusculanos. E sempre se fez estimar quer por seus educadores quer por seus colegas como modelo de honestidade e de virtude, sobretudo pelo seu fervor eucarístico, pelo diligentíssimo cumprimento do dever cotidiano, pela admirável paciência demonstrada em suportar a tuberculose que já agora o havia dominado.

Piorando o seu mal, aos 25 de março de 1905 abandonou os estudos e foi internado no hospital romano dos Frades de S. João de Deus, onde suportou a dor com ânimo sereno e rosto sorridente, entregando-se totalmente à vontade de Deus.

Pouco depois, esse adolescente extraordinário, com fama de santidade e confortado pelo sacramento dos moribundos, adormeceu no Senhor. Era o dia 11 de maio, tinha dezenove anos ainda não completos.

Após os funerais religiosos, seu corpo foi sepultado, primeiro no cemitério romano do Campo Verano; depois em 1924 foi transportado para a pátria e agora descansa em Fortin Mercedes na antiga missão salesiana onde é honrado por frequentes visitas dos fiéis.

A fama de santidade de que o Servo de Deus era circundado em Vida, depois da morte foi-se largamente difundindo e confirmando com sinais do céu. Por isso começou-se a pensar em encaminhá-lo às honras dos altares. Fizeram-se os processos ordinários no tribunal do Vicariato de Roma e, por rogatória, nos tribunais eclesiásticos de Turim, Viedma e Buenos Aires; depois foi promulgado o decreto sobre os seus escritos. Em seguida no dia 3 de março de 1957 o Papa Pio XII constituiu a comissão para a introdução da causa.

Desde então na Cúria de Viedma, Turim, Morón, e no Vicariato de Roma iniciaram-se os processos “sobre as virtudes em particular”, e sobre o valor jurídico desses processos foi emitido um decreto no dia 29 de janeiro de 1962.

No dia 6 de abril de 1971 a Sagrada Congregação para a Causa dos Santos teve uma adequada reunião em que se discutiu sobre a dúvida “*Se é certa a existência das virtudes teológicas...*”. A mesma dúvida foi de novo tomada em consideração no dia 6 de julho do mesmo ano numa “Congregação plenária” dos Cardeais, com o Card. Luís Traglia no papel de Relator, e todos responderam afirmativamente à dúvida, com consenso unânime.

Em seguida o Card. Bertoli, numa audiência que lhe concedera o Papa Paulo VI no dia 7 de janeiro de 1972, fez-lhe uma relação de tudo. Por sua vez o Papa considerou válida a sentença da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos, e ordenou que se preparasse o decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus.

Finalmente hoje o Sumo Pontífice, convocando o abaixo assinado Cardeal Prefeito, o cardeal Luís Traglia que propusera a causa, o Secretário e os demais que segundo o costume são convocados, estando todos reunidos, promulgou o presente decreto, declarando: “*É certa a existência das virtudes teológicas Fé, Esperança, e Caridade para com Deus e para com o próximo, bem como das virtudes cardiais Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança, das virtudes a elas conexas, em grau heróico, do Servo de Deus Zeferino Namuncurá, para o caso e ao escopo de que se trata.*”

Ordenou a seguir que este decreto seja tornado de público direito. e consignado nos atos desta Congregação.

Dado em Roma, aos 22 de junho de 1972.

Paulo Card. Bertoli, *Prefeito*

✦ Ferdinando Antonelli, arceb., *Secretário*

#### 1. Transferência da Casa Generalícia de Turim para Roma

a) *Carta do Reitor Mor despedindo-se da cidade de Turim datada de 24 de maio de 1972.*

Gentilíssimo Senhor,

sinto-me na obrigação de comunicar-lhe que nos próximos dias a Sede da Direção Geral das obras de Dom Bosco será transferida para Roma.

A decisão foi longamente estudada e hoje, vigília de sua efetivação, é particularmente sentida em vista da íntima união que a nossa Congregação sempre teve com a cidade de Turim. Uma exigência vital nos impele ao centro do mundo católico; por outro lado o Reitor Mor com seu conselho devem atuar um desejo expresso pelo órgão supremo da nossa Congregação.

Neste momento percorro com a mente e mais ainda com o coração a história de mais de um século de vida salesiana, e capacito-me da generosidade cordial e constante que a cidade de Turim sempre teve para com os filhos de Dom Bosco.

Por isso, Valdocco e Turim permanecerão sempre como o Centro de irradiação e de convergência, de inspiração e de espiritualidade para a família salesiana toda.

Com estes sentimentos desejo exprimir-lhe meu agradecimento pessoal e de toda a Congregação pela benevolência com que sempre nos acompanhou, amparando-nos em nossa missão de bem.

Gostaria de possuir o mesmo coração de Dom Bosco nesta manifestação de agradecimento; o senhor esteve ao nosso lado como a seu tempo, os primeiros amigos e colaboradores de nosso Santo.

É para mim motivo de satisfação elevar minha prece à Virgem Auxiliadora, no dia de sua festa, a fim de que seja generosa de bênção para o senhor, para seus caros e todas as suas intenções.

-Cordiaimente agradecido,

PE. LUIS RICCERI

b) *Telegrama do Reitor Mor ao Papa, com data de 31 de maio de 1972.*

Sua Santidade Paulo VI, Cidade do Vaticano

Iniciando as atividades na nova sede romana de nossa Casa Generalícia, envio a Vossa Santidade meu primeiro devoto pensamento e o do Conselho Superior, renovando os sentimentos de plena fidelidade à preciosa herança do Santo Fundador revigorada pela vinda a Roma, implorando bênção apostólica.

PE. LUIS RICCERI

c) *Resposta do Card. Villot ao telegrama do Reitor Mor.*

Ao manifestar Sua paterna gratidão pela afetuosa mensagem pelo senhor enviada também em nome do Conselho Superior por ocasião do início das atividades na nova sede romana da Casa Generalícia, Sua Santidade retribui solícito gesto com votos de trabalho fecundo para o feliz incremento da benemérita Família Religiosa, invoca contínua assistência divina com o patrocínio do Santo Fundador, e de boa mente dá a pedida bênção apostólica.

CARD. VILLOT

##### **5. Nomeação de um Delegado do Reitor Mor para a Polônia**

Carta do Reitor Mor aos irmãos das Inspetorias da Polônia, datada de Roma, 18 de junho de 1972.

Caríssimos Irmãos,

depois do pedido dos Inspetores e Delegados das duas Inspetorias da Polônia, feitos intérpretes dos respectivos Capítulos Inspetoriais, o

Capítulo Geral Especial ao tratar da formação dos “Grupos Regionais” dedicou uma atenção especial à vossas Inspetorias e se pronunciou no sentido de que as duas Inspetorias de Cracovia e Lodz tivessem um “Delegado do Reitor Mor”.

Atuando tal deliberação capitular após ter feito as consultas que me pareceram mais oportunas e condizentes com as circunstâncias, com o consentimento do Conselho Superior, nomeei meu “Delegado pessoal” o Rev.mo Pe. *Estanislau Rokita*.

Ao fazer esta comunicação oficial, convido cada um de vós a uma plena e responsável colaboração, para que esta medida do Capítulo Geral Especial alcance aqueles resultados positivos em vista dos quais ela foi tomada, para sustento e desenvolvimento da Vida Religiosa e Missão salesiana das caríssimas Inspetorias, e para que se torne ao mesmo tempo mais estreito e operante o vínculo de caridade para com as vossas Inspetorias e a compreensão dos vossos problemas por parte do Reitor Mor e do Conselho Superior.

Afianço para todos e para cada um minha lembrança diária especial junto ao Altar e invoco sobre as Inspetorias a constante assistência da Virgem Auxiliadora e do nosso Santo Fundador.

PE. LUIS RICCI

## 6. A reorganização do PAS

*Texto da Comunicação feita pelo Conselheiro para a Formação Salesiana, Pe. Egidio Viganó, aos salesianos do PAS, no dia 19 de junho de 1972*

Em primeiro lugar trago-vos a saudação cordial do Reitor-Mor e Grão-Chanceler, e a de todos os irmãos membros do Conselho Superior.

1. Venho comunicar-vos algumas disposições que se referem a este Centro Superior de Estudos. Faço-o na qualidade de Conselheiro para a Formação da Congregação Salesiana.

O XX Capítulo Geral estabeleceu uma “Diretriz para a Ação” concreta para a renovação do PAS. A atuação das deliberações capitulares foi entregue ao Conselho Superior coadjuvado por uma Comissão pós-capitular. Levado a termo o exame global dos problemas principais, o Conselho Superior encarregou o Conselho para a Formação de vir comunicar-vos oficialmente suas decisões mais importantes.

Aproveito esta oportunidade para agradecer publicamente aos cinco membros da Comissão pós-capitular, o trabalho que souberam fazer com seriedade e realismo.

2. O significado global que vos direi deve ser interpretado na mentalidade das Diretrizes para a Ação do CGE. Julgo conveniente demorar-me antes do mais sobre este fato.

Um Capítulo Geral é a expressão colegial, suprema e autêntica, da Congregação em nível de Comunidade mundial (cfr. *Const.* 151, 152, 158).

O XX CG foi, nosso Capítulo Geral “Especial”, prescrito após o Concílio pelo “motu proprio” ES. Como tal, teve o objetivo preciso da renovação de nossa Vocação Salesiana na Igreja.

Falou-se que o CGE (cfr. CGE pp. 606-607) foi uma graça de Deus para a Congregação. Suas diretrizes e suas deliberações ajudam a aprofundar e reatualizar nossa identidade de Salesianos de Dom Bosco hoje.

Em consonância com sua “especialidade”, o XX CG enfrentou os temas principais de nossa existência vocacional, assumindo com coragem a revisão crítica e a reforma dos grandes instrumentos de serviço da vida da Congregação. Assim, ele se empenhou na reconsideração total das Constituições, dos Regulamentos, das estruturas de serviço da vida da Congregação. Assim ele se empenhou na reconsideração total das Constituições, dos Regulamentos, das estruturas de governo, do processo de Formação etc.

Entre os elementos examinados esteve o PAS, pela sua importância e pela problemática que fora levantada a seu respeito.

A Assembléia Capitular abordou o estudo dos problemas do PAS com a convicção de cumprir um dever e de contribuir para renovar e potenciar o principal Centro Supervisor de estudos e de reflexão salesiano no mundo.

A fim de preparar suas deliberações a Assembléia quis uma Comissão instituída especificamente “para estudar, no contexto da renovação, a natureza da função do PAS em seu serviço à Congregação e à Igreja” (cfr. votação de 24.6.71).

3. A vida do PAS interessa, portanto, a toda a Família Salesiana em nível mundial, e está estreitamente ligada à sua renovação.

No atual processo de descentralização e mudanças culturais, e numa Eclesiologia que reconsidera o sentido concreto dos ministérios e carismas, é urgente reexaminar nossas grandes instituições.

Todos os Salesianos do mundo, além disso, têm necessidade de um sólido Centro de consciência refletida, de alto nível e base científica, para saber cumprir convenientemente a própria missão hoje.

Ora, assim como toda a Congregação deverá empenhar-se no esforço da própria renovação com uma psicologia de “renascimento”, também o PAS deverá reexaminar a si mesmo nesse clima de “início” e de quase nova fundação, no qual ninguém pretende suprir o passado, mas onde se quer começar verdadeiramente uma nova época.

Todos deveremos colocar-nos em estado de “renascimento”, aceitando de maneira realista as consequências.

No PAS há necessidade de renovar estruturas, superar anacronismos, evitar desvios, vencer preconceitos, superar a desconfiança de muitos, e de ousar salesianamente.

A reconsideração atenta das origens deste nosso Centro, o reconhecimento leal dos muitos progressos feitos até o presente, a consciência das exigências dos tempos, e a responsabilidade por um futuro “novo”, convidam-nos a fazer escolhas, não como freio, mas como projeto e esperança. Deveremos saber agir na solidariedade salesiana mais sincera, com inteligência, com dedicação e diálogo, cada qual segundo as competências de sua função peculiar.

4. O Conselho Superior, no âmbito que lhe é próprio, quis determinar algumas condições fundamentais que garantam a identidade do PAS, descrita pelo CGE (confirmando os novos Estatutos) como a de uma “Universidade Pontifícia Salesiana” (cfr. CGE. n.º 702).

O Capítulo deseja que o PAS seja realmente um Centro de Estudos em nível “universitário”, ao qual seja reconhecida sua autonomia específica, com todas as implicações acadêmicas, científicas e econômicas que semelhante nível comporta.

Determinar esta dimensão “universitária” significa conceber o PAS num modo diverso do tipo de organização própria de um “Estudantado” institucional. Para a sede central do PAS requer-se revisão de sua estrutura atual de existência, esclarecimento de sua finalidade e precisão dos serviços que deverá prestar à Congregação, à Igreja e ao Mundo.

Nesse ponto, segundo penso, é importante lembrar que o significado concreto de uma estrutura “universitária” deve ser concebido

em relação existencial com a Comunidade humana que lhe dá origem e à qual serve segundo um fim específico.

Numa sociedade não individualista a dimensão universitária é considerada como um “serviço” particularmente qualificado. Os responsáveis pela estrutura universitária devem sentir-se solidários com os outros “com-sócios” não só individualmente mas como organismo de estudo, montado precisamente como um laboratório em vista do bem comum: um serviço realizado através da seriedade científica.

A ciência tem suas leis e seus métodos, tem necessidade, em seu âmbito, de verdadeira autonomia; mas tem essa necessidade em vista de um serviço melhor. Nesse sentido pode ser útil lembrar que “autonomia” não é sinônimo de “independência”; a interpretação de seu alcance é feita subordinadamente ao fim específico do Centro de estudos ao qual se refere.

A autonomia deve garantir, sem mais, a autenticidade da ciência, e conferir a devida consistência às responsabilidades acadêmicas. Não é, porém, valor absoluto em si, mas qualidade inerente a determinada mediação de serviço, e tem necessidade de ser iluminada e orientada.

Eis porque não se pode falar de “autonomia” em forma abstrata e unívoca. Sempre deverá ser concebida em forma concreta e em relação à Comunidade humana à qual serve e pela qual existe um Centro universitário.

Desde este ponto de vista são determinantes em maneira particular para este nosso Centro de estudos os qualificativos de “Pontifício” e “Salesiano”.

5. Os dois termos concorrem para configurar mais especificamente a identidade do PAS, determinando a Comunidade viva à qual está ligado, e iluminando-lhe sua finalidade concreta.

Trata-se de Centro universitário “Pontifício” que entra no âmbito de determinadas instituições eclesásticas, dependentes da Sagrada Congregação para a Educação Católica. Esta delimitação traz consigo várias consequências concretas, que não é o caso de enumerar aqui.

O qualificativo de “Salesiano” especifica ainda mais o sentido e a dimensão deste Centro universitário. A Santa Sé o aprovou a pedido da Sociedade Salesiana, ela o quer e encoraja como um serviço peculiar oferecido pelos Salesianos de Dom Bosco; estes o organizam, mantêm e dirigem como instrumento de serviço particularmente qualificado em consonância com sua Vocação na Igreja.

È, portanto, um Centro universitário existencialmente vinculado a uma determinada Comunidade, a nossa Congregação, a qual quer oferecer à Igreja um serviço científico segundo sua missão no mundo. Dentro desta visão o CGE declara que as atividades do PAS devem desenvolver-se em sintonia com nossa missão entre os jovens e o povo e, dessa forma, que “cada Faculdade e Instituto do PAS deve, em seu conteúdo, método e enquadramento colimar claramente essa finalidade” (cfr. CGE n.º 703).

6. Eis porque do ponto de vista “vocacional” e “carismático” da Comunidade Salesiana Mundial, a quem serve o Centro universitário do PAS, há um nível que podemos chamar de “trans-acadêmico”.

Esse nível tem necessidade de coexistir e dialogar com o nível da “autonomia universitária”; deverá iluminá-la e orientá-la na definição de alguns objetivos gerais, e deverá ajudá-la, sobretudo numa hora de emergência, no planejamento de sua renovação.

Não se trata de intromissão indevida, mas de um dever de colaboração “vocacional e de fidelidade salesiana”. Quero sublinhar este aspecto.

Uma “colaboração vocacional” não é uma atividade propriamente “acadêmica”: não atinge nem os métodos da ciência, nem a consistência propriamente universitária. Entretanto, para este nosso Centro universitário, é uma presença indispensável, que lhe garante a existência, finalidade, orientação global e funcionalidade concreta.

Há uma colaboração “mais acadêmica” que deve estar presente no PAS a fim de manter-lhe a permanência, autenticidade e vitalidade.

Seria lamentável que tal presença de “colaboração vocacional” ultrapassasse seus limites: a fim de evitá-lo existem claras disposições nos novos estatutos; mas seria igualmente lamentável, e na prática resultaria deletério, que se enfraquecesse ou se pretendesse eliminar o diálogo e conveniente participação dos responsáveis pela Comunidade Salesiana Mundial na vida do PAS.

È claramente alheio ao pensamento do CGE imaginar a nossa Congregação como um simples “Ente administrador” de uma estrutura universitária totalmente independente.

As Diretrizes capitulares exigem de nós bem outra posição na renovação do PAS. Ou nos empenhamos na realização da vontade do Capítulo, mesmo com graves sacrifícios (quem sabe renunciando, se fosse indispensável, aos mesmos títulos de prestígio), ou na prática colocamos em cheque a existência desse nosso Centro. Trata-se, na

verdade, de realizar o mandato explícito recebido da suprema autoridade da Congregação. Dele, todos deveremos prestar conta no próximo Capítulo Geral.

7. A renovação do PAS exige maior unidade e organicidade interna entre os vários Institutos e Faculdades; dever-se-á obter verdadeira convergência e atualidade de serviços em vista da finalidade única e comum; deverão ser superados certos compartimentos-estanques, reconsideradas algumas instituições e redimensionadas algumas iniciativas, harmonizadas ou suprimidas certas duplicatas; dever-se-ão também estabelecer claramente algumas prioridades, centralizando o sentido global dos estudos, como sugere o CGE, “nos campos da Educação, da Pastoral dos jovens e da Catequese, da Espiritualidade Salesiana, especialmente segundo a encarnação feita por Dom Bosco” (cfr. CGE n. 702, d).

É preciso ainda sublinhar, particularmente nessa hora de transição tão difícil e tão voltada para o futuro, o empenho delicado que o CGE atribuiu ao PAS, de estar “a serviço da Congregação a fim de promover em nível de ensino e de pesquisa científica, a missão e a unidade da mesma; e a serviço prioritário da formação do pessoal salesiano” (cfr. CGE n.º 702, C, b, c).

8. Em vista de tais Diretrizes capitulares e do material elaborado pela Comissão pós-capitular, o Conselho Superior tomou algumas decisões iniciais que deveriam servir de plataforma para as reformas posteriores a serem estudadas e manter em diálogo com os interessados e com os órgãos competentes.

As comunicações que farei mais adiante pretendem encaminhar um longo processo que deverá ser percorrido conjuntamente. Não trago aqui nenhuma lista de fórmulas mágicas. Ninguém pretende ter resolvido os problemas do PAS; quis-se criar um conjunto de condições iniciais a fim de que seja possível resolvê-los.

Todo o próximo ano acadêmico 1972-1973 está previsto como um período intenso de diálogo, de reorganização e de criatividade.

9. E aqui estão as principais comunicações:

— Cessação da estrutura religiosa da Inspetoria do PAS.

— Nítida separação entre o Centro de estudos e as Comunidades de vida. As atuais Comunidades dos estudantes pertencerão a uma das outras Inspetorias.

— O Centro romano de Estudos, com as Faculdades e os Institutos existentes, terá anexa uma Comunidade de professores que não depen-

derá de nenhuma Inspeção; essa Comunidade será “sui juris” e seus membros permanecerão radicalmente encardinados nas próprias Inspeções de origem.

O PAS ficará assim constituído pelo Centro de Estudos e por essa Comunidade especial; o conjunto será vinculado diretamente ao Conselho Superior.

— O Reitor Magnífico terá também a autoridade religiosa superior da Comunidade dos professores; o governo ordinário será exercido por um Diretor.

— Será reestruturada e unificada a gestão administrativa do Centro de Estudos em forma separada e independente das gestões administrativas de cada uma das Comunidades religiosas, também da dos professores, com ecônomos distintos em cada uma delas.

— Será constituído um “órgão de coordenação” formado por três representantes da Vocação Salesiana em nível mundial, ou seja por três membros do Conselho Superior e por quatro representantes das atividades acadêmicas mais expressivas das finalidades do PAS, para encaminhar e orientar o trabalho de renovação, particularmente a reestruturação do pessoal, e para manter um diálogo institucional e sistemático.

— O primeiro ciclo filosófico e teológico será transferido para Turim (Crocetta), a começar pelos estudantes que deverão iniciar esses estudos no próximo ano. Dever-se-á proceder ao redimensionamento das Faculdades de Teologia e Filosofia, sobretudo em seus ciclos superiores; em vista de uma orientação mais pastoral.

10. Estejamos todos convencidos de que se nos propõe um trabalho que não é simples nem fácil; por outro lado a Congregação está atravessando um momento crítico também do ponto de vista das possibilidades de pessoal e de meios econômicos.

Devemos perguntar-nos com seriedade se teremos suficiente coragem para enfrentar os problemas, suficiente amor à Congregação para sermos plenamente disponíveis, e suficiente capacidade para resolver convenientemente, mesmo se em forma gradual, as dificuldades.

A resposta deveremos dá-la juntos, pondo em comum todas as nossas forças. Eu sou o primeiro a sentir a gravidade da tarefa; não estou aqui por iniciativa pessoal ou por gosto, estou aqui por dever conscientemente assumido como membro solidário da Comunidade Salesiana Mundial. Vejo dificuldades concretas e riscos graves; mas também percebo claramente que nestes próximos anos de pós-capítulo

o PAS não só deveria conquistar o prestígio e a confiança a que tem direito, mas constituir-se como um dos principais instrumentos de consciência e de aprofundamento da nossa Vocação, da nossa Missão entre os jovens e o povo tão vasta e tão atual, da Unidade da Congregação e da Formação de um pessoal qualificado e multiplicador.

A tarefa é árdua, mas a meta é promissora.

Certamente Dom Bosco e Maria Auxiliadora nos obterão de Deus as luzes e as energias em vista de um compromisso tão grande.

Quero concluir agradecendo a todos pelo próprio serviço generoso prestado ao PAS, convidando a uma colaboração renovada, à iniciativa, ao sacrifício.

Nós nos encontramos somente nos inícios do processo de renovação; assumamos a situação como um convite do Alto para nos empenharmos qualificadamente num renascimento de nossa presença salesiana num mundo que se transforma rapidamente.

EGÍDIO VIGANÓ

## 7. Novos textos litúrgicos para a festa de Santa Maria Domingas Mazzarello

### MISSA

*Antífona de Entrada* (Sl 117, 16-29)

A destra do Senhor mostrou o seu poder; sua destra me levantou.

Dai graças ao Senhor, pois ele é bom; porque eterno é seu amor. (T.P. Aleluia).

ou (Sir 51, 18b. 20)

Na oração procurei assiduamente a sabedoria; nela se alegrou meu coração. Meus pés seguiram o caminho certo; desde a juventude segui suas veredas.

*Coleta*

O Deus, que em Santa Maria Domingas Mazzarello nos apresentais um modelo de vida cristã e religiosa, pela humildade profunda e a ardente caridade que nela brilharam; concedei-nos que, na simplicidade de espírito, procuremos a vossa verdade e testemunhemos vosso amor em nossa vida.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho...

*Oração sobre os dons*

Aceitai, ó Pai, a oferta do sacrifício de salvação, e aumentai em nós o ardor da vossa caridade da qual santa Maria Domingas Mazzarello nos deixou constante exemplo.

Por Nosso Senhor...

Prefácio das santas virgens e religiosas.

*Antífona da Comunhão* (SI 72, 28)

Para mim, estar perto de Deus é a felicidade perfeita;  
junto de meu Deus busquei refúgio. (T.P. Aleluia)

ou (Lam 3, 25)

Bom é o Senhor para o que nele espera e o procura. (T.P. Aleluia).

*Oração após a Comunhão*

Senhor Jesus Cristo, Vós nos fizestes experimentar as alegrias de vossa mesa. Concedei-nos, a exemplo de santa Maria Domingas Mazzarello, ter sempre fome e sede de Vós que sois o caminho, a verdade e a vida.

Vós que viveis e reinais com o Pai na unidade do Espírito Santo.

LEITURAS DA MISSA

Primeira leitura do tempo pascal

Leitura do livro do Apocalipse de São João (19, 1.5-9a)

(Bem-aventurados os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro)

Eu, João, ouvi uma voz forte de grande multidão, no céu, que dizia: "Aleluia! A salvação, a glória e a potência são devidas ao nosso Deus".

Eu do trono partiu uma vez que dizia: "Louvai ao nosso Deus, vós todos que sois os seus servos, vós que temeis, pequenos e grandes".

Então ouvi como uma voz de grande multidão, como o rumor de águas caudalosas, como ribombo de fortes trovões, que diziam:

“Aleluia! Porque tomou as rédeas do reino o Senhor, nosso Deus, o Onipotente. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque chegou o tempo das núpcias do Cordeiro, e a sua esposa está preparada, e foi-lhe dado vestir-se de linho alvinitente”.

A veste de linho são as obras justas dos santos.

Então o anjo me disse: “Escreve: “Felizes os convidados para as núpcias do Cordeiro!””.

Palavra do Senhor.

Primeira leitura fora do tempo pascal

Do livro de Sirac (51,17-27; gr. 12-20).

(Darei glória a quem me concedeu a sabedoria)

Por isso, canto o hino de louvor e de ação de graças e bendigo o nome do Senhor.

Quando eu era ainda jovem, antes de andar errante, desejei ardentemente a sabedoria e pus-me a buscá-la.

Na oração a pedi, resolvido a buscá-la até o fim. Era florida como uma madura, e o meu coração nela se alegrou.

Na fidelidade a ela caminharam os meus pés e desde a minha juventude adquiri sabedoria. Inclinei um tanto meu ouvido para recebê-la, e muita ciência adquiri, seu jugo era-me a minha glória, e ao meu mestre darei graças:

Com ela propús-me viver retamente, e ao encontrá-la não fiquei desiludido. Minha alma afeiçoou-se a ela e jamais voltarei o meu rosto para outra parte.

Minhas próprias mãos abriram suas portas; penetrei até ela e a contemplei. A ela dirigi os meus desejos e na pureza a encontrei. Estendi as minhas palmas para o alto, para não me desviar dela até o fim dos fins. Por ela adquiri sensatez desde o princípio; por isso, jamais renunciarei a ela

Palavra do Senhor

*Salmo responsorial* (51, 10.11 R): cf. 2b)

R) Confio sempre na bondade do Senhor.  
Eu sou qual verdejante oliveira

na casa de Deus.  
Confio na misericórdia divina  
agora e sempre. R/

Eu vos louvarei para sempre  
porque agistes  
e, perante aqueles que vos amarram,  
em vosso nome espero, pois ele é bom. R/ .

### *Segunda leitura*

Da primeira carta de São Paulo aos Coríntios (1, 26-31).

(Deus escolheu o que no mundo é fraco para confundir os fortes)

Irmãos: considerai a vossa vocação: não há entre vós muitos homens sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas, ao contrário, os que são loucos aos olhos do mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios, e os que são fracos no mundo é que Deus escolheu para confundir os fortes, e os ignorantes e desprezados pelo mundo é que Deus escolheu; em suma, as coisas que não existem, a fim de reduzir a nada as que existem, para que ninguém se possa gloriar diante de Deus. Pois bem, é por meio dele que vós estais com Cristo Jesus, o qual se tornou para nós sabedoria por obra de Deus, bem como justiça, santificação e redenção, a fim de que, como está escrito; “Quem se gloria, gloria-se no Senhor”.

Palavra do Senhor

### *Aclamação ao Evangelho*

R/. Aleluia.

Ÿ. Diz o Senhor: Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis conforto para vossas almas.

R/. Aleluia.

### *Evangelho*

Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (10, 21-28)

(Pai, revelastes estas coisas aos pequeninos)

Naquele tempo, exultou Jesus de alegria por virtude do Espírito Santo e disse: “Louvo-te e agradeço-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos hábeis, e as revelaste aos simples. Sim, porque isto foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”. E, voltando-se em particular aos discípulos, disse: “Ditosos os olhos que vêem o que vós vedes; porque vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não o viram, e ouvir o que vós ouvís e não o ouviram”.

Nisto, levantou-se um doutor da lei e, para o pôr à prova, fez esta pergunta: “Mestre, que hei de fazer para obter a vida eterna?”. Disse-lhe Jesus: “Que é que está escrito na lei? Como lê?” Ele respondeu-lhe: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente, e ao teu próximo, como a ti mesmo”. Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem! Faze isto e viverás”.

Palavra da Salvação.

Nas Missas votivas se podem escolher também outras leituras adaptadas, do Comum das virgens ou do Comum dos santos e das santas.

## LITURGIA DA HORAS

Santa Maria Domingas Mazzarello nasceu em Mornese, diocese de Acqui (Itália), em 1827. Foi co-fundadora, com São João Bosco, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora o qual, por natureza e vocação, é educativo e missionário. Tem o fim específico de contribuir na missão salvífica da Igreja, dedicando-se à educação cristã da juventude, principalmente da mais pobre.

Governou o Instituto com grande prudência, fortaleza e caridade, até sua morte em Nizza Monferrato, aos 4 de maio de 1881.

## OFÍCIO DAS LEITURAS

*Primeira leitura*

Da carta de São Paulo apóstolo aos Romanos (12, 1-16a).

(A vida cristã, culto espiritual)

Exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecer os vossos corpos como vítima racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para discernirdes qual é a vontade de Deus, o que é bom, aceito a Deus e perfeito.

Em virtude, portanto, da graça que me foi conferida, digo a quem quer que se encontre no meio de vós, que não se estime mais do que convém, mas que nutra sentimentos de justa modéstia, cada qual segundo o grau de fé que Deus lhe concedeu. Do mesmo modo, de fato, que, em um só corpo, nós temos muitos membros, e nem todos os membros têm uma mesma função, assim nós, todos juntos, constituímos em Cristo um corpo único, sendo individualmente membros uns dos outros. Ora, possuindo nós carismas diferentes, consoante a graça que nos foi concedida, quem possui o dom da profecia, comunique-a em harmonia com a fé. Quem tem o do ministério, que exerça o ministério; quem tem o do ensino, que o empregue a exortar. Aquele que reparte do que é seu, que o faça com simplicidade; aquele que preside, que o faça com solicitude; aquele que pratica obras de misericórdia, que o faça com alegria.

Que a vossa caridade não seja fingida; detestai o mal, atende-vos ao bem. Sede, pelo amor fraterno, mutuamente carinhosos, adiantando-vos uns aos outros na estima recíproca. Não sejais indolentes no zelo: sede fervorosos de espírito, aplicados ao serviço do Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na aflição, perseverantes na oração. Acudi às necessidades dos santos; praticai generosamente a hospitalidade.

Bendizei aqueles que vos perseguem: bendizei-os e não os amaldiçoeis. Alegrai-vos com aqueles que se alegram, e com os que choram, chorai. Tende os mesmos sentimentos uns para com os outros. Não aspireis a coisas elevadas, mas sabeis adaptar-vos às humildes.

*Responsório* (Flp 2, 2.3-4; 1 Tes 5, 15).

R. Sede caridosos; cada um de vós, com toda humildade, considere os outros superiores a si mesmo: sem procurar o próprio interesse, mas o dos outros. (T.P. Aleluia).

V. Procurai sempre o bem entre vós e com todos. Sem buscar o próprio interesse, mas o dos outros. (T.P. Aleluia).

### *Segunda leitura*

Das alocuções de Pio XI e Pio XII

(Dia 3 de maio de 1936; "L'Osservatore Romano", 4-5 de maio de 1935; dia 24 de junho de 1951; AAS XLIII, n.º 12 pág. 531).

Santa Maria Domingas Mazzarello, como devotíssima Filha de Maria, ensinou com o seu exemplo, quanto vale uma vida que brota e cresce sob o olhar e a proteção de tão grande Mãe.

Sua vida, com efeito, se apresenta com todas as características da mais humilde simplicidade. Simples, muito simples figura, mas rica de especialíssimas prerrogativas, qualidades e dotes.

Grande foi sua humildade; tão grande que nos convida até a perguntar o que vê Deus numa alma humilde, verdadeiramente, profundamente humilde, que, justamente pela humildade, tanto o atrai, e fá-lo realizar excelsas maravilhas.

Esta pequenina, simples e pobre camponesa demonstra, bem cedo, possuir o que chamamos talento; e um dos maiores talentos: o talento do governo. É isto, sem dúvida, muito importante. E ela demonstra possuir este talento e o possui de tal modo que um homem como São João Bosco logo o descobre e dele se serve...

A oportunidade e a eficácia desta escolha torna-se patenteada não só pela fundação estável e segura da nova Família — das Filhas de Maria Auxiliadora — mas também pelo rápido e maravilhoso crescimento do florescente Instituto...

Deus vê na alma humilde uma luz, certas formas e certos traços diante dos quais não pode resistir, porque representam, em sua mais requintada beleza e nas linhas mais fundamentais e construtivas, a fisionomia do seu Filho unigênito que disse: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração"... Como se nós, tendo aprendido isto, tivéssemos aprendido tudo que se exige para salvar as almas e levar o mundo a Cristo.

Esta exemplar Filha de Maria lembra também e propõe-nos a maior lição de humildade da Bem-aventurada Virgem Maria. A Mãe de Deus, no "Magnificat", declara atribuir a escolha e a glória da parte de Deus à sua humildade: "Ele voltou os olhos para a humildade de sua serva". A Mãe de Deus proclama-se a serva, diz-se "escrava do Senhor": "doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada".

É muito agradável considerar Santa Maria Mazzarello nesta luz, na própria luz de Maria. Pôde ela também repetir: O Senhor, com muita complacência, voltou os olhos para a minha humildade e simplicidade e por isto: "todos me chamarão bem-aventurada".

Santa Maria Mazzarello, além disso, por desejar ardentemente propagar a fé, enviou suas Filhas até aos mais longínquos rincões não ainda iluminados pela luz do Evangelho. E é admirável que esta santa virgem, embora sob o peso de tantas solitudes e preocupações e oprimida por tantas angústias e dificuldades, jamais tenha perdido a serena e suave tranqüilidade que parecia um dote inato de seu ânimo.

Não era, porém, inato este dote, mas infundido pelo Céu, alimentado pela graça suprema, revigorado e consolidado por um inflamado amor a Deus e ao próximo. Ela, com efeito, vivia habitualmente em profunda intimidade com o divino Redentor e muito se deliciava no colóquio familiar com Ele e em amá-lo apaixonadamente. Desta ardente caridade hauria a extraordinária força com a qual lhe era fácil tudo vencer e suportar...

Os homens do nosso tempo muito têm a aprender do testemunho de vida de Santa Maria Mazzarello.

*Responsório* (Sir 3, 20; 1 Tim 6, 11) .

R. Quanto maior tu és, humilha-te em todas as coisas. E graça encontrarás junto de Deus. (T.P. Aleluia).

V. Procura a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão. E graça encontrarás junto de Deus. (T P. Aleluia).

Hino "Te Deum".

### *Oração*

Ó Deus, que em Santa Maria Mazzarello nos apresentais um modelo de vida cristã e religiosa, pela humildade e a ardente caridade que nela brilharam; concedei-nos que, na simplicidade de espírito, procuremos a tua verdade e testemunhemos vosso amor em nossa vida.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho...

# VI. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

---

## 1. Perante as sombras humanas da Igreja peregrina

*Do discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 7 de junho de 1972 (Texto integral da alocução no Osservatore Romano de 8-6).*

Olhemos para a Igreja, como Jesus a viu e continua a ver do céu, inundada, inflamada e santificada pelo Seu Espírito. Ouçamos São Paulo. Jesus vê-la, na sua beleza, como esposa; primeiro que tudo Ele sentira amor por ela. O Apóstolo diz: “Cristo amou a Igreja e por ela Se entregou” (1). E, depois, acrescenta: “para a santificar, purificando-a no baptismo da água pela palavra da vida, para a apresentar a Si mesmo sem mancha nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e imaculada” (2). Santo Ambrósio quer que Jesus Cristo veja a Sua Igreja ornada com vestes cândidas, logo após o baptismo (cada pessoa baptizada é típica e reflecte em si o esplendor da Igreja) (3); porque “na sua beleza desceu do céu o Espírito Santo” (4). No homem, a beleza produz o amor; em Cristo, o amor precede e produz a beleza da Igreja, isto é, a formosura da humanidade por Ele amada e remida, reconduzida, assim, à primigénia perfeição, à ordem ideal da criação, que irradia esplendor intuitivo. A Igreja, na qual arde o Espírito de Cristo, é como uma lâmpada acesa. Devemos vê-la assim.

*É composta de homens*

Aqui, porém, surge uma dificuldade. A Igreja, mesmo depois do Pentecostes, é composta por homens. Os homens da Igreja não resplendem, sempre e todos eles, de luz divina. Até os mais virtuosos, aqueles a quem chamamos santos, têm os seus defeitos; muitos santos são náufragos que foram salvos, muitas vezes dramaticamente, ou mediante experiências aventureosas, e levados para o porto de salvação por misericórdia divina, poderíamos dizer em linguagem profana, por

---

(1) Ef., 5, 25

(2) *Ibid.*, 26-27

(3) Cfr. H. DE LUBAC, *Méd.* p. 279

(4) *De Mysteriis*, 7, 37; CSEL, p. 104

uma boa sorte. Além disso, muitos dos que se professam cristãos não são verdadeiros cristãos; e outros, que são ministros e mestres na Igreja, não confirmam com o exemplo a sua função. Por outro lado, a história da Igreja contém longas e numerosas páginas que não são absolutamente edificantes.

A dificuldade existe, é grave e complexa. Perante ela ficam escandalizados aqueles que rejeitam a Igreja e também aqueles que, de algum modo, lhe são fiéis. Onde se encontra esta beleza da Igreja? Onde está esta transparência da sua santidade transcendente? A contestação que hoje explode em toda a parte não é justificada? Não é justificável? Não é justa e legítima a exigência da reforma da Igreja? Não é autorizado pela própria natureza da Igreja o repúdio, da parte de alguns, das suas estruturas, das suas formas institucionais, para dar preferência, exclusiva e radical, unicamente aos valores espirituais que ela pretende trazer consigo?

A dificuldade existe e necessitaria de uma longa e ponderada resposta (5).

#### *A atitude hostil*

Numa alocução, tão simples e breve como esta, limitamo-nos a oferecer um princípio de solução, ou seja, uma indicação de método, ou melhor, de estado de alma. É a seguinte: existem duas tendências gerais de espírito para julgar a Igreja. A primeira é hostil e a segunda, amigável.

A atitude hostil, mesmo prescindindo de preconceitos morais, está hoje muito difundida, e quase imposta pela mentalidade laical, profana, secular. Esta mentalidade pode ser legítima, no seu próprio campo (6), quando não se torna apriorística e impede a si mesma a busca da verdade, em todos os campos onde ela se pode encontrar. Quem mantém o espírito aberto, com honestidade corajosa, mais tarde, se Deus o ajuda, vê, num determinado momento, aparecer diante de si uma luz nova, exactamente aquela luz que talvez provenha de uma lâmpada velha e defeituosa (7), e entrevê na Igreja alguma coisa, talvez inexplicável imediatamente, que já não admite um juízo completamente negativo e definitivo; aliás, pode acontecer

---

(5) Cfr. Y. CONGAR, *Vraie et fausse réforme dans l'Eglise*, Cerf, 1968

(6) Cfr. *Lumen Gentium* n. 36; *Gaudium et Spes*, n. 36

(7) Cfr. Jo., 3, 21

que até se apresente ao olhar interior o vulto de uma humanidade, próxima e quase inadvertida, esplendente de uma concepção ideal (8).

### *A atitude filial*

E existe a atitude amigável, queremos dizer filial. É a nossa, que não tem nada de ingénuo nem de adulator. É objectiva, ou melhor, crítica, e, se for necessário, severa. Mas é filial, ou seja, parte do amor, como a de Cristo. Não é a *priori* orientada a procurar os defeitos, a divulgá-los propositadamente, a limitar-se a uma função contestadora e degeneradora. Não existem hoje, porventura, publicações, que se dizem católicas, que fizeram desse ingrato instrumento o próprio programa? “A caridade é... benigna — diz São Paulo, ao fazer a apoteose do primeiro entre os carismas — não suspeita mal, não se alegra com a injustiça”(9). E, além disso, aquela visão que Jesus Cristo tem da Sua Igreja refere-se só em parte, só *in fieri*, à nossa Igreja peregrina neste mundo pecador, só aos inocentes, só aos revestidos de graça, só aos fiéis unidos a Cristo na Eucaristia (10), em resumo, só aos “santos” (e certamente são muitos mais do que os poucos que veneramos nos altares); mas certamente a visão de Cristo, que modelou a Sua Esposa com tanta beleza, refere-se ao paraíso, que é uma realidade, de certo modo, impossível de se imaginar, mas suficiente para encher os nossos espíritos de entusiasmo pela Igreja de hoje e da eternidade; a Igreja do Apocalipse, aquela onde “o Espírito e a Esposa dizem: “Vem!” (11).

Sim, o Espírito e a Esposa de Cristo, a Igreja, a nossa Igreja, humana e peregrina e, infelizmente, algumas vezes pecadora, invocam juntos, no esforço da caridade no tempo, o advento da caridade final. Que isto baste para confortar a nossa fidelidade, o nosso amor pela nossa Mãe e Mestre, a Igreja, uma, santa católica e apostólica.

## **2. Todos unidos no trabalho na Igreja**

*Do discurso de Paulo VI ao Sacro Colégio que o foi cumprimentar pelo honomástico no dia 23 de junho de 1972.*

---

(8) Cfr. S. AGOSTINHO, *De moribus Ecclesiae catholicae*, cap. 30, 1. I; em: P.L. 32, 1336-1337

(9) 1 Cor., 13, 4 ss.

(10) Cfr. SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Homil. XX

(11) Ap., 22, 17

... O costume leva-nos, nesta ocasião, a espriar os olhos sobre as condições gerais da Igreja, no interior e no exterior da mesma, sublinhando alguns aspectos que devem deter a nossa atenção.

Sentimo-nos grato pela síntese que nos foi apresentada, e que se pode resumir numa palavra, necessária para todos: esperança, confiança. *Confidite, ego sum, nolite timere* (12), continua a repetir-nos o Senhor ressuscitado. *Non turbetur cor vestrum: creditis in Deum, et in me credite* (13): o Cristo está presente na Igreja: e esta continua a missão que Ele lhe confiou, indicando ao mundo que só n'Ele existe a paz, só n'Ele existe a justiça, só n'Ele existe a remissão dos pecados; e fá-lo através da força, da tenacidade do heroísmo com que O anunciou, nos Seus dias mortais, o Precursor, João Baptista, cujo nome de Baptismo é o nosso. Esta presença de Cristo, segundo a Sua promessa (14), esta continuidade do testamento construtivo e veraz da Igreja devem-nos dar esperança e infundir confiança. Apesar de tudo, estamos no caminho certo, porque seguimos Cristo e encontramos n'Ele o vigor de continuar no esforço, embora imane, de apresentar ao mundo a Sua mensagem. Algumas vezes, parece que as forças nos faltam e que os resultados são inferiores ao referido esforço. Mas nem por isso perdemos a coragem; com a força da oração, adquirimos as energias necessárias para o dever que Ele impôs sobre os nossos ombros, invocando-O com as palavras de Santo Ambrósio: "*Sequimur te, Domine Iesu; sed ut sequamur accerse, quia, sine te nullus ascendet. Tu enim via es, veritas, vita, possibilitas, fides, praeium. Suscipe tuos quasi via, confirma quasi veritas, vivifica quasi vita*" (15).

É esta a esperança, a confiança que nos ampara, porque é fundada sobre a palavra de cristo, e sobre a obra que a Igreja, segundo o Seu mandato, continua a realizar no mundo. Temos necessidade de o reafirmar, porque hoje, no momento que estamos a viver, a falta de confiança na Igreja é grande, num certo número de cristãos, e também de sacerdotes e de religiosos; falta de confiança que, algumas vezes, até adquire uma certa agressividade, mas que também reveste, e com mais frequência, a forma de desencorajamento e de desilusão.

## 1. Fenômenos negativos

Para alguns, este sentimento nasce do facto de o edifício eclesial, que representa aos seus olhos um todo fortemente coerente e organi-

---

(12) Mc., 6, 50

(13) Jo., 14, 1

(14) Cfr. Mt., 28, 20

(15) *De bono mortis*, 12, 55; ed. C Schenkl, CSEL 33, 1896, p. 150

zado, lhes parecer, actualmente, ameaçado na sua unidade. Certamente estas pessoas ficaram abaladas pelo criticismo que surgiu nestes anos, pelo carácter arriscado de certas iniciativas que ignoram a Tradição, pelo abandono de manifestações exteriores ou de formas de piedade às quais se sentiam ligadas; mas tendem a fechar-se em si e a recusar-se a assumir a função que lhes compete na vida e nos deveres da Igreja. Para outros, pelo contrário, a falta de confiança na Igreja tem origem na convicção de que ela, segundo o parecer dos mesmos, estaria ligada a instituições que já tiveram o seu tempo: numa sociedade secularizada, julgam que a Igreja deveria abandonar a maior parte das formas que a distinguem, renunciando, até, às certezas adquiridas, para ouvir, exclusivamente, as necessidades do mundo; e sentem, perante a Igreja visível e institucional uma frieza que leva alguns a afastarem-se dela, por serem sensíveis — dizem eles — às profundas mudanças que caracterizam a nossa época, às novidades das situações culturais e às possibilidades científicas e técnicas.

#### *Uma situação de descontentamento*

Destas tensões opostas deriva um estado de descontentamento, que não podemos e não devemos ignorar: primeiro que tudo, uma falsa e abusiva interpretação do Concílio, caracterizada por um desejo de romper com a Tradição, até doutrinal, chegando ao repúdio da Igreja pré-conciliar, e à liberdade de conceber uma Igreja “nova”, quase “inventada de novo”, por dentro, na sua constituição, no seu dogma, no seu costume e no seu direito.

Alguns, ainda, chegam a sentir e a apregoar a fascinação da violência, novo mito que se apresenta à inquieta consciência moderna: ele é a apologia do facto realizado, da “libertação”, que nem sempre é a interpretação da liberdade evangélica, que nasce da verdade e da caridade (16), aliás, bem difícil de conservar (17), mas, frequentemente é um eufemismo para esconder todos os métodos eversivos; esta fascinação, além disso, algumas vezes defende o mimetismo das sociologias a-cristãs, consideradas as únicas eficazes, com cega confiança e sem prever as conclusões a que levam; não resiste à sedução do socialismo, compreendido por alguns como renovação social e sociabilidade renovadora, mas com o emprego de ideias, de sentimentos não-cristãos e algumas vezes anti-cristãos: sistemática luta de classes, ódio e subversão, psicologia materialista que contamina a chamada sociedade do consumo.

---

(16) Jo., 8, 32; cfr., Gál. 4, 31; Rom., 1, 21; Tg., 1, 25

(17) Cfr. Ped., 2, 16; Gál., 5, 13

As reacções negativas a que nos referimos parecem; além disso, ter por objectivo a dissolução do magistério eclesiástico: quer proporcionando equívocos sobre o pluralismo, concebido como interpretação livre das doutrinas e coexistência pacífica de concepções opostas; sobre a subsidiariedade, compreendida como autonomia: sobre a Igreja local, que alguns gostariam que fosse quase separada, livre e auto-suficiente; quer prescindindo da doutrina, sancionada pelas definições pontificias e conciliares.

Não é possível deixar de ver que uma situação como esta produz efeitos bastante penosos e infelizmente, perigosos para a Igreja: confusão e sofrimento das consciências, empobrecimento religioso, defecções dolorosas no campo da vida consagrada e da fidelidade e indissolubilidade do matrimônio, enfraquecimento do ecumenismo, insuficiência de barreiras morais contra o crescente hedonismo.

## 2. Dificuldades para a missão da Igreja

Neste quadro do interior da Igreja, não se podem esquecer as dificuldades e as exigências, por ela encontradas no exercício da sua missão, que não é abstracta e desencarnada, mas concretamente destinada a situações determinadas.

Em primeiro lugar, uma dificuldade de confiança, como dissemos, é sentida pela Igreja, aqui e ali, a seu respeito, quando se trata do exercício da sua missão “profética”, que não consiste apenas em anunciar a verdade e a justiça, mas em deplorar, denunciar e condenar as culpas ou os delitos perpetrados contra a justiça e contra a verdade.

Na realidade, no que diz respeito mais directamente a esta Sé Apostólica, ela é como uma sentinela em cima do monte, à qual chegam os clamores dos oprimidos o gemido sufocado de quem nem sequer tem a liberdade de gritar as suas dores, o lamento de quem se sente defraudado nos seus direitos ou abandonado nas suas necessidades. Alargando o seu olhar pelo cenário do mundo, apresentam-se-lhe numerosas situações que, em medida mais ou menos grave, às vezes gravíssima, são contrárias àquele respeito da dignidade do homem e daqueles direitos fundamentais — sendo o primeiro entre todos o de uma justa liberdade religiosa — que deve, ou deveria, constituir o fundamento do convívio social, nas Nações e entre as Nações.

Devemos sublinhar, primeiro que tudo, nos apelos e nas queixas que, de vez em quando, se fazem a este propósito, um aspecto, sem dúvida, não exclusivo do nosso tempo, mas que neste, como acontece em todas as épocas de profundas divisões, é mais sentido. Queremos

dizer que, normalmente, não se reclama a condenação de todas as injustiças, mas só daquelas — verdadeiras ou algumas vezes supostas, ou pelo menos agravadas — da parte adversa. A Santa Sé está comprometida do seu dever de interpretar a “consciência moral da humanidade” não só quanto aos princípios, mas também para a concretização da realidade. Podemos afirmar que não fica surda a nenhum grito ou lamento que chegue até ela; procura, aliás, conhecer até o que se quereria e, muitas vezes, se consegue não lhe dar a conhecer. Mas a sua responsabilidade exige, naturalmente que não se contente com notícias que não sejam devidamente controladas e requer a mais completa e absoluta objectividade: o que nem sempre é fácil conseguir. A sua acção propõe-se, primeiro que tudo, nos limites das possibilidades, ir em auxílio de quem sofre e invocar compreensão e socorro, o que, muitas vezes, postula uma justa prudência e reserva nas manifestações públicas, para dar a precedência à tentativa de diálogo sério e directo com os responsáveis pelas situações lamentáveis, ou para não provocar reacções piores contra aqueles que esperam defesa.

*A esperança é colocada à dura prova*

A nossa preocupação consiste em servir a humanidade e a Igreja em particular; e a nossa esperança funda-se em que, prevalecendo os sentimentos de justiça e os esforços pacientemente realizados, se possam obter os resultados que invocamos.

Não podemos deixar de dizer, todavia, que esta esperança é posta frequentemente à prova, quando se nota a permanência de difíceis tensões, ou quando a leal disposição da Santa Sé, para chegar a acordos que permitam à Igreja dispor, pelo menos, do indispensável espaço vital, necessário às suas exigências elementares, quando não seja possível à plenitude dos seus direitos, se encontra com uma persistente falta de real vontade positiva, quase calculando que o agravamento das suas condições de vida possa induzir a Igreja a aceitar impositões que ela teve o dever de declarar inaceitáveis.

Deixamos à consciência da humanidade e à apreciação da história as responsabilidades de situações como estas, enquanto a Santa Sé nunca se cansará de continuar a operar, embora aparentemente “*contra spem*”, para as modificar, segundo a justiça, confiante na acção e no auxílio da Providência.

### 3. Motivos de confiança

E, passando de novo para a vida da Igreja, sentimo-nos obrigado, consequentemente, a sublinhar as correntes positivas que hoje dão asas à sua acção e à sua presença no mundo. Porque a Igreja é viva, a Igreja é activa, a Igreja é jovem! Aqueles, como dissemos no início, que a observam com os olhos críticos, de pontos de vista opostos, já não é suficiente mostrar a insuficiência, o perigo e a esterilidade das suas observações parciais para os levar à reconciliação numa fidelidade comum à Igreja. E, por isso — embora sem pôr em dúvida a sinceridade de ninguém e sem ignorar a utilidade das críticas sérias e comedidas, da parte de homens competentes e responsáveis —, queremos recordar que a confiança de que a Igreja tem necessidade da parte de todos os seus filhos, e que tem o direito de esperar deles, não só se funda sobre as observações humanas, mas também sobre o desígnio de Deus. É o sentimento que nos amparou ao aceitarmos o grave peso do Pontificado, há nove anos; e, como dissemos na quarta-feira passada, na audiência pública: “gostaríamos que em vós, assim como em toda a Igreja, às vezes perturbada pelas fraquezas que a afligem, prevalecesse o sentido evangélico de fé-confiança, requerido por Cristo aos Seus seguidores, sem que o medo ou o desalento pudessem alguma vez entristecer a ousadia e o prazer da acção cristã (18).

Sim, a confiança na Igreja e a confiança da Igreja em si própria fundam-se nas promessas e nos carismas divinos que a acompanham; no patrimonio da verdade, transmitido pela Tradição autêntica: na sua estrutura constitucional e mística; na sua capacidade de restabelecer a unidade dividida da única e universal família cristã; no valor e na pobreza da sua acção pastoral, capaz de inserir no tecido da vida cristã a renovação eclesial, desejada pelo II Concílio do Vaticano, e por nós, com a ajuda de Deus, incessantemente procurada; na sua missão de sinal e de instrumento para a humanidade inteira, aberta, como é, ao mundo de hoje e ao de amanhã.

#### *Sinais de esperança*

Apesar das dificuldades, como poderíamos deixar de encontrar conforto nos sinais de esperança, que se manifestam na Igreja? Quantos cristãos experimentam a intensa necessidade de oração e de união com Deus! Quantas almas generosas procuram um estilo de vida mais

---

(18) L'Oss. Rom. ed. port. de 25-6-72, pág. 3

evangélico, radicado na contemplação, vivido no amor fraterno! Quantos sacerdotes, religiosos e religiosas, apóstolos leigos dão testemunho do Senhor, com uma abnegação e uma fidelidade que são certamente fruto do Espírito Santo! A constante preocupação relativa à justiça no mundo atormenta muitas pessoas, especialmente os jovens, e impele-os a dedicarem-se corajosa e desinteressadamente à elevação e ao desenvolvimento dos povos, à assistência espiritual e material dos irmãos. Um sentimento mais profundo de pobreza, segundo o exemplo de Cristo e da Igreja Apostólica, encontra-se hoje mais vivo na consciência eclesial e leva muitas pessoas, como, por exemplo, os nossos caríssimos Missionários, ao heroísmo. Uma abertura maior aos valores positivos do mundo, admiravelmente encorajada pela Constituição conciliar *Gaudium et Spes*, torna hoje a Igreja aberta e disponível para todos os sectores e problemas da vida social, cultural e espiritual da humanidade, que anda à procura de si mesma. A Igreja é “perita em humanidade”!

#### *O contributo dos bispos*

Efetivamente, ela dá um contributo contínuo, destinado a corresponder cada vez melhor às necessidades do mundo: é um espetáculo consolador o que está a ser oferecido neste campo pelo Episcopado mundial, com a colaboração de órgãos coesivos, já provados ou de recente instituição, de que se vale a obra pastoral, entre os quais nos é grato recordar as Conferências Episcopais, os Conselhos Presbiterais e Pastorais das várias dioceses, a Ação Católica e as formas de Apostolado dos Leigos. O sentido social e a caridade operante aumentam: efetivamente, apresenta-se um florescimento de iniciativas para a catequese, para a ação social, para a assistência aos pobres, para a assistência espiritual aos trabalhadores, para a irradiação cristã entre os meios de comunicação social; um renovado esforço missionário une as Igrejas locais entre si, embora não se possa esquecer o apoio das Pontifícias Obras Missionárias; um impulso de generosidade e dedicação penetra camadas cada vez mais vastas do clero e do laicado. Nesta obra, os Bispos do mundo inteiro encontram-se na vanguarda e sentem-se intimamente unidos à Santa Sé, que os ampara. O Sínodo do ano passado constituiu o maior testemunho desta mútua colaboração, para a solução de delicados e urgentes problemas internos (como o sacerdócio ministerial) e externos da Igreja (como a justiça no mundo).

### *A ação da Santa Sé*

A Sé Apostólica, por seu lado, não deixa de promover as suas iniciativas, novas ou tradicionais, a fim de corresponder às exigências do mundo: seja-nos permitido recordar as relações mantidas com os vários Países do mundo, o encorajamento dado às numerosas manifestações da vida católica, a sua presença em Congressos internacionais, a sua ação silenciosa e discreta dentro dos Organismos que unem os vários Povos, num esforço sincero de paz, de colaboração e de progresso, especialmente no campo da promoção social, econômica e cultural.

A obra da Santa Sé é realizada, portanto, como habitualmente, através da preciosa colaboração dos vários Dicastérios da Cúria Romana, que se dedicam a todas as crescentes necessidades da Igreja e do mundo, com um empenho estritamente pastoral, que nos dá grande conforto e constitui um magnífico exemplo para a comunidade eclesial, pela dedicação, pela competência e pelo sacrifício com que é efetuado. A este propósito, é-nos grato recordar também aqui — como fizemos há alguns dias na qualificada reunião dos Cardeais Chefes de Dicastério — a reforma da Cúria, que nós promovemos com a Constituição Apostólica "*Regimini Ecclesiae universae*", que celebrará no próximo dia 15 de Agosto o quinto aniversário: ela deu novo relevo e impulso à dimensão pastoral do serviço que a Santa Sé é chamada a prestar às Igrejas locais e ao mundo inteiro, com os seus imensos problemas, com um estilo mais articulado, mais simples e ao mesmo tempo mais coordenado, que permita considerar a tempo e oportunamente as numerosas questões de interesse particular e geral.

### *Recomeçar cada dia*

Veneráveis Irmãos e Filhos, todos estes elementos embora tenham sido escolhidos entre muitos e apenas delineados, constituem um sinal inegável da vitalidade da Igreja; e julgamos que insistir nisto não é vã satisfação, mas é, simplesmente, pormos diante dos olhos o mistério da fé, sem o qual o cristão perderia a sua identidade e a confiança na Igreja.

As demoras, os contratempos e as provações são inerentes ao mistério da Cruz e da Ressurreição de Cristo. Só a certeza de realizar a obra de Deus nos deve amparar. Só ele dará a serenidade indispensável para levar para a frente a nossa missão. É necessário recomeçar, todos os dias, do princípio. Depois do Concílio Ecuménico, não se trata de destruir, de contestar, mas de nos pormos todos ao trabalho

para melhorar, para sanar, para plantar, para renovar, para construir, no verdadeiro caminho da unidade, da fé, do culto, da caridade, da obediência e da colaboração. Toda a obra da Igreja provém de Deus, e deve levar a Ele. Ela não se pode realizar sem a Sua graça. Embora as estruturas se possam transformar, é o espírito que deve inserir-se nelas: e este Espírito é dom de Deus. Se as tensões são inevitáveis, a comunhão na fé, a radicação na Tradição viva, a fidelidade aos ensinamentos do Magistério continuam a ser sempre as garantias indispensáveis da unidade e, ao mesmo tempo, são a única realidade viva, em que a confiança na Igreja pode conservar-se e aumentar.

Peçamos todos ao Senhor que assista a Igreja nesta obra imane de salvação em favor dos homens, a quem ela é destinada; e, a vós, pedimos a prática da caridade e a oração quotidiana, a fim de que o Senhor, que nos chamou ao oneroso cargo de ser o Seu Representante na terra, nos dê a força necessária para o exercer fielmente.

Prossigamos, pois, todos com confiança, in Nomine Domini! Que o Senhor nos abençoe.

### 3. A ação pastoral na Igreja de hoje

*Do discurso de Paulo VI do dia 17 de junho de 1972 aos bispos da Conferência Episcopal Italiana.*

Falando aos bispos da Conferência Episcopal Italiana, Paulo VI se deteve sobre “algumas constantes da ação pastoral hodierno sobre os quais precisou — não sera infrutuoso deter embora brevemente, a atenção”. Eis os pontos salientes de seu discurso.

#### *O trabalho em comum*

... Antes de tudo, desejamos indicar a característica, requerida nos nossos dias e, além disso, muito útil e necessária, do trabalho em comum. Trata-se de uma feliz exigência do nosso tempo, no qual as necessidades comunitárias e sociais são muito sentidas pelo homem de hoje. Ela reflete-se portanto, na vida pastoral.

Trabalhar juntos! Este dever da mútua colaboração foi posto em particular evidência no conceito de colegialidade, desenvolvido pelo II Concílio do Vaticano (19), e está subentendido em toda a orientação

---

(19) Cfr., *Lumen Gentium*, n. 23

pastoral dos documentos conciliares, especialmente no Decreto sobre o ministério pastoral dos Bispos. Por isso, uma actividade pastoral solitária, desligada e independente, que ignora as várias formas de colaboração e de consulta, é hoje inconcebível, como aliás sempre foi. Uma actividade deste género comprometeria a fecundidade do próprio ministério.

Trabalhar assim é, certamente, mais complicado, porque supõe conhecimento de métodos e vontade de os aplicar, exigindo também a eficiência das estruturas previstas pelo Concílio e o respeito por elas. Da Conferência Episcopal passa-se às relações com as Igrejas locais em que o Bispo é ajudado pelos seus sacerdotes e pelo laicado católico. Estas relações exprimem-se na formação e no funcionamento dos Conselhos Presbiterais e dos Conselhos Pastorais.

O trabalho em comum é também mais conforme com o espírito da Igreja que, por definição, é uma reunião, uma assembleia de pessoas, chamada a participar da graça divina em Cristo Jesus. Corresponde, de um modo mais perfeito, ao espírito de caridade e de comunhão, que o Senhor nos inculcou e que foi a norma constante da primeira comunidade apostólica (20).

#### *O exercício pastoral da autoridade*

A necessidade do trabalho em comum impõe, além disso, um exercício mais pastoral da autoridade, que tenha na devida honra a colaboração, o diálogo, a ponderação da diversidade dos pareceres, a fim de se poder encontrar a melhor solução. Não deve, porém, paralisar a autoridade de cada um dos Bispos e Pastores, nem alterar a concepção constitucional da Igreja, como se nela a autoridade derivasse da base ou do número e não lhe tivesse sido confiada por Cristo, segundo a vontade do Pai...

#### *Tradição e renovação*

Outra característica do hodierno trabalho pastoral consiste em conciliar a tradição com a renovação. Estas duas realidades existem. Por um lado, temos o tesouro da tradição recebida, que se foi enriquecendo progressivamente, ao longo dos vários séculos de vida da Igreja, e no qual, como num depósito sagrado, eminentes figuras de

---

(20) Cfr., Act., 2, 44-47

Santos, de Pastores e de Doutores, e também gerações inteiras hauriram a linfa vital para a irradiação do esplendor da santidade da Igreja. Por outro, regista-se um ardente desejo de renovação, desejo que sempre se manifestou, mas que, no nosso tempo, teve, como ponto de partida característico, a actualização promovida pelo Concílio.

Mas a tradição, se não progredir continuamente à luz da Revelação e do Magistério, corre o risco de se fossilizar. A renovação, por sua vez, pode, infelizmente exprimir-se numa insensata mania de novidades secularizadoras e dessacralizadoras, que já São Paulo tinha indicado como um perigo para a actividade pastoral: “*devitans profanas vocum novitates*” (21).

As duas tendências não devem transformar-se em tensões, que a exasperação do momento pode tornar insanáveis, como a história da Igreja demonstra. Vê-se, portanto, como é complexa, necessária e urgente a harmonização entre os dois compromissos: por um lado, o de salvaguardar os aspectos positivos, o tesouro e a autenticidade da tradição, e, por outro, o de promover a renovação, para que a Igreja se encontre em condições de enfrentar as novas exigências dos tempos, corresponda aos anseios dos homens, e os guie como Mãe e Mestre no conhecimento dos caminhos do Senhor. O Evangelho é novidade de vida (22), é fermento vivificador (23). É dever dos Bispos conservar intacta a sua fragrância, aplicando-o às novas atitudes dos homens e da sociedade, para anunciar a Palavra de Deus, com vigilância contínua e um estudo profundo da mentalidade e da cultura contemporâneas; requer equilíbrio, prudência, firmeza; requer, principalmente, um amor ardente e inabalável à Igreja e aos homens.

#### *Os grandes temas do Sínodo*

Mas temos diante dos olhos também alguns problemas particulares, que são próprios, de um modo geral, da hodierna cura de almas, e, de um modo particular, da situação italiana. Vamos expô-los, com toda a simplicidade, porque desejamos que a ação da Igreja nesta Nação que tanto estimamos e que possui um verdadeiro tesouro de inúmeras experiências pastorais, de excepcionais figuras de santos e de obras admiráveis, continue a trabalhar em profundidade e seja realmente uma presença viva, estimulante e eficaz.

---

(21) 1 Tim., 6, 20

(22) Cfr. Rom., 7, 6

(23) Cfr., Mt., 13, 33

Em primeiro lugar, mencionamos os dois temas do Sínodo dos Bispos, celebrado no outono do ano passado: o sacerdócio ministerial e a justiça no mundo. ... As indicações que o Sinodo submeteu ao nosso exame são de grande importância, como todos sabem. Agora, o clero que possui tradições tão ilustres, deve distinguir-se também hoje, pela sua total fidelidade ao Evangelho, a fim de ser o sal que não pode perder a sua força (24), e pela sua verdadeira identidade que, como dissemos aos párocos e pregadores da Quaresma, no dia 17 de Fevereiro deste ano, “devemos procurar no pensamento de Cristo: só a fé pode dizer-nos quem somos e como devemos ser” (25), isto é, chamados e apóstolos.

Para corresponder ao pensamento de Cristo, o sacerdote deve obedecer ao Bispo, como Jesus obedeceu ao Pai, tendo vindo a este mundo para cumprir a vontade d'Ele (26). O sacerdote deve ser pobre, como Cristo foi pobre, porque é este testemunho da pobreza que lhe dá a verdadeira liberdade de espírito, o interesse pelo próximo e a credibilidade diante dos outros. O sacerdote deve viver o seu celibato como um acto de amor exclusivo a Cristo e de oblação total, que o torna disponível a todos e que se consuma no exercício do seu ministério.

Também o tema da justiça deve ser aprofundado e aplicado a fim de que as contínuas exortações do Magistério Pontifício sejam, realmente, postas em prática e contribuam para a solução dos graves problemas sociais que ainda estão à espera de uma resposta, como nós mesmos observámos na Carta Apostólica “Octogesima Adveniens”, de 14 de Maio de 1971. (...)

O peso desta grande responsabilidade pastoral poderá, às vezes, parecer demasiadamente grave e cansativo. Mas tenhamos confiança! Cristo está connosco. Ele escolheu-nos para sermos os seus amigos e os discípulos da Sua missão de Pastor, de Sacerdote e de Profeta. Ele ajudar-nos-á a cumprir o nosso dever quotidiano.

#### 4. “Foi como hoje, há nove anos”...

*Do discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 21 de junho de 1972, por ocasião do nono aniversário de sua eleição ao Pontificado.*

---

(24) Cfr. Mt., 5, 13

(25) A.A.S., 64, 1972, pp. 224 ss.

(26) Cfr. Heb., 10, 5; Sl., 39, 7-9

Sentimo-nos no dever, em via excepcional, perante tantas manifestações de devoção e de afecto, de vos falar sobre um facto que nos diz respeito pessoalmente, ou seja, sobre o aniversário da nossa eleição a Bispo de Roma e, portanto, a sucessor de São Pedro nesta cátedra, à qual está confiada, com a cura pastoral da Cidade, a da Igreja católica, espalhada pelo Mundo. Não o fazemos, certamente, com o propósito de pronunciar um discurso sobre um tema tão grave e complexo, nem para contar a história, por outro lado muito simples e breve, e conhecida por todos, deste acontecimento, mas para nos referirmos a algumas impressões, entre tantas, que ficaram gravadas na nossa alma, em relação àquele facto, e que talvez sirvam de consolação para a Igreja, tão pródiga para conosco, nesta comemoração anual, na sua bondade e na sua piedade.(...).

Foi numa sexta-feira, há nove anos, e precisamente a esta hora, pouco antes do meio-dia, que, na Capela Sistina, se fez a escolha da nossa humilde pessoa para a Sede do Papado Romano. O Concílio acabava de celebrar a sua primeira e não fácil sessão, infundindo nos ânimos de todos, na Igreja e no mundo, grandes expectativas e vivos fermentos.

#### A MÃO FORTE E AMOROSA DO SENHOR

Manifestamos apenas, muito simplesmente, uma impressão pessoal, que tivemos naquele dia, e que ainda se encontra viva no nosso espírito. Pareceu-nos, então, que tínhamos sido vencido pelo jogo, mecânico ou misterioso não importa, de um acontecimento estranho e superior à nossa vontade; podeis estar certos que nunca tínhamos desejado minimamente, nem sequer favorecido a nossa eleição. Pelo contrário, o nosso cargo anterior, humilde e longamente desempenhado sob a dependência do Papa Pio XI, de grande e venerável memória, e depois sob a de outro venerado Servo de Deus, o Papa Pio XII, tinha-nos mostrado qual era a enorme quantidade dos deveres, das dificuldades e das necessidades que as chaves de São Pedro trazem consigo, de modo que era impossível que não tivéssemos consciência da preparação necessária para tão elevada missão e não conhecêssemos a nossa falta de carismas adequados para tão árduo ministério.

Nalgumas notas pessoais que tomámos a este respeito, encontramos estas palavras: “Talvez o Senhor me tenha chamado para este serviço não porque eu tenha qualquer aptidão, ou para que eu governe e salve a Igreja das suas presentes dificuldades, mas para

que eu sofra pela Igreja e seja claro que é Ele, e não outro, quem a guia e salva". Confiamo-vos este nosso sentimento não, certamente, para fazer um ato público, e portanto de vaidade, de humildade, mas para que também vós possais gozar da tranquilidade que nós próprio sentimos, ao pensar que não é a nossa mão débil e inexperiente que está ao timão da barca de Pedro, e sim a mão invisível, mas forte e amorosa do Senhor Jesus. E também gostaríamos que em vós, assim como em toda a Igreja, às vezes perturbada pelas franquezas que a afligem, prevalecesse o sentido evangélico de fé-confiança, requerido por Cristo aos Seus seguidores, sem que o medo ou o desalento pudessem alguma vez entristecer a ousadia e o prazer da acção cristã. Quanto a nós, continuamos a repetir no coração as palavras de outro grande Papa, Leão I, que aparecem num dos seus clássicos sermões, pronunciadas exatadamente na celebração anual da sua elevação ao Pontificado: "*dabit virtutem, qui contulit dignitatem*", dará a força, Aquele que conferiu a dignidade (27).

#### *O verdadeiro privilégio do Papa*

A propósito de dignidade, sentimos outra impressão quando, depois da memorvel fumaça branca, nos vimos circundado por todas as espécies de homenagens, adquirindo uma certa consciência, com perigo de vertigens, da nossa elevada função apostólica, assim como da separação que dela poderia derivar, para a nossa modesta pessoa e também para o nosso excelso ministério, das pessoas queridas, dos nossos amigos, e especialmente do povo para cujo bem espiritual éramos revestido da sublime e excepcional dignidade de Vigário de Cristo. A escala hierárquica algumas vezes talvez possa estabelecer uma distância entre o eleito e a comunidade, e provocar consciência de privilégio.

Nós, ao reevocarmos aquele dia (como, aliás, também a do nosso ingresso oficial em Milão, ao lado do estimado Presidente da Câmara, o bom e valoroso Prof. Virgilio Ferrari), devemos agradecer ao Senhor por termos sido invadido interiormente por um sentimento de imensa simpatia por aqueles a cujo serviço tínhamos sido destinado; advertimos no íntimo do coração a nossa nova definição: Servo dos Servos de Deus, com todas as sábias exortações pastorais de outro dos nossos predecessores, longe no tempo e perto no magistério, São Gregório Magno; mais alta do que a dele, porém, pareceu-nos que

---

(27) *Sermo* II; em: P.L. 54, 143.

a própria voz de Cristo ressoava vibrante e profunda: "*amas me plus his?*". É este o verdadeiro privilégio do Papa: Simão, filho de João, tu amas-Me mais do que os outros? Apascenta! Sê Pastor! (28).

Autoridade e caridade tornam-se, como em visão interior, uma só coisa; uma realidade tão grande que se dilata até aos confins do mundo, e se torna extensiva a todas as necessidades da humanidade; compreendemos rapidamente a missão social da Santa Sé. Uma realidade tão verdadeira que leva a vislumbrar a substância final e secreta da mesma: a unidade da Igreja e até do mundo, num certo sentido, como, na hora suprema da Sua vida no tempo. Jesus tinha desejado, ao dirigir-se em êxtase ao Pai: "que sejam um, assim como Nós" (29). Compreendemos, então, o paradoxo que ainda constitui um obstáculo à consumação do ecumenismo: o primado de Pedro. Ele não é o espectro repelente da unidade, mas o farol que deve levar à unidade, para tornar a cristandade divina um só Povo de Deus (30). Então, e ainda agora assim é, era o nosso sonho, ou melhor, a nossa esperança.

Muitas e muitas outras coisas, como podeis imaginar, afluíram então, como torrentes, ao nosso coração, para lhe fazer sentir a necessidade de se manter radicado, mais na força de Deus do que na fraqueza terrena; e também a necessidade, Irmãos e Filhos caríssimos, do auxílio da vossa comunhão e da vossa oração.

Que a nossa Bênção Apostólica seja para vós um estímulo e um prémio!

##### **5. A missão cultural e pedagógica das Universidades eclesiásticas**

*Do discurso aos docentes e alunos da Universidade Gregoriana no IV centenário do Pontificado de Gregório XIII.*

Celebra-se hoje o quarto centenário da eleição ao Pontificado do grande Papa Gregório XIII; para recordar o acontecimento, o Corpo Acadêmico e os Alunos do Ateneu, que tem o nome desse Pontífice, quiseram encontrar-se com o Papa, acentuando, assim, a ideal continuidade de fidelidade e de amor, que, durante estes séculos, uniu a Universidade Gregoriana à Cátedra de Pedro. Compreendeis com que alegria aceitámos os convite, não só porque nos encontramos entre

---

(28) Cfr. Jo., 21, 15.

(29) Jo., 17, 11.

(30) Cfr. Ef., 4, 3-7.

vós, depois de terem passado oito anos desde que fomos à Gregoriana, a 12 de Março de 1964, para visitar aquela *Alma Mater* onde também nós, em anos já longínquos, nos sentámos, como vós, alunos e discípulos da Sapiência, mas também porque podemos dizer-vos que vos acompanhámos e acompanhamos com interesse, com trepidação, com esperança; que depomos a nossa confiança em vós...

### 1. A missão cultural

A missão cultural que a vossa Universidade teve e tem a grande responsabilidade de realizar, é um problema geral, que não diz respeito apenas ao vosso Ateneu e aos Institutos associados, mas também a todos os outros. De fato, este problema constitui hoje o ponto crucial de cada instituição científica que tenha, na Igreja, o nome de católica e lhe queira ficar fiel, no crisol das tensões e dos interrogativos que se apresentam mais agudos do que nunca, especialmente na consciência dos homens de cultura.

Parece-nos, porém, dever sublinhar vivamente que o critério geral, que deve distinguir esta missão cultural confiada a cada Universidade católica eclesialística, é o seguinte: professores e alunos devem estar em condições de realizar, cada vez mais expressamente, com a ajuda da graça de Deus, o ideal de uma sabedoria, animada por um ardente espírito de fé, por uma consciência penetrante dos problemas apresentados à Igreja, com tudo o que eles exigem de reflexão e de renovação, e por um amor fervoroso à própria Igreja e àquele que suporta o seu grave peso, consciente da própria fragilidade humana.

#### *Uma visão do mundo inspirada pela Fé.*

O que se pede é um espírito de fé; uma atmosfera de fé, que deve, invisível, mas solidamente, guiar todo o esforço pessoal e coletivo de estudo e também de pesquisa científica, livre e honesta. O caráter de uma Universidade como a vossa não é primária e necessariamente determinado por estruturas institucionais ou por relações com especiais entidades ou pessoas eclesialísticas: o elemento decisivo é uma visão religiosa do mundo. Uma *Weltanschauung* inspirada pela fé católica; é esta a elevada e indispensável concepção básica, que estabelece e ampara todo o edifício universitário. É esta "atmosfera católica", que deriva da fé vivida e sofrida, garante e respeita, na Universidade, a seriedade da investigação científica, radicada no homem e no mundo humano (31). É nesta luz de fé que se desenvolvem as atividades dos

---

(31) Cfr. N. A. LUYTEN, *Pourquoi une université catholique?* em: *Recherche et culture*, Fribourg, 1965, pp. 13, 27.

campos em que se deve empenhar a missão cultural da Universidade: o científico e o mais propriamente teológico.

A) *No plano científico*

No plano científico trata-se-á não só de não destruir, mas de valorizar, escutar e compreender os laços vivos e vitais com a Tradição: o patrimônio dos séculos tem uma voz própria, que deve ser ouvida; é a Igreja, docente e orante, que, no ensinamento do Supremo Magistério, no pensamento dos seus Padres e dos seus Doutores, na vivência da *regula fidei* da sua Liturgia — *lex orandi, lex credendi!* —, na humilde e radiosa fidelidade ao *sensus fidei* dos simples fiéis, ainda ressoa e deverá ser ouvida se não quisermos eliminar o íntimo nexos que, através dela, nos mantém unidos à própria tradição dos Apóstolos e, por intermédio deles, ao ensinamento de Cristo, Palavra do Pai.

Isto não quer dizer que a investigação científica seja dificultada, como pretenderiam algumas objecções míopes de espíritos superficiais e precavidos: a Universidade, que, por definição, é *universitas scientiarum*, constitui o lugar ideal onde, na honesta liberdade dos filhos de Deus, se confrontam os novos problemas, se observam os fermentos que abalam a aparente segurança do homem tecnicista e espacial de hoje, e se procede, com método rigoroso, ao aprofundamento e à promoção dos estudos. A autoridade divina da Revelação não paralisa, mas orienta esta investigação; não a sufoca, mas fomenta-a, porque o mundo infinito das realidades divinas, que se nos apresentam na consideração da história da salvação, constitui um estímulo para o exercício da faculdade intelectual; e, do mesmo modo que todos os ramos da ciência procuram descobrir a verdade, também o dogma revelado, e definido autorizadamente pela Igreja, nos oferece a verdade de Deus, nos infunde o sentido de Deus, cuja acção devemos ver em transparência, até através da confusão dos problemas humanos; guia-nos para a descoberta “de toda a verdade” (32), a fim de nos orientar para pontos seguros, nos quais a promessa do dado revelado pode exercer todo o seu benéfico influxo sobre a elaboração de uma síntese harmoniosa e estimulante do saber humano.

*Não sejamos crianças inconstantes...*

Baseada nesta premissa, a Universidade deve ajudar a classificar, com aguda maturidade, as correntes modernas do pensamento nos seus encontros e desencontros com a verdade de Deus revelador:

---

(32) Cfr. Jo., 16, 13.

deve formar para a *crítica* (33), não se deixando deslumbrar por todas as novidades, algumas vezes indevidamente aceitas como descobertas revolucionárias, que, por outro lado, depois são frequentemente superadas pelas novas opiniões, que se apresentam continuamente no horizonte. O perigo, de resto, não é novo, e São Paulo já advertia os cristãos de Éfeso a propósito dele: “De modo que não seremos mais meninos inconstantes, levados por qualquer sopro de doutrina, pela malignidade dos homens e pelos seus artificios enganadores; mas, praticando a verdade, cresceremos em todas as coisas pela caridade n’Aquele que é a Cabeça, o Cristo” (34). Portanto, este *habitus* crítico deve ser um sinal de equilíbrio e bom senso, ainda antes de ser uma devida ancoragem na verdade que não engana, uma chegada àquele Deus que ilumina a nossa mente e a nutre de inefável experiência espiritual, porque a teologia é, por definição, “ciência de Deus”, gnose saborosa e exaltante, guiada pelo Espírito que escruta todas as coisas e também as profundidades de Deus (35).

#### B) *No plano teológico*

Assim, a missão cultural, que é realizada por uma Universidade como a vossa, adquire a sua fisionomia mais especificamente teológica: e aqui passamos ao núcleo principal, à fundamental razão de ser que orienta a vossa fadiga quotidiana. Se a atmosfera que ali deve reinar, como dissemos, é a da fé, a da *Weltanschauung* cristã e católica, diariamente conquistada e vivida, a esfera teológica do Ateneu deverá estar, primeiro que tudo, ao serviço da fé: a Universidade deve assegurar a ortodoxia da fé, cuja garantia é o Magistério. Deus proporcionou ao homem o conhecimento da própria vida trinitária, e o Seu Filho Unigénito introduziu-nos no Seu desígnio de amor, comunicando-nos a salvação, que se realiza dinamicamente na Igreja, no plano da história. A fé abre-nos a este Deus, que é Pai, Salvador, Amigo. Não nos põe em contacto com conceitos meramente abstractos, mas, segundo o estilo de Jesus no Evangelho, com três Pessoas vivas, na Unidade divina, Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, com a Santíssima Trindade, que nos ama e pensa em nós, criaturas criadas por Ela à sua imagem e semelhança. A teologia não é mais do que a fé na ordem conceitual. Como disse Santo Agostinho, é a *scientia, qua fides saluberrima nutritur, defenditur, roboratur* (36).

---

(33) Cfr. 1 Tes., 5, 21.

(34) Ef., 4, 14-15.

(35) Cfr. 1 Cor., 2, 10.

(36) *De Trinitate*, XIV, 1.

“Há uma ciência teológica e também sistemas teológicos. Mas a ciência e os sistemas têm o dever de captar uma “história sagrada”, não uma ordem de essência” (37).

Portanto, se o pressuposto é a fé, a teologia oferece, por vocação própria, um auxílio insubstituível para a inteligência da fé: *fides quaerens intellectum*, segundo o célebre aforisma de Santo Anselmo. A fé oferece à inteligência humana toda a riqueza das doutrinas fundamentais, que o Símbolo condensa como condição indispensável para a salvação: não era em vão que as antigas catequeses aos baptizados da Igreja compreendiam, em primeiro lugar, a explicação destas doutrinas, que eles deviam receber com a *traditio Symboli*. Vós conheceis os seus célebres tratados; citaremos apenas as palavras de Santo Ambrósio, nosso predecessor na Cátedra de Milão, que, no início da sua explicação, define o Símbolo deste modo: *spirituale signaculum, cordis nostri meditatio et quasi semper praesens custodia, certe thesaurus pectoris nostri* (38). Do mesmo modo que a abelha se lança no meio das flores, também a inteligência humana se nutre destas verdades, que lhe são oferecidas pela fé, escruta-as, aprofunda-as, medita-as continuamente, escava dentro delas como numa mina: *thesaurus pectoris nostri*. “Sendo uma percepção realista de Deus numa proposição conceitual, a fé é luz divina dentro de uma inteligência humana. Ela é possuída pelo homem e o homem pensa por meio dela”. A fórmula de Santo Anselmo assume, felizmente, um pensamento (é a palavra de Santo Agostinho, repetida por Santo Tomás), em que entram em acção... todos os recursos da inteligência, individual ou colectiva, segundo as etapas variáveis e progressivas do espírito” (39).

### *Teologia e o Magistério*

É evidente que esta propedêutica para a inteligência da fé deve ser garantida pelo caminho que, pela própria intervenção de Deus em Cristo, foi indicado ao homem, sedento de verdade: digamos, primeiro que tudo, pelo Magistério supremo de Pedro, que fala pelos seus sucessores; e, com ele, em íntima união, pelo Magistério vivo dos Apóstolos, por meio dos Bispos. A teologia está em profunda relação com o Magistério da Igreja, porque a sua raiz comum é a Revelação divina; a teologia deve manter-se em estreita relação com o Magistério, assim como com toda a comunidade dos fiéis, porque ela

(37) M. D. CHENU, *La foi dans l'intelligence*, Paris, 1964, p. 129.

(38) SANTO AMBRÓSIO, *Explican. Symb.* 1; Ed. Faller, CSEL, 73, 1955, pág. 3.

(39) CHENU, op. cit., pp. 134, 344.

*medium quodammodo obtinet locum inter fidem Ecclesiae atque eiusdem Magisterium*, como dissemos aos participantes do Congresso Teológico Internacional, de 1966 (40); e, naquela ocasião, ao relevar os deveres que incumbem à teologia neste delicadíssimo campo, também sublinhámos que o próprio Magistério deve muito aos estudos da teologia, a qual *adiutricem dat operam, ut Magisterium pro suo munere sit semper lux et regula Ecclesiae* (41). Aqui, encontram explicação e composição aquelas relações mútuas que uma certa mentalidade gostaria de opor artificialmente, mas que, afinal, na ordem histórica são reciprocamente complementares e auxiliares, salvo o carisma próprio do Magistério Supremo, de confirmar os irmãos na fé (42). Seguindo esta linha de mútua compreensão, confiança, e cooperação, que não lesa os legítimos direitos de pesquisa e de liberdade, como acima dissemos, a teologia desempenha uma função insubstituível na Igreja.

## 2. A Missão Pedagógica

Voltando a falar sobre a vossa Universidade, deduz-se, do que foi dito, o grande valor que existe na missão pedagógica da Gregoriana: ela exerce uma função formativa do homem, em todos os campos do saber, à luz da fé, que, de modo semelhante ao Sol, pelo facto de iluminar as coisas, as torna visíveis na sua realidade externa, não anula a sua autonomia, não mortifica a sua existência, não apaga a sua beleza, mas as valoriza e nobilita de modo incomparável.

Oxalá esta luz, que provém de Deus, nunca seja velada por ninguém! Numa Universidade como a vossa, cada doutrina incompatível ou pouco compatível com a fé deve sentir-se na impossibilidade de subsistir, do mesmo modo que, "*per la contradizion che nol consente*" (43), não pode existir um mestre cujo pensamento não seja totalmente fiel ao pensamento da Igreja. Há, portanto, uma necessidade de ortodoxia, de uma ortodoxia ciosamente guardada e ensinada pelos professores: a unidade de vontade e de pensamento deve ser harmoniosa, num corpo académico, de modo a não admitir divisões nas questões fundamentais. Ao mesmo tempo, porém, há uma necessidade de adaptação às necessidades didáticas de hoje, que o progresso hodierno dos estudos aumentou consideravelmente...

---

(40) *Insegnamenti di Paolo VI*, IV, 1966, p. 445.

(41) Cfr. *ibid.*

(42) Cfr. *Lc.*, 2, 32.

(43) DANTE, *La Divina Commedia*, I, 27, 120.

### O empenho dos Alunos

Ao lado da perfeita ortodoxia dos Professores, é requerido, na Universidade, o compromisso de absoluta seriedade nos estudos, da parte dos alunos, que devem possuir uma completa maturidade de formação geral, ser dotados de um bom equilíbrio humano e mostrar-se bem versados nas doutrinas teológicas fundamentais: só a partir daqui se poderá proceder às especializações, que, se forem separadas deste contexto, não oferecem uma visão global da ciência à luz de Deus e podem constituir um obstáculo, em vez de uma ajuda, para a investigação e a assimilação da verdade total. De resto, é uma lei comum a todas as Universidades proceder por graus, não iniciando as especializações, em cada campo, sem primeiro ter dado uma completa e provada formação nas disciplinas gerais.

Em particular, a vossa Universidade deve sentir-se responsável pelos sacerdotes em fase de formação, os quais devem levar de Roma um conhecimento completo e sólido da fé, bem orientada também pastoralmente. Esta orientação pastoral requer, portanto, uma cooperação entre a Universidade e os Colégios Eclesiásticos, assim como entre os vários Ateneus que existem em Roma, para que esta Cidade, que na intenção de Gregório XIII devia ser o centro de formação para o clero mundial, possa assumir, perante a Igreja, a missão que lhe compete, e cujos enormes recursos científicos de que dispõe — Institutos, Bibliotecas, etc. —, se forem bem coordenados, constituem um extraordinário instrumento de cultura universal.

Mas, sobretudo, o vosso amor pela Igreja Católica, Apostólica e Romana deve ser sempre vivo: um amor verdadeiro, grande, sincero, que vê nela o caminho desejado por Cristo para levar a salvação aos homens; um amor que rejubila com as alegrias da mesma, que se entristece pelas suas dores e pelas defecções que a fazem sofrer; um amor que pede e se oferece, para que ela seja sempre luminosa perante Deus e os homens. *In omnibus cupio sequi ecclesiam Romanam*, afirmava Santo Ambrósio (44). Ela é a chave de abóboda da unidade e da comunhão católica: *Totius orbis Romani caput Romana Ecclesia;... inde enim in amnes venerandae communionis iura dimanant*, escreveu ainda aquele Pastor, reunido com os outros Bispos, no II Concílio de Aquileia (45).

---

(44) SANTO AMBRÓSIO, *De Sacramentis*, III, 1, 5; FALLER, op. cit., pág. 40.

(45) SANTO AMBRÓSIO, cfr. *Ep. Provisum*; Ep. XI, S. Ambrosii (Maur.); cfr. BALLERINI, V, 270-271.

Nesta comunhão adquire-se a posse das imperscrutáveis riquezas de Cristo (46): e daqui nasce a força para garantir à própria fé a sua fecundidade em todos os campos, tanto na formação intelectual como no compromisso quotidiano, com a assistência do Espírito Santo, ao Qual vós, como cultores das ciências sagradas, deveis ter uma devoção, quer dizer, uma consagração muito particular.

### *Confiança recíproca*

Caríssimos Irmãos e Filhos! Podeis ter a plena certeza que não nos passa despercebido o vasto e difícil trabalho que vós, docentes, realizais com a vossa competência doutrinal e ao qual vós, alunos, dedicais todo o entusiasmo da vossa juventude e a acuidade da vossa inteligência, em fase de maturação. Temos profunda consciência disso. Sede felizes de viver esta hora tão delicada, mas também tão grande e exaltante da vida da Igreja! A Igreja tem necessidade de vós: e vós deveis estar nas primeiras linhas da Igreja, oferecendo-lhe o ardor da vossa convicta devoção.

Neste momento, temos necessidade de uma confiança recíproca: a Igreja — é o Papa quem vo-lo diz com imensa esperança —, a Igreja tem confiança em vós: na vossa sinceridade de intenções, no vosso *sensus fidei*, no vosso empenho de escutar o mistério de Deus e as admiráveis obras da Sua Redenção, para serdes, amanhã, um fermento, um lêvedo, uma mola animadora nas vossas comunidades eclesiais e não semeadores de dúvidas sistemáticas, nem críticos corrosivos do patrimônio recebido, nem experimentadores inconsiderados de caminhos incertos, nem — queira Deus que não — demolidores da fé na alma dos alunos e dos fiéis, mas educadores, plasmadores, modelos desta fé incorrupta, e de um sereno dinamismo intelectual, colunas e suportes da fé do Povo de Deus, nas tarefas que vos serão confiadas. A Igreja deposita esta confiança em vós, cheia de como-vida esperança e de ardente expectativa.

Mas também deveis ter confiança na Igreja. Fazemo-vos este pedido em seu nome. Tende confiança nesta Igreja. Mãe e Mestre, que continua, no mundo, a sua árdua missão de proclamar a verdade de Deus, num mundo que ainda hoje, como nos tempos de Cristo, parece fechar-se obstinadamente a toda a possibilidade de intervenção divina na história: *auditu audietis et non intelletis et videntes vide-*

---

(46) Cfr. Ef., 3, 6.

*bitis et non videbitis* (47). Apesar de tudo, a Igreja não se cansa de se dirigir aos homens, porque foi fundada por Cristo para eles, nasceu, para eles, do Seu lado aberto, como a nova Eva, Mãe dos vivos (48). Nesta obra dos homens, para lhes tornar acessível a verdade de Deus e comunicar a Redenção, ela tem necessidade de vós. Ela espera o vosso contributo de homens de estudo e de pastores, que vivem e fazem viver na luz da Revelação, e enriquecem continuamente o seu depósito sagrado. Ela ama-vos, como a pupila dos seus olhos! Olhai para ela sob este aspecto, para esta santa Mãe, para esta Mãe frequentemente magoada, cujo único conforto é o Senhor Ressuscitado. Tende confiança nela, porque nela encontrareis sempre o encorajamento, a simpatia e a esperança. Amai-a, amparai-a no seu esforço imane; a sua unidade, porque — permiti que voltemos a citar Santo Ambrósio — *quandiu sententiis discrepamus, quodammodo regnum Christi minoramus; quia nondum ei subiecta sunt omnia, cuius regnum unitas est* (49).

É isto o que desejávamos comunicar-vos, nesta comemoração histórica, com a qual, como dissemos no princípio, quisestes atestar a autenticidade do vosso compromisso presente, levando-o à idealidade das fontes, de que nasceu a vossa Universidade. Sempre para a frente, em nome do Senhor! E ao agradecer-vos, mais uma vez, a alegria que nos proporcionastes esta manhã, invocamos sobre todos vós — nesta novena do Espírito Santo — a Sua virtude que desce do Céu, a fim de vos tornardes testemunhas de Cristo *usque ad ultimum terrae* (50).

Damo-vos a nossa Bênção Apostólica.

---

(47) Cfr. Is., 6, 13-15.

(48) Cfr. Gn., 2, 21; 3, 20; Jo., 19, 34; cfr. S. AGOSTINHO, *Tract. in Jo.*, 120; em: P. L. 35, 1953.

(49) SANTO AMBRÓSIO, *Enarr. in Ps. LXI*, 8.

(50) Cfr. Act., 1, 8.

## VIII. NECROLOGIA

---

### *Padre André Anfosso*

\* em Nice (França) aos 4-12-1907, † em Rieupeyroux (Aveyron-França) aos 8-5-1972 com 64 anos, 46 de profissão e 35 de sacerdócio. Foi Diretor por 19 anos.

Desenvolveu a sua atividade salesiana como professor e diretor, demonstrando grande cultura humanística. Foi também apreciado mestre de canto. Trabalhador incansável e de muito zelo apostólico, religioso exemplar e de fina delicadeza, foi sempre modelo em procurar a concórdia, por sua calma e grande serenidade.

### *Dom Miguel Alberto Arduíno*

\* em Foglizzo (Turim-Itália) aos 5-3-1909, † em Locri (Itália) aos 18-6-1972 com 63 anos de idade, 46 de profissão e 39 de sacerdócio. Foi Diretor 8 anos. Desde 1948 era Bispo de Shin Chow (China); em 1951 foi encarcerado e expulso; desde 1962 era Bispo de Gerace Locri (Itália).

Muito jovem partiu para as Missões da China, onde desenvolveu o seu trabalho missionário e sacerdotal. Daí foi expulso como "criminoso" após ter trabalhado como professor, Diretor e Bispo de Shiu-Chow, e ter consolidado o anúncio do Reino de Deus. Suas características principais foram um incontido zelo apostólico entre os mais pobres e necessitados, e um inalterável otimismo. Nunca perdeu a esperança de voltar para a sua diocese de Chiu-Chow, que trazia no coração. Também as obras paroquiais do santuário de N. S. Auxiliadora de Turim e as diocesanas daquela Arquidiocese que lhe foram confiadas, como finalmente a diocese de Gerace-Locri, da qual durante o Concílio foi nomeado Bispo, conheceram de quais tesouros de esperança, de caridade e de zelo apostólico era rico o seu coração.

### *Coad. Nicolau Arezzo*

\* em Gravina di Puglia (Bari-Itália) aos 8-12-1915, † em Roma aos 5-7-1972 com 56 anos, 37 de profissão.

Amadurecida a sua vocação no Instituto Redentor de Bari, entrou depois no Noviciado Salesiano de Montodine (Brescia), e de 1935 a

1967 desenvolveu o seu trabalho entre os jovens, nos colégios de Treviglio, Nave, Milão, Arese, Bolonha. Em 1967 foi para a Casa Geral de Turim, em que colaborou em tarefas no Escritório Central dos Cooperadores Salesianos sempre com empenho exemplar. Em 1968 foi enviado para Roma no Centro Nacional das Obras Salesianas em Cinecité, com a incumbência de colaborador da Secretaria Nacional dos "Ex-Alunos de Dom Bosco".

#### *Padre Januário Audísio*

\* em Filipevila (Constantina-Argélia) aos 4-11-1883, † em Campo Grande (Brasil) aos 25-4-1972 com 88 anos, 67 de profissão e 57 de sacerdócio. Foi Diretor por 1 ano.

Distinguiu-se por sua obediência pronta desde clérigo, quando interrompeu a teologia na Itália para ir às Missões. Outra sua característica era o grande amor aos Superiores e à Congregação, o seu espírito alegre sempre pronto a perdoar e a falar bem de todos. Amava com ternura N. Senhora, de cuja devoção foi grande propagador entre os muitos jovens que o lembram com viva saudade.

#### *Padre João Badalotti*

\* em Isola Dovarese (Cremona-Itália) aos 11-8-1912, † em Barcelos (Amazonas-Brasil) aos 22-8-1971 com 59 anos, 39 de profissão e 30 de sacerdócio. Foi Diretor por 9 anos.

Foi um dos grandes apóstolos das Missões do Rio Negro. Tendo chegado às missões em 1956, pôs-se logo a organizar a catequese dos povoados, aproveitando o elemento nativo, na implantação das "escolinhas", deixando em cada vila um "animador" dos "cultos" dominicais. Dirigiu a Missão de Taracú e ultimamente era Diretor das missões de Barcelos. O exemplo que lega é de heróis.

#### *Padre José Baldan*

\* em Adriano di Dolo (Veneza-Itália) aos 20-3-1903, † em Alexandria (Itália) aos 8-4-1972 com 69 anos, 43 de profissão e 35 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

É este o juízo dos seus superiores antes da sua ordenação: "Grande boa vontade, obediência e amor à sua vocação, piedade distinta, aplicação assídua, caráter humilde e reto, de virtude sólida e ótimo espírito religioso". Capelão militar, voltou em 1943 com os pés conge-

lados e teve que submeter-se à amputação de metade do pé direito. O seu sofrimento foi grande e íntimo, mas na luta pela sobrevivência achou a serena aceitação e a força para fazer de sua dor uma oferenda a Deus.

### *Padre Heitor Bandini*

\* em La Spezia (Génova-Itália) aos 31-7-1890, † em Génova — Sampierdarena (Itália) aos 5-3-1972 com 81 anos de idade, 64 de profissão e 49 de sacerdócio.

Distinguiu-se pelo seu apego à vocação. Preocupava-se para que a Congregação caminhasse sempre pela senda reta. Não deixava nunca a celebração da missa, nem mesmo quando estava indisposto, nem quando se lhe enfraqueceu a vista. Os seus quase 50 anos de sacerdócio, os 65 de vida religiosa, a multidão de jovens que serviu através do ministério, o ensino religioso e a música, são os frutos mais belos da sua disponibilidade e perseverança.

### *Padre Alberto Biffis*

\* em Bérghamo (Itália) aos 21-12-1908, † em Canelli (Asti)-Itália) aos 20-5-1972 com 63 anos, 47 de profissão e 38 de sacerdócio. Foi Diretor por 33 anos.

Por tantos anos Diretor (dos quais 17 com aspirantes e noviços) e por 4 Vigário inspetorial; gastou sua vida com alegria e amor pelos irmãos e jovens da Inspetoria Novarese, que muito lhe deve. Salesiano exemplar em tudo, na piedade, no trabalho indefesso e alegre, no serviço a irmãos e jovens, no candor de uma humilde disponibilidade; deixa profundas saudades e lembrança idelével.

### *Padre Henrique Bonicelli*

\* em Turim (Itália) aos 15-2-1909, † em Bagnolo Piemonte (Cúneo-Itália) aos 3-7-1972 com 63 anos, 46 de profissão e 37 de sacerdócio.

Dotado de não comum habilidade no ensino e na administração, desenvolveu em nossos institutos (particularmente nas tipografias da Poliglota Vaticana e do Osservatore Romano) um verdadeiro apostolado de bem, sempre animado pelo espírito salesiano. O seu profundo sentido de vida sacerdotal e religiosa acrisolou-se e se enriqueceu durante os últimos longos anos de sofrimentos suportados com resignação cristã. Deixa a quantos o abordaram uma lembrança saudosa

do seu apego ao dever cotidiano e à vida religiosa vivida no silêncio e oculta.

### *Padre João Buchta*

\* em Ostrog (Alta Silésia-Alemanha) aos 15-6-1906, † em Bagnolo Piemonte (Cúneo-Itália) aos 5-7-1972 com 66 anos, 47 de profissão e 37 de sacerdócio.

Admiravelmente preparado para a vida missionária, desenvolveu um fecundo apostolado nas nossas casas da China, onde foi diretor prudente e ativo. Devendo fugir desse campo prometededor de trabalho, foi para a nova inspetoria das Filipinas, exercendo em larga escala as suas belas qualidades de mente e coração. Pelo seu conhecimento profundo de oito línguas modernas, pela sua vasta cultura e sólida doutrina, gozou sempre de um grande prestígio entre os irmãos e a juventude. Vítima de um grave acidente rodoviário em Manilha, suportou com resignação o mal que o afligiu durante alguns anos, e que o levou aos poucos para a tumba.

### *Padre Mário Calvi*

\* em Mornico Losana (Pavia-Itália) 8-12-1906, † em Bagnolo Piemonte (Cúneo-Itália) 20-3-1972 aos 65 anos, 47 de profissão e 41 de sacerdócio. Foi Diretor por 12 anos

Muito jovem foi para a China a fim de completar a sua formação e onde foi ordenado sacerdote. Mensageiro de Cristo, desenvolveu fecundo apostolado em várias casas, que o tiveram como precioso colaborador nos diferentes setores da vida salesiana. Amantíssimo de Dom Bosco e da Congregação, manifestou sempre com brio o seu caráter no filial apego às Constituições e às nossas tradições. Nos últimos anos de sua vida, Deus o provou com sofrimentos físicos e morais, que ele soube enriquecer com a oração e com a plena conformidade com a vontade divina.

### *Padre Aurino Caracciolo*

\* em Bonito (Pernambuco-Brasil) aos 2-3-1907, † em Recife (Brasil) aos 4-5-1972 com 65 anos, 43 de profissão e 34 de sacerdócio. Foi Diretor por três anos.

Nasceu, trabalhou e morreu nessa região do Nordeste brasileiro. As casas em que mais se demorou foram as de Baturité e Jaboatão. Os últimos cinco anos foram de imobilidade e de sofrimentos. Características da sua personalidade de salesiano e de sacerdote foram

uma grande alegria, um zelo intenso e uma sincera devoção a Jesus Eucarístico e a N. Senhora Auxiliadora. Encontrou no seu caminho grandes dificuldades, mas a Providência ajudou-o a vencer e a perseverar. Uma longa e dolorosa doença preparou-o para a morte.

#### *Padre João Chadwick*

\* em Ballanacolg (Irlanda) aos 4-4-1907, † em Gloucester (Inglaterra) aos 22-6-1972 com 65 anos, 45 de profissão e 36 de sacerdócio.

Entrou na Congregação já adulto. Foi sacerdote zeloso e trabalhador, especialmente no ministério paroquial. Grande admirador do Cardeal Newman, desenvolveu grande esforço para conseguir a fundação de uma paróquia em Littlemore, onde esse famoso convertido fizera a sua submissão à Igreja Romana. Foi muito amado e estimado pelos paroquianos.

#### *Coad. Francisco Connolly*

\* em Willington (Durham-Inglaterra) aos 7-7-1897, † em Roma S. Calisto (Itália) aos 8-6-1972 com 74 anos de idade e 48 de profissão.

Filho da nobre e católica Irlanda, foi entre os que constituíram o primeiro núcleo de guias das Catacumbas quando o inesquecível Papa PIO XI chamou os Salesianos para essa missão especial. Considerado o decano das Catacumbas, difundiu nessa atividade todas as suas excepcionais energias por bem 42 anos, merecendo da Santa Sé a condecoração "Pro Ecclesia et Pontifice".

O apego ao Papa e à Igreja, e o culto aos primeiros mártires, foram as suas mais destacadas características. Trabalhou até ao fim de suas forças, e embora fosse atingido por um mal incurável não quis para si nenhuma atenção especial. Era conatural nele a visão das necessidades alheias, e praticou para com os outros aqueles sinais de estima e serviços que o tornarem querido e amado de todos.

#### *Padre Guilherme Daly*

\* em Blantyre (Glasgow-Escócia) aos 17-2-1900, † em Glasgow (Escócia) aos 18-3-1972 com 72 anos, 46 de profissão e 38 de sacerdócio.

Foi sacerdote piedoso e cheio de zelo. Distinguiu-se por docilidade, operosidade e amor profundo pela Congregação e S. J. Bosco.

Com o seu entusiasmo natural ganhou muitas vocações e benfeitores para a nossa Congregação e para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Quando a doença mortal o atingiu, aceitou sofrer por muito tempo a fim de merecer o mais possível em vantagem da Igreja e da sua querida Congregação.

### *Padre Francisco Delpiano*

\* em Canale (Cúneo-Itália) aos 30-3-1930, † em Turim-Valdocco aos 29-5-1972 com 42 anos, 23 de profissão e 14 de sacerdócio.

Sua característica foi a generosidade. Empenhado na promoção dos povos subdesenvolvidos, deu todas as suas energias ao serviço do movimento dos jovens da "Operação Mato Grosso". Foi a Mato Grosso (Brasil) com um grupo de jovens para realizar na prática o mandamento do amor. Nesse tempo de trabalho manifestou-se a doença que o levou para a tumba. Poderia ele ter prolongado a sua vida abstendo-se de todo trabalho e seguindo a prescrição de curas especiais, mas preferiu continuar a prodigalizar-se, até que as forças o permitiram. Os jovens que se apinharam na igreja de S. Francisco de Sales para o velório e depois na Basílica de N. S. Auxiliadora, que regurgitava nos funerais, com a sua correção de atitudes, fervor e comoção, demonstraram ter compreendido o significado do testemunho que encerrava o sacrifício do padre Delpiano.

### *Padre Luís Di Stefano*

\* em Capranica (Viterbo-Itália) aos 6-8-1931, † em Caubori (Amazonas-Brasil) aos 10-5-1971 com 39 anos, 22 de profissão e 12 de sacerdócio.

Faleceu em plena atividade missionária. Deixa admirável testemunho de dedicação ao próximo, zelo extraordinário e grande espírito de sacrifício. Deixou seus parentes e sua pátria, a Itália, e partiu para o Brasil como missionário, dedicando-se inteiramente, nestes últimos anos, à evangelização dos índios coroxitari. Vivia ele numa pequena aldeia de 300 índios dessa tribo descoberta há poucos anos em plena floresta amazônica quase na fronteira com a Venezuela. O exemplo que o P. Di Stefano deixou há de suscitar sem dúvida outras vocações missionárias.

### *Padre Agostinho Duda*

\* em Wilkowyje — Tychy (Polónia) aos 7-8-1898, † em Oswiecim (Polónia) aos 1-4-1972 com 73 anos, 47 de profissão e 37 de sacerdócio.

*Coad. Alexandre Facchini*

\* em Bolonha (Itália) aos 22-11-1888, † em Cúneo (Itália) aos 17-6-1972 com 83 anos de idade, 64 de profissão.

Grande laboriosidade e espírito de oração, sentido de genuína pobreza salesiana, apego à vida de comunidade: essas as linhas mestras de sua vida espiritual. O Sr. Facchini é um coadjutor salesiano que soube autenticamente reaelizar a típica vocação original do salesiano leigo tal qual Dom Bosco a pensou.

*Padre Júlio Filié*

\* em Valecchia (Luca-Itália) 10-10-1906, † em Roma aos 28-2-1927 com 65 anos, 38 de profissão e 35 de sacerdócio.

Caráter pronunciadamente jovial e bom. "Todos me querem bem" costumava dizer, e era verdade. Foi providencial a sua presença em momentos difíceis de internamento, de isolamento, de pobreza extrema, porque ajudou a viver, não obstante tudo, em perfeita alegria. Foi devoto entusiasta de N. Senhora e confessor particularmente eficaz para os jovens.

*Padre Vicente Förster*

\* em Sauce Corto (Buenos Aires-Argentina) aos 4-7-1899, † em Buenos Aires (Argentina) aos 3-2-1927 com 72 anos, 52 de profissão e 43 de sacerdócio.

Sentiu profundamente a sua vocação salesiana de professor. Soube infundir nas numerosas gerações de seus alunos um profundo sentido do dever. Também quando foi nomeado ecônomo não deixou o ensino, que o exerceu para mais de 40 anos. No fim, a sua vida se enriqueceu com uma doença desapiedada e incurável, generosamente suportada.

*Padre Basílio Garcia*

\* em Palácio del Alcor (Palência-Espanha) aos 5-6-1916, † em Los Teques (Venezuela) aos 5-2-1972 com 75 anos, 36 de profissão e 26 de sacerdócio.

As casas de Valência, S. José de Los Teques e Aspirantado S. Maria receberam o benéfico influxo de seu trabalho sacerdotal. Foi sempre sacerdote de profunda vida espiritual. Deixa aos irmãos exemplo de uma existência de piedade filial, de estudo constante e

grande coragem nos seus sofrimentos (que foram muitos). Dedicou-se com paixão ao estudo e esteve sempre disposto a prestar a sua colaboração na aula. Toda a sua vida foi uma contínua doação de si mesmo a Deus e a todos os seus irmãos.

#### *Padre Raul Gruslin*

\* em Haedo (Buenos Aires-Argentina) aos 20-2-1892, † em Bahia Blanca (Argentina) aos 25-5-1972 com 80 anos, 63 de profissão e 52 de sacerdócio.

Por longos anos desempenhou a tarefa de professor e conselheiro escolar em Bahia Blanca. Era algo como a presença de Deus, era visto em todos os lugares, no ensino e na assistência, as 24 horas do dia. A sua severidade no ensino das matérias mais difíceis não impediu que gerações de alunos levassem consigo a melhor lembrança do professor austero. Muitos com sincera gratidão reconhecem que lhe devem o próprio bom êxito na vida.

#### *Coad. Luis Guaschino*

\* em Occimiano (Alessandria-Itália) aos 16-2-1893, † em Turim — Valdocco (Itália) aos 9-3-1972 com 79 anos e 60 de profissão.

Era devoto de S. Domingos Sávio, que veio buscá-lo no aniversário de sua piedosa morte. Em 1925 tomou parte na primeira expedição missionária para o Japão. Fez de tudo: cozinheiro, fotógrafo, hortelão, porteiro. Era sua alegria poder tornar felizes os outros. Regressando para a pátria por causa de sua precária saúde, foi destinado para a casa de Valdocco onde deixou exemplo de jovialidade, calma, alegre e contagioso otimismo.

#### *Padre Matias Kampa*

\* em Stare Budkowice (Polónia) aos 24-2-1884, † em Plock (Polónia) aos 28-3-1972 com 88 anos, 64 de profissão e 57 de sacerdócio.

Era o mais velho salesiano da Polónia. Homem de ténpera robusta, gozou de boa saúde quase toda a vida. Por sua bondade, serenidade, pelos seus gracejos, seu otimismo e bom humor, era querido de todos. Trabalhou em vários colégios e escolas de internos e externos. Foi assistente, professor, catequista, prefeito, vigário e pároco.

Na cura das almas foi diligente e incansável. Nele se podia ver um fascinante modelo de filho de Dom Bosco.

#### *Padre João Kellermann*

\* em Lämmersreuth (Alemanha) aos 25-6-1907, † em Del Valle (Buenos Aires-Argentina) aos 29-3-1972 com 64 anos, 43 de profissão e 33 de sacerdócio.

Desfeita a sua família na guerra, decidiu tornar-se missionário e trabalhar na Argentina. Foram ótimos os resultados. Incansável no estudo, de modo particular na sagrada escritura que lia e interpretava sem esforço no texto original, grego e hebraico, por encargo do Bispo organizou a pregação da diocese, preparando os esquemas relativos. Os funerais, de que participou também o Bispo, foram o sinal do grande afeto que havia suscitado na população.

#### *Padre Constantino Koziel*

\* em Budy-Rajsko (Cracóvia-Polónia) aos 13-6-1928, † em Cracóvia (Polónia) aos 16-3-1972 com 44 anos, 23 de profissão e 15 de sacerdócio.

Professor de teologia, com incumbência de responsabilidade, foi muito estimado como superior. Os clérigos o amavam como um irmão; achava-se sempre entre eles. A doença que o salteou não conseguiu fazê-lo desistir do trabalho: ele achava ainda algumas horas por dia dedicadas ao ministério sacerdotal entre os doentes internados.

#### *Coad. João Leda*

\* em Santolussurgiu (Cálhari-Itália) aos 16-8-1904, † em Sombury (Austrália) aos 23-12-1971 com 67 anos e 41 de profissão.

Tinha uma alma nobríssima e genuinamente cristã. Era um grande trabalhador e muito parco nas palavras. Diligente em sua tarefa de cozinheiro, amava também a agricultura e horticultura, e dedicava todo momento livre dos seus compromissos habituais para esse campo no qual fora formado na Escola de Cumiana. Por muitos anos teve que suportar vários achaques e mais de uma vez ser internado no hospital. Os seus últimos meses lhe foram um verdadeiro calvário. Sofria sobretudo em ver que já não estava em grau de

ajudar os seus irmãos e os jovens. Tinha para com todos estima e grande afeto.

### *Padre Júlio Lowry*

\* em Buenos Aires (Argentina) aos 10-1-1887, † em Colônia Barón (La Pampa-Argentina) aos 4-4-1972 com 85 anos, 67 de profissão e 59 de sacerdócio. Foi Diretor por 19 anos.

A sua virtude característica foi uma profunda e sentida piedade centrada no Santíssimo Sacramento e no Sagrado Coração. Percorreu incansavelmente a zona missionária do Pampa, fazendo-se um portador indefeso dessas devoções. Levou uma vida dura de sacrifícios, que fecundaram o seu longo apostolado sacerdotal.

### *Padre Otávio Minasso*

\* em Ciglie (Cúneo-Itália) aos 20-3-1915, † em Gênova-Sampierdarena (Itália) aos 26-4-1972 com 57 anos 38 de profissão e 29 de sacerdócio.

Distinguiu-se em sua vida por uma grande simplicidade no desenvolvimento do seu apostolado sacerdotal, prolongando-se por quase 20 anos na paróquia de uma das zonas mais povoadas da cidade. Padre Minasso de fato chegara a Sampierdarena no longínquo ano de 1943, tempo atormentado em confronto do que logo se lhe seguiu, e imediatamente se empenhara na difícil missão que assumira. Dentro em breve se tornara o “vigário” dos pobres, dos necessitados e dos desocupados.

### *Padre Luís Mizzi*

\* em Gozzo (Malta) no dia 1-9-1900, † em Catânia (Itália) aos 7-4-1972 com 71 anos, 43 de profissão e 46 de sacerdócio.

Dois anos depois de sua ordenação sacerdotal em Malta, sentiu o fascínio da vida salesiana, e pediu para entrar nela. Acabado o noviciado, foi trabalhar em nossas casas e foi um verdadeiro animador de alegria e graça em meio aos nossos jovens estudantes e oratorianos, dos quais soube granjear estima profunda e larga benevolência. Foi também confessor apreciado e procurado, sobretudo pelos meninos. Na primeira Sexta feira de abril, após tê-lo associado à sua Paixão, Cristo o chamava para a verdadeira Pátria.

*Coad. Francisco Mo*

\* em Montroig — Pallangas (Lérida-Espanha) aos 23-1-1937, † em Barcelona — Sarriá (Espanha) aos 17-2-1972 com 35 anos e 15 de profissão.

Passou quase toda a sua vida salesiana na casa de Sarriá como mestre de alfaiataria e depois mecânico e assistente, alternando a prática com o ensino teórico que preparava com muita diligência. Foram suas características a laboriosidade incansável, espírito de adaptação, simplicidade, ânimo jovial e afabilidade. Não se eximia da fadiga, aumentando sempre mais as suas incumbências: laboratório, aulas, assistência, responsabilidade do esporte, do bar... Todos e sempre lhe quiseram bem: irmãos e alunos, seus aprendizes, para cuja formação se dedicou de corpo e alma.

*Padre Paulo Mongour*

\* em Saint-Etienne (Loire-França) aos 14-9-1901, † em La Mulatière (França) aos 8-5-1972 com 70 anos, 50 de profissão e 44 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

O P. Mongour quisera ser missionário, mas o seu precário estado de saúde lho impediu. Durante os seus estudos teológicos o P. Ricaldone o encarregou de fundar a revista "Jeunesse e Missions". Depois foi diretor do Boletim Salesiano francês, a que deu impulso e renovou. No mesmo tempo era também encarregado dos Cooperadores da Inspeção de Lião e Conselheiro nacional dos Ex-alunos da França. Colaborou em 1953 com Dom Mathias na fundação da Obra de S. Paulo Apóstolo, da qual se tornou diretor após a morte do Bispo. Como pregador, conferencista, escritor, fez conhecer Dom Bosco e a sua obra. Nos seus últimos anos, na direção da Obra de S. Paulo Apóstolo e da Procuradoria das Missões, trabalhou para propagar o ideal missionário e foi de grande ajuda às missões.

*Coad. Alcizo Pion*

\* em Palmanova (Údine-Itália) aos 9-1-1910, † em Novara (Itália) aos 31-5-1972 com 62 anos, 40 de profissão.

Veio à vocação salesiana da vida militar. Deu-se com espírito de fé ao trabalho assíduo e humilde como provedor, cozinheiro e especialmente sacristão, em várias casas da Inspeção, sobretudo Biella,

Morzano e Novara: oração e fidelidade salesiana impressionaram a sua existência.

### *Padre Estanislau Rebek*

\* em Trieste (Itália) aos 7-6-1908, † em Ljubjana (Jugoslávia) aos 28-4-1972 com 63 anos, 45 de profissão e 35 de sacerdócio.

A sua vida salesiana consta de três etapas distintas: dez anos como educador nas casas de Zagábria, Spalato e Flúme, depois quinze anos como pároco em Zara Rovigno e Flúme, e por fim dez anos como pregador popular nas missões em Eslovênia. Ele mesmo traça um balanço desse trabalho: 44 missões, 2.350 sermões, 45.000 confissões. Distinguiu-se no seu modo de agir solene mas ao mesmo tempo acolhedor e modesto. No seu zelo pelas almas não cuidou da diabete que o tormentava e que afinal o levou à morte prematura.

### *Padre Adolfo Rivera*

\* em Zamora (Espanha) aos 29-8-1907, † em Buenos Aires (Argentina) aos 12-6-1972 com 64 anos, 45 de profissão e 36 de sacerdócio.

A sua vida sacerdotal prometia ainda muito no campo pastoral e do ensino, quando um enfarte o levou deixando na dor familiares, confrades, alunos e ex-alunos. Nos anos da sua missão nas fileiras de Dom Bosco ocupou diversos encargos de responsabilidade, não se poupando na sua doação às almas, nos quais deixa a lembrança de uma requintada delicadeza e de um espírito sereno numa constante disponibilidade de serviço.

### *Coad. Lúcio Sanz*

\* em Gomeznarro (Valladolid-Espanha) aos 30-12-1933, † em Orense (Espanha) aos 2-11-1971 com 37 anos e 4 de profissão.

Entrou já adulto na Congregação, depois de ter insistido muito junto do encarregado das vocações. Vir bonus, factotum, provedor, motorista, e o último ano também professor das escolas elementares. Era simples, sempre sereno e tranqüilo, carinhoso e acolhedor com todos. Nunca se lhe ouviu uma queixa. Piedoso e afeiçoadíssimo à Congregação venerava os Superiores. Um incômodo de coração, até então desconhecido, levou-o quase improvisamente à morte.

*Padre Miguel Schmit*

\* em Esch-sur-Alzette (Grão Ducado de Luxemburgo) aos 18-10-1917, † em Lumbumbashi (República de Zaire) aos 10-3-1972, com 54 anos, 34 de profissão e 26 de sacerdócio.

Desde menino manifestou-se estudioso, esforçado, reflexivo, pleitoso sem ostentação. “Quero trabalhar pelos jovens” era o seu programa, a que foi fiel até à morte: a aula, a secretaria, os ex-alunos, o seu serviço de organista e sobretudo a sua comunidade. Em todas essas atividades demonstrou uma jovialidade e uma dedicação que atraíam a simpatia de todos. Foi fiel ao seu sacerdócio, à sua vocação religiosa, ao serviço dos jovens, ao apostolado do ensino, ao sistema educativo de Dom Bosco.

*Coad. Cândido Sicher*

\* em Córdo (Trento-Itália) aos 2-1-1897, † em Pinerolo, Monte Oliveto (Turim-Itália) aos 29-2-1972 com 75 anos e 35 de profissão.

Fêz-se salesiano em idade adulta, depois de haver trabalhado duramente em família, antes e depois do serviço militar que fez na guerra de 1915-1918, conhecendo-lhe toda a terrível dureza e horrores. Viveu uma piedade eucarística e mariana que lhe deu força no seu pesado e humilde trabalho: lavoura, horta, vinhedo. Praticou a pobreza ganhando o pão com o suor da fronte. Pelos irmãos foi apreciado, estimado e amado.

*Coad. José Solis*

\* em Pampa Grande, Déleg. Sigsig (Azuay-Equador), † em Cuenca (Equador) a 1-5-1972 com 75 anos, 55 de profissão.

Toda a sua vida foi um testemunho de doação simples e serena na vida de comunidade. Viveu a sua total doação de consagrado e de missionário com espírito de solidariedade e de submissão exemplar. Não teve exigências nem buscou popularidade, mas o trabalho humilde do agricultor nas Missões de vanguarda no Oriente equatoriano. Por 50 anos viveu no Vicariato de Méndez, instrumento admirável da providência para dar aos filhos dos nativos, os kivarozinhos, o pão material e a mensagem evangélica, valorizada pelo seu trabalho silencioso e seu contínuo sorriso.

*Padre José Spampinato*

\* em Aderno (Catânia-Itália) aos 14-6-1900, † em Turim-Valdocco (Itália) aos 16-3-1972 com 71 anos, 52 de profissão e 46 de sacerdócio.

Foi professor em diversas casas, até que o Reitor-Mor o chamou para Valdocco a fim de que dirigisse o Secretariado da Correspondência, encargo que desempenhou com precisão e pontualidade. Padre Scampinato foi apóstolo da aula, apóstolo da vida sacerdotal salesiana, e mártir do sofrimento. Lecionou por quase 30 anos, visando a formar cristãos integrais. E quando os seus alunos deixavam o Instituto, não poupava sacrifícios para ajudá-los a fim de que se promovessem a uma decorosa posição, e para aconselhá-los a fim de que o fruto do seu trabalho não se frustrasse. Os seus últimos cinco anos martirizados pelos sofrimentos foram uma perene Sexta-Feira Santa.

*Padre Vicente Spinozzi*

\* em Cupramarítima (Ascoli Piceno-Itália) aos 16-9-1905, † em Dom Bosco (Buenos Aires-Argentina) aos 29-5-1972 com 66 anos, 50 de profissão e 46 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Foi um salesiano muito eficiente no seu trabalho; desenvolveu a sua missão de educador quer no campo escolar, quer no paroquial e entre os ex-alunos. Distinguiu-se pela constância com que conduzia para frente as tarefas que a obediência lhe confiava em sua vida. Inumeráveis são os testemunhos da incidência do seu apostolado.

*Padre Evásio Spriano*

\* em S. Salvador (Alessândria-Itália) aos 12-11-1881, † em Turim-Valdocco (Itália) aos 30-4-1972 com 90 anos, 72 de profissão e 66 de sacerdócio. Foi Diretor por 2 anos.

O seu campo principal de apostolado foi a aula e o púlpito. Deixou fama de professor exigente e exato, e de pregador bem preparado e corajoso. Difundiu a devoção de N. S. Auxiliadora com um periódico mensal cuja tiragem de 300 mil exemplares inundava a Itália. Ajudou eficazmente as Missões salesianas com projeções e conferências, e nos últimos anos com o produto do seu intercâmbio filatélico... Distinguiu-o um grande amor à Congregação e às nossas tradições.

*Padre Luis Strunk*

\* em Herzfeld (Alemanha) aos 27-6-1907, † em Marienhausen (Alemanha) aos 16-3-1972 com 64 anos, 35 de profissão e 25 de sacerdócio.

Ecônomo consciencioso e parsimonioso foi um fiel administrador. Nas paróquias, sempre disposto a pregar e confessar. Bom conhecedor das línguas clássicas e modernas, fez de intérprete no exército francês e Italiano. Era um sacerdote zeloso que pregava com a palavra e com o exemplo, com a sua conduta e com o bom coração todo salesiano.

*Padre José Mauricio Tomás*

\* em Abre Campo (Minas-Brasil) aos 17-8-1924, † em Belo Horizonte (Brasil) a 1-6-1972 com 47 anos, 25 de profissão e 15 de sacerdócio.

Por uns dez anos desenvolveu o seu trabalho sacerdotal com muito zelo no Rio de Janeiro como vigário coadjutor nas obras assistenciais da paróquia. Transferido para Belo Horizonte em 1969, dedicou-se à construção de uma capela no bairro Nova Cintra da nossa paróquia "Cristo Luz dos Povos". Ajudava os pobres procurando-lhes remédios, alimento, roupas e tantas outras coisas de que necessitavam. Foi também grande o seu empenho na alfabetização de adultos.

*Coad. Meguel Torre*

\* em Castelnuovo Monterotaro (Foggia-Itália) aos 2-8-1912, † em Vibo Valentia (Itália) aos 31-3-1972 com 59 anos, 39 de profissão.

Dedicou toda a sua vida religiosa a serviço da Comunidade, com generosa disponibilidade a todo gênero de trabalho, no desejo de tornar serena a vida dos irmãos. Sofreu muito na sua prolongada doença que o manteve imóvel numa cadeira. Deixa aos irmãos da Inspeção o exemplo de um autêntico espírito salesiano. Humildade, bondade, generosidade, sacrifício, dedicação, foram as suas qualidades características.

*Coad. Saturnino Torres*

\* em Carasi (Potosí-Bolívia) aos 22-3-1901, † em Cochabamba (Bolívia) aos 14-2-1972 com 70 anos, 42 de profissão.

Bela figura de salesiano, crescera à escola dos primeiros salesianos que traziam de Turim o espírito vivo e novo de Dom Bosco. Teve

amor ao seu trabalho de mestre de sapataria e piedade simples e edificante; exercia assistência habitual e salesianamente solícita. Na oficina não ensinou apenas um ofício como honesto ganha-pão, mas difundiu também um grande amor a N. S. Auxiliadora. Soube servir-se da música também como instrumento eficaz para a educação dos jovens.

#### *Padre Luís Wegnerowski*

\* em Brzezczka-Trun (Polónia) aos 23-1-1902, † em Wozniaków-Kutno (Polónia) aos 23-2-1972 com 70 anos, 47 de profissão e 37 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Pediu para ser mandado às missões e passou quase toda a sua vida salesiana no Chile. Luminoso exemplo de trabalho sacrificado, desenvolveu um frutuoso trabalho de apostolado pela juventude e adultos, como bom educador zeloso das almas. Regressou para a pátria mas com as forças já completamente acabadas. Porrém era sempre sereno, sorridente e satisfeito por ter consagrado a sua vida pela glória de Deus na Congregação, à qual era afeiçoadíssimo e apegado.

#### *Padre João Vitali*

\* em Menaggio (Como-Itália) a 1-8-1914, † em Lugano (Suíça) aos 17-5-1972 com 57 anos, 37 de profissão, e 28 de sacerdócio.

Esteve no Chile, depois do noviciado, por 28 anos, como catequista e diretor de oratório, em Santiago-Gratitud e em Santiago-La Serena. Afetuoso e filial com os superiores, humilde e brincalhão com os irmãos, bom e entusiasmante com os jovens, era extraordinário pelas iniciativas e senso prático no trabalho de Oratório. Regressando doente para a pátria, transcorreu os seus últimos anos em Lugano, precioso confessor e exemplo a todos de paciência e bondade.

#### *Coad. Alberto Zahm*

\* em Lião (Rhône-França) aos 12-5-1903, † em Tulono (França) aos 11-6-1972 com 69 anos, 40 de profissão.

Entrado na Congregação com idade adulta, distinguiu-se pela humildade, disponibilidade e delicadeza. Muito querido por quem o tratasse, pelo seu caráter feliz. De sólida piedade, estava sempre pron-

to para servir a primeira missa da manhã. Os últimos anos, apesar da idade e pouca saúde, estava presente no pátio para assistir durante o recreio dos alunos.

*Padre Antônio Domingos Zitta*

\*em Ziano (Placência-Itália) aos 22-1-1898, † em Buenos Aires (Argentina) aos 21-3-1972 com 73 anos, 57 de profissão e 48 de sacerdócio. Foi Diretor por 12 anos.

Dois grandes ideais encheram a sua vida: o ensino e o ministério sacerdotal. Serviu esses ideais com generosa dedicação, na aula e no trabalho pastoral, primeiro como Diretor e depois como pároco, na basílica em Buenos Aires e em Ramos Mejía. Fruto do seu trabalho é a gratidão de tantos seus alunos (muitos dos quais sacerdotes) e a florescente espiritualidade das paróquias onde se prodigalizou. Difundiu muito a devoção de N. S. Auxiliadora através da Pia União dos devotos de N. S. Auxiliadora. Promoveu a coroação da imagem de N. Senhora em Buenos Aires e teve a alegria de ver o então Reitor-Mor Padre Renato Ziggiotti presente na solene cerimônia.

## 2.º Elenco 1972

N.	Sobremone e Nome	Lugar do Nascimento	Data do Nasc. e morte		Idade	Lugar da morte	Insp.
86	Sac. ANFOSSO André	Nice (F)	4.12.1907	8.5.1927	64	Rietupeyroux (F)	Ly
87	Dom ARDUINO Miguel	Foglizzo (I)	5.3.109	18.6.1927	63	Locri (I)	
88	Coad. AREZZO Nicolau	Gravina di P. (I)	8.12.1915	5.7.1972	56	Roma(I)	Ro
89	Sac. AUDISIO Januário	Philippeville (DZ)	4.11.1883	25.4.1972	88	Campo Grande (BR)	CG
90	Sac. BADALOTTI João	Isola Dovarese (I)	11.8.1912	22.8.1971	59	Barcelos (BR)	Mn
91	Sac. BALDAN José	Arino di Dolo (I)	20.3.1903	8.4.1972	69	Alexandria (I)	No
92	Sac. BANDINI Heitor	La Spezia (I)	31.7.1890	5.3.1972	81	Gênova (I)	Li
93	Sac. BIFFIS Alberto	Bergamo (I)	21.12.1908	30.5.1972	63	Canelli (I)	No
94	Sac. BONICELLI Henrique	Turim (I)	13.2.1909	3.7.1972	63	Bagnolo P. (I)	Sb
95	Sac. BUCHTA João	Ostrog (D)	15.6.1906	5.7.1972	66	Bagnolo P. (I)	Fi
96	Sac. CALVI Mário	Mornico Losana (I)	8.12.1906	20.3.1972	65	Bagnolo (I)	Ci
97	Sac. CARACCILO Aurino	Bonito (BR)	2.3.1907	4.5.1972	65	Recife (BR)	Re
98	Sac. CHADWICK João	Ballancolig (IRL)	4.4.1907	22.6.1912	65	Gloucester (GB)	Ig
99	Coad. CONNOLLY Franc.	Willington (GB)	7.7.1897	8.6.1972	74	Roma (I)	Cn
100	Sac. DALY Guilherme	Blantyre (GB)	17.2.1900	18.3.1972	72	Glasgow (GB)	Ig
101	Sac. DELPIANO Franc.	Canale d'Alba (I)	10.3.1930	29.5.1972	42	Turim (I)	Cn
102	Sac. DI STEFANO Luís	Capranica (I)	5.8.1931	30.5.1971	39	Cauborif (BR)	Mn
103	Sac. DUDA Agostinho	Wilkowyje-Tychy (PL)	7.8.1898	1.4.1972	73	Oswiecim (PL)	Kr
104	Coad. FACCHINI Alex.	Bolonha (I)	22.11.1888	17.6.1972	83	Cuneo (I)	Sb
105	Sac. FILIE' Júlio	Vallecchia (I)	10.10.1906	28.2.1972	65	Roma (I)	Or
106	Sac. FORSTER Vicente	Sauce Corto (RA)	4.7.1899	3.2.1972	72	Buenos Aires (RA)	BA
107	Sac. GARCIA Basílio	Palacios del A. (E)	5.6.1916	5.2.1972	55	Los Teques (VZ)	Vz
108	Sac. GRUSLIN Raul	Haedo (RA)	20.2.1892	25.5.1972	80	Bahía Blanca (RA)	BB
109	Coad. GUASCHINO Luís	Occimiano (I)	16.2.1893	9.3.1972	79	Turim (I)	Cn
110	Sac. KAMPA Matias	Stare Budkowiec (PL)	24.2.1884	28.3.1972	88	Prock (PL)	Lz
111	Sac. KELLERMANN João	Lämmersreuth (D)	25.8.1907	29.3.1972	64	Del Valle (RA)	LP

## 2.º Elenco 1972

N.	Sobremone e Nome	Lugar do Nascimento	Data do Nasc. e morte	Idade	Lugar da morte	Insp.	
112	Sac. KOZIEL Constantino	Budy-Rajsko (PL)	13.6.1927	16.3.1972	44	Kraków (PL)	Kr
113	Coad. LEIDDA João	Santulussurgiu (I)	16.8.1904	23.12.1971	67	Sunbury (AUS)	At
114	Sac. LOWRY Júlio	Buenos Aires (RA)	10.1.1887	4.4.1972	85	Cólonia Barón (RA)	LP
115	Sac. MINASSO Otávio	Cigüe (I)	20.3.1915	26.4.1972	57	Génova (I)	Lí
116	Sac. MIZZI Luís	Gozo (M)	1.9.1900	7.4.1972	71	Catânia (I)	Sc
117	Coad. MO Francisco	Montroig-P. (E)	23.1.1937	17.2.1972	35	Barcelona (E)	Bn
118	Sac. MONGOUR Paulo	Saint-Etienne (F)	14.9.1901	8.5.1972	70	La Mulatière (F)	Ly
119	Coad. PION Aleixo	Palmanova (I)	9.1.1910	31.5.1972	62	Novara (I)	No
120	Sac. REBEK Estanislau	Trieste (I)	7.6.1908	28.4.1972	63	Ljubljana (YU)	Lj
121	Sac. RIVERA Adolfo	Zamora (E)	29.8.1907	12.6.1972	64	Buenos Aires (RA)	BA
122	Coad. SANZ Lúcio	Gomeznarro (E)	30.12.1933	2.11.1971	37	Orense (E)	Le
123	Sac. SCHMIT Miguel	Esch-sur-Alzette (L)	18.10.1917	10.3.1972	54	Lubumbashi (RZ)	AC
124	Coad. SICHER Cândido	Còredo (I)	2.1.1897	29.2.1972	75	Pínerolo (I)	Cn
125	Coad. SOLIS José	Pampa Grande (EC)	25.8.1892	17.5.1972	79	Cuenca (EC)	Cc
126	Sac. SPAMPINATO José	Aderno (I)	14.6.1900	16.3.1972	71	Turim (I)	Cn
127	Sac. SPINOZZI Vicente	Cupramarittima (I)	16.9.1905	29.5.1972	66	Don Bosco (RA)	LP
128	Sac. SPRIANO Evásio	S. Salvatore (I)	12.11.1881	30.4.1972	90	Turim (I)	Cn
129	Sac. STRUNK Luís	Herzfeld (D)	27.6.1907	26.3.1972	64	Marienhäusen (D)	Kö
130	Sac. TOMAZ José	Abre Campo (BR)	17.8.1924	1.6.1972	47	Belo Horizonte (BR)	BH
131	Coad. TORRE Miguel	Casalnuovo Monter. (I)	22.8.1912	31.3.1972	59	Vibo Valentina (I)	Cp
132	Coad. TORRES Saturnino	Carasí (Bolívia)	22.3.1901	14.2.1972	70	Cochabamba (Bol.)	Bí
133	Sac. WEGNEROWSKI L.	Brzezka-Torún (PL)	23.1.1902	23.2.1972	70	Wozniaków-Kutno (PL)	Lz
134	Sac. VITALI João	Menaggio (I)	1.8.1914	17.5.1972	57	Lugano (CH)	No
135	Coad. ZAHM Alberto	Lião (F)	12.5.1903	11.6.1972	69	Toulon (F)	Ly
136	Sac. ZITTA António	Ziano (I)	22.8.1898	21.3.1972	73	Buenos Aires (RA)	BA

Composto e impresso nas  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS  
Rua da Mooca, 766 (Mooca)  
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.  
Caixa Postal 30 439  
SAO PAULO